



Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará

# XXI PRÊMIO IDEAL CLUBE DE LITERATURA PRÊMIO JOSÉ TELLES



**CARLOS AUGUSTO VIANA**  
ORGANIZADOR

**EDIÇÕES  
INESP**





**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

**XXI  
PRÊMIO  
IDEAL CLUBE  
DE  
LITERATURA**

**PRÊMIO JOSÉ TELLES**

Carlos Augusto Viana  
Organizador

**XXI  
PRÊMIO  
IDEAL CLUBE  
DE  
LITERATURA**

**PRÊMIO JOSÉ TELLES**

**INESP**

Fortaleza - Ceará  
2019

Copyright © 2019 by INESP

Coordenação Editorial

**João Milton Cunha de Miranda**

Assistente Editorial

**Rachel Garcia e Valquiria Moreira**

Diagramação

**Mario Giffoni**

Capa

**José Gotardo Filho**

Revisão

**Lucia Jacó Rocha**

Coordenação de impressão

**Ernandes do Carmo**

Impressão e Acabamento

**Inesp**

**Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará**  
**VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS**

Catalogado na Fonte por: Daniele Sousa do Nascimento

---

V673 XXI Prêmio Ideal Clube de Literatura: Prêmio José Telles / organizador, Carlos Augusto Viana. – Fortaleza: INESP, 2019. 160p. ; 21 cm.

ISBN: 978-85-7973-146-4

1. Literatura, Brasil. 2. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o desenvolvimento do Estado.

CDD 869.3

---

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro, desde que citados autores e fontes.

**Inesp**

Av. Desembargador Moreira, 2807

Ed. Senador César Cals de Oliveira, 1º andar

Dionísio Torres

CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil

Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707

[al.ce.gov.br/inesp](http://al.ce.gov.br/inesp)

[inesp@al.ce.gov.br](mailto:inesp@al.ce.gov.br)

## **IDEAL CLUBE**

**Presidente:** Alcimor Rocha

**Presidente do Conselho Deliberativo:** Amarílio Cavalcante

**Diretor de Cultura e Arte:** Carlos Augusto Viana

## **CONSELHO EDITORIAL**

**Presidente:**

Professor Doutor Carlos Augusto Viana  
(Universidade Estadual do Ceará)

**Conselheiros:**

Professora Doutora Aíla Sampaio  
(Universidade de Fortaleza)

Professora Doutora Betty Fuks  
(Universidade Veiga de Almeida – Rio de Janeiro)

Professora Doutora Laéria Fontenele  
(Universidade Federal do Ceará)

Professora Doutora Nadiá Paulo Ferreira  
(Universidade Estadual do Rio de Janeiro)

## **COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO**

Alcimor Rocha  
Ubiratan Aguiar

## **CONSELHO CURADOR DE CULTURA DO IDEAL CLUBE**

**Presidente:**

Ubiratan Aguiar

**Conselheiros:**

César Montenegro  
José Augusto Bezerra  
Pádua Lopes  
Ricardo Bacellar  
Vânia Dummar



## APRESENTAÇÃO

**T**odo o trabalho realizado em função da construção de escritores colabora, vigorosamente, para a promoção do livro; para a formação de cidadãos mais críticos, pois instiga o indivíduo a pensar sobre o cotidiano da sua comunidade e, principalmente, impulsiona a atuar na melhoria da sua realidade. Contribui, assim, em médio e longo prazo, para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil.

O investimento na literatura cearense auxilia, inclusive, a fixar uma visão estética própria do Estado, sendo uma expressão cultural que, além de ser uma forma de lazer, constitui-se um espelho dos nossos hábitos.

Reconhecendo a importância do “XXI Prêmio Ideal Clube de Literatura”, e trabalhando, desta feita, o gênero Conto, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), disponibiliza para a população cearense a obra que traz os textos vencedores do concurso e que, de forma indireta, colabora para o desenvolvimento do Brasil, na medida em que leva o cidadão a trabalhar para a sua própria melhoria e para o desenvolvimento de sua cidade. A obra, então, manifesta o nosso desejo de ampliação do acesso à cultura.

**Deputado Estadual José Sarto**  
Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará





## PREFÁCIO

A leitura e a escrita encontram-se no centro das práticas sociais, instigam o nosso imaginário e levam-nos a uma interpretação própria, contribuindo para que a sociedade possa refletir e mudar as situações incômodas.

Oportunizar a editoração desta publicação é reconhecer a importância que ela exerce na divulgação das criações literárias, cuja contribuição continua enriquecendo a cultura do Ceará e do Brasil.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), orgulhosamente, disponibiliza esta obra, repleta de produções singulares, como forma de levar aos leitores um amplo e impactante mundo desenhado pelas palavras, pois considera que a construção de textos são marcas deixadas no mundo, atribuindo significados à nossa existência.

**Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda**

Presidente do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o  
Desenvolvimento do Estado do Ceará



## PRÓLOGO

A poesia de José Telles construiu-se como um edifício que vai ganhando altura e bom acabamento a cada andar, com janelas e varandas vastas e belas, a receber as brisas do tempo, os ecos da memória e os sopros oscilantes das circunstâncias. Escolheu, desta vez, o cenário das areias, filho que é de uma aldeia litorânea, a Vila de Bitupitá, onde, certamente, tantas vezes viu imprecisas formas nas madrugadas nebulosas, algumas verdadeiras e outras inventadas pelos seus anseios de menino cismador, possuído dos sonhos e desejos de um longo navegar. A silhueta das areias – esse pequeno grande livro de José Telles – é desenvolvido em dois movimentos. No primeiro, trata “Do amor” e por aí viaja como um deus olímpico disfarçando-se de todas as formas na árdua tarefa de conquistar os objetivos de sua sedução. Astuto e melífluo, pode assumir várias identidades, inventar desculpas azuis e cumprir as mais longas vigílias no afã de seu empreendimento lírico. No segundo movimento, em que trata “Da vida”, assume uma atitude surpreendentemente outonal. Decanta a maturidade e, com certa cavilação e estudada manha, chega a pedir desculpas por estar envelhecendo. Sabe o poeta, o Zé Telles e os outros afilhados da luz, que não nos basta copiar a vida, mas novamente instituí-la como oficina de sonhos e horizonte de esperanças, a estrada solar por onde haveremos de caminhar todos os dias entoando as doces canções de liberdade.

**Juarez Leitão**

Da Academia Cearense de Letras



## PALAVRAS DO IDEAL CLUBE

Venho, com satisfação e sensação de dever cumprido, coroar o final de meu atual mandato de Presidente do Ideal Clube, com a XXI edição de nosso Prêmio Literário – Prêmio José Telles, agora no gênero Conto. Como todos sabem, José Telles é a memória viva da presença da Cultura nessa Casa, tendo sido, em sucessivas gestões, o nosso Diretor Cultural. Médico e escritor, publicou livros de poemas, de crônicas e de ensaios. Integrou a Academia Cearense de Letras, a Academia de Letras e Artes do Nordeste, a Sociedade Brasileira de Médicos Escritores e Academia Cearense de Médicos Escritores. Aproveitamos a ocasião para agradecimentos ao nosso Conselho Curador de Cultura, na figura de seu presidente, Ministro Ubiratan Aguiar, ao nosso Vice-Presidente, Luiz Fernando Porto Mota, pelos esforços que tornaram possível a realização desse evento, bem como à Academia Cearense de Letras, pela chancela ao nosso Prêmio Literário, e, por fim, à Comissão Julgadora, pela dedicação à leitura dos textos e imparcialidade em seu julgamento.

**Alcimor Rocha**

Presidente do Ideal Clube



## SUMÁRIO

<b>PREMIAÇÃO</b>	<b>27</b>
<b>PRIMEIRO LUGAR</b>	<b>29</b>
A FRAGILIDADE DOS LAÇOS	31
<b>Rosa Maria de Sousa</b>	
<b>MENÇÃO HONROSA</b>	<b>33</b>
CONTO DE AMOR Nº 1: O ENCONTRO	35
<b>Anna Heloisa de Vasconcelos</b>	
A CHUVA É TESTEMUNHA	38
<b>Daniele Maria Ribeiro Nonato</b>	
POR UMA EPISTEME INFANTIL NA CRIPTOZOOLOGIA	41
<b>Felipe de Abreu Fortaleza</b>	
A BOTIJA	46
<b>Francisco Francilaudio Augusto Maropo</b>	
POR TRÁS DO TEMPO	50
<b>Gentil Claudino de Galiza Neto</b>	
CONVERSÃO	52
<b>Hortência Siebra Silva</b>	
MICRODRAMAS FAMILIARES	54
<b>Júlio Albuquerque Camilo Saraiva</b>	
A MENINA E OS LIVROS NA ESTANTE	59
<b>Márcio Roberto da Silva Castro</b>	
O ARTISTA E O MAR	64
<b>Paulo Antonio de Menezes Albuquerque</b>	
MEU NOME ERA ALICE	67
<b>Vanessa Paulino Venancio Passos</b>	
<b>DESTAQUES</b>	<b>71</b>
A IGREJA DO CÉU	73
<b>Ana Luiza Ferreira Gomes Silva</b>	
JOÃO DE BARRO	78
<b>Carlos Magno Gurgel Cavalcante</b>	
A ÚLTIMA COVA	80
<b>Cícero Bôscoly Mangueira de Moraes</b>	
NOITE DE ESPETÁCULO	83
<b>Cléa Beatriz Silva Penha</b>	
EU NÃO CONSIGO LEMBRAR POR QUE TE AMO	86
<b>Daniel Silva Marques</b>	

RESILIÊNCIA	90	
<b>Francisco José Tobias de Lima</b>		
VULTOS	93	
<b>Francisco Sinval Farias de Sousa</b>		
ESCALA	96	
<b>Ilton Aparecido de Paiva</b>		
O HOMEM QUE FUMAVA	97	
<b>José Airton Nascimento Diógenes Baquit</b>		
JOÃO LOUCO	100	
<b>Policarpo Barbosa</b>		
A QUEDA	107	
<b>Magna Maricelle Fernandes Moraes</b>		
A VISITA	110	
<b>Marcelo Carleial de Oliveira</b>		
VALIOSO BAÚ	112	
<b>Maria Antônia de Jesus Fortuna</b>		
UMA RÉSTIA DE LUZ	116	
<b>Maria Lucirene Façanha</b>		
À FLOR DA PELE	118	
<b>Marília Lovatel</b>		
ESCRITO A DOIS CORAÇÕES	121	
<b>Marta Viana Pinheiro Albuquerque</b>		
FOLHA EM BRANCO	126	
<b>Mônica Serra Silveira</b>		
SETEMBRO É O MÊS DOS VENTOS	128	
<b>Nathália Pimentel Ximenes</b>		
AO APAGAR DA LAMPARINA (CRIME E CASTIGO)		133
<b>Oseias Targino de Oliveira</b>		
NINGUÊNS	137	
<b>Ricardo Guilherme Vieira dos Santos</b>		
INFINITO	139	
<b>Rodrigo Ribeiro Cavalcante</b>		
SE UMA AMANTE DE LIVROS NUMA PRAÇA	141	
<b>Simone Pessoa Pereira Sampaio</b>		
ASA PARTIDA	147	
<b>Ulisses Nunes Rocha</b>		
INTEMPESTIVA PRIMAVERA	149	
<b>Zélia Maria Sales Ribeiro</b>		
<b>BIÊNIO 2018/2020</b>	152	
<b>PRÊMIO IDEAL CLUBE DE LITERATURA – 2019</b>	155	



## COMISSÃO JULGADORA

### **Aila Maria Leite Sampaio**

Exerce o magistério, desde 1995 e, atualmente, é professora da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, onde é Assessora Pedagógica do Centro de Ciências Humanas e editora da Revista de Humanidades. Escreve poemas, contos, crônicas e, sobretudo, resenhas e ensaios sobre o texto literário, que vem publicando esparsamente em jornais e revistas do país. É doutora em Letras pela UFC. Professora da SEDUC e da Unifor, tem quatro livros publicados e dezenas de resenhas e ensaios acerca de textos literários em blogs e revistas especializadas. Faz parte da Academia de Letras e Artes do Nordeste.

### **Douglas Carlos de Paula Moreira**

Professor de Literatura Comparada e Crítica Literária do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Literatura Brasileira e Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

### **Lourdinha Leite Barbosa**

Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará onde foi professora-adjunta. É mestra em Letras, pela Universidade Federal do Ceará. Membro da Academia Cearense de Letras e da Academia de Letras e Artes do Nordeste, da Academia Ipuense de Letras, da Sociedade Amigas do Livro e da Sociedade dos Bibliófilos do Brasil. Publicou as seguintes obras: Protagonistas de Rachel de Queiroz: Caminhos e Descaminhos, 1999; A Arte de engolir palavras (contos), 2002; Pela Moldura da Janela & outras histórias, 2011; 100 Anos de Rachel de Queiroz: vida e obra, 2010; Barão de Camocim: uma história real tecida com os fios da imaginação.

## **Regine Limaverde**

É formada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Ceará, com mestrado em Tecnologia de Alimentos (1985) e doutoramento em Microbiologia pela Universidade de São Paulo (1986). Professora universitária titular no curso de Engenharia de Pesca da UFC, pesquisadora do Laboratório de Ciências do Mar (da Universidade Federal do Ceará). Membro da Academia Cearense de Letras; da Academia Cearense da Língua Portuguesa; e da Academia de Letras e Artes do Nordeste. Publicou os seguintes livros de poesia: Rio em Cheia, (1980); Ressurgências, (1982), Estrela de Vidro, (1984), Prêmio Estado do Ceará; Mar de Sargaços, (1985); Poemas Quaternários, (1990); As Leves e Duras Quedas do Amor, (1992); Caleidoscópio, (1995); O Limo e a Várzea, (1998); Eternas Lanternas do Tempo, (2012); Canção do Amor Inesperado, (2014); Dentro de Mim, o Mar, (2017).

## **COORDENAÇÃO**

### **Carlos Augusto Viana**

Professor do Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará. Graduado em Comunicação Social; mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará; doutor em Educação e Pós-Doutor em Educação por essa mesma Universidade. Membro da Academia Cearense de Letras; e da Academia de Letras e Artes do Nordeste. Membro Honorário da Academia Cearense de Médicos Escritores. Publicou no gênero poesia: Primavera empalhada; Inscrições dos lábios; A báscula do desejo (Prêmio Osmundo Pontes); Códex (Prêmio Unifor); no gênero ensaio: Drummond: a insone arquitetura; A tessitura poética de José Telles; A literatura cearense através de ensaios; A poesia brasileira segundo os estilos de época.

## JOSÉ TELLES: O SOLO DAS CHUVAS OU A MESSE DOS IMPONDERÁVEIS FRUTOS

Carlos Augusto Viana

A escritura de José Telles é, em sua essência, sobretudo lírica. Sua cosmovisão, portando, advém filtrada pelo que, dependendo da relação que estabeleça com o estar-no-mundo, pode anunciar-se como a expressão de um desencanto em relação à engrenagem social, ou mergulhar mais em suas próprias entranhas, mostrando--se, desse modo, introspectiva e de um acentuado individualismo. "O solo das chuvas", (TELLES, 2008), vencedor do Prêmio Osmundo Pontes/2007, não só confirma tal tendência, mas lhe aponta, por outro lado, mais uma faceta: a de, livro a livro, concentrar-se, predominantemente, num determinado interesse temático; e, com tal procedimento, encontrar – o que não deixa de ser inusitado – caminhos novos.

O poema-título imprime-se, antes de tudo, como uma epígrafe do próprio livro, uma vez que, de certa forma, tanto lhe antecipa as preocupações temáticas, como, por outro lado, também diz respeito a determinados procedimentos estilísticos por que há de orientar-se a expressão literária do autor, constituindo caminho para a sua poética:

O pó de minhas têmeoras  
apascenta os cílios da noite.  
Um solo de chuva  
açoita a primavera da memória.  
Minha eternidade  
se assenta no sal do meu delírio  
e o azul de minhas lembranças  
embala meus silêncios. (TELLES, 2008, p. 20).

Trata-se, portanto, de um metapoema, uma vez que reflete acerca da relação que o eu lírico mantém com o fazer poético.

Decompostas as "têmperas" (v. 1), isto é, o ímpeto para a sua caça às palavras, entrega-se, passivamente, à insônia. No entanto, surge "um solo de chuva" (v. 3), com a força de seu sumo inaugural: a poesia apresenta-se ao poeta, rompendo a crosta que o separava do encantamento; por isso, tudo o que é efêmero se conserva, magicamente, em sua escritura, sendo, assim, "o sal" (v. 6) de seu "delírio" (v. 6). O que a vida lhe tira, com a gravidade de sua ferrugem, recupera poeticamente – e isto o pacifica. O verso "Um solo de chuva" (v. 3), relacionado à natureza geral das composições, revela a natureza plural do título "O solo das chuvas": se há uma relação intrínseca entre o poeta e o poetar, o "solo" é o livro; e as "chuvas", os poemas – suor e lavoura, colheita do embate do eu lírico com o mundo.

A leitura da poética de José Telles, alicerçada na recorrência dessas imagens (solo e chuva), deve levar em conta o fato de que, a rigor, o silêncio a que visa o poeta não constitui um elemento integrado ao mundo exterior; é, sim, oriundo do próprio poema, implicando, assim, a busca da articulação de outra linguagem. Partindo desse princípio, o poema tem que ser pensado, "nos termos dinâmicos de movimentos reversíveis que vão da linguagem para o silêncio que ela mesma instaura" (CARONE, 1979, p. 114), a perseguição de possibilidades outras de construção.

Em "Alquimia", um desses caminhos construtivos reside na progressão do ritmo, que, de modo determinado, contribui para a edificação de uma atmosfera impressionista:

Tenho medo do céu  
e dessas nuvens ambulantes  
que podem cair de repente

Tenho medo que a crosta do meu nome  
não suporte as alergias do poder  
e que a força do meu braço  
seja incapaz de conter a minha fome.

Tenho medo de que a sombra das esperas  
esconda a esperança que ainda não tenho. (p. 21).

A primeira estrofe põe em cena um sujeito lírico que, à semelhança dos viajores dos tempos arcaicos, na contemplação de “nuvens ambulantes” (v. 2), tinha a sensação de que essas tombariam sobre ele. A segunda estrofe atualiza um combate entre o eu e o mundo, no temor de que “a crosta” (v. 4), a princípio, a protegê-lo, seja corroída pelas “alergias do poder” (v. 5). Na última estrofe, o eu ainda não se retirou da luta; porém mostra-se cauteloso ante o imponderável.

Em duas estrofes assimétricas, com versos livres e brancos, o poema “Zéfiros” espelha o lirismo inaugural de José Telles:

És seda que cobre a noite,  
quando teu corpo se amorena e dorme.  
No linho de tuas curvas  
tenho a senha das porcelanas e dos pássaros.

Viajo esse amor que me sustenta,  
preciso das sobras desse corpo  
para sair dançando a valsa imprecisa do silêncio  
e para sentir o mistério das coisas  
que amanhecem e tocam tua pele. (p. 22).

Na primeira estrofe, a metáfora presente em “És seda que cobre a noite” (v. 1) abre caminho para o encontro entre o erótico e o estético, imprescindível para a construção de uma atmosfera, ao mesmo tempo, misteriosa e contemplativa, muito próxima do insólito: o “corpo se amorena” (v. 2) e, ao dormir, dilata-se, cobrindo “a noite” (v. 1). A escolha lexical “seda” (v. 1) e “linho” (v. 3) aproxima esse “corpo” (v. 2) das representações

simbólicas dos véus e dos pergaminhos, respectivamente – da mesma forma como “a senha da porcelana e dos pássaros” (v. 4) é a chave para delicadezas e viagens; e a essas o eu enunciador deseja entregar-se para, ao amanhecer na “pele” (v. 9) da amada, poder “sentir o mistério das coisas” (v. 8). O título alude ao vento como portador de boas novas.

Ainda levando-se em conta os elementos recorrentes na escritura de José Telles, assoma a sua forte relação com o passado. Trata-se, porém, de um passado imemorial, pois, sobre esse, recai, mais do que a imagem da infância, a reconstrução de um tempo marcado por intenso atavismo, consoante à leitura de “Jardim com pássaros e silêncios”:

Nestas ruas  
onde caminham segredos  
existe um porto  
onde navegam meus mortos.

Estes pássaros jantam comigo  
e me convidam a voar  
nem percebem que estou  
preso nessa gaiola de pedra.

No salitre da paisagem  
rumino silêncios  
e encaderno palavras  
Os pássaros recolhem minhas perdas. (p. 23).

Nesse poema, o espaço é absoluta relevância. A voz lírica, naturalmente, não se detém por sobre os elementos colhidos de uma vivência cotidiana, de que se reconhecem os elementos que a confirmam. Não. Observe-se que, na primeira estrofe, em vez de homens, na sua luta brava pela conquista do dia a dia, “caminham segredos” (v. 2) nas “ruas” (v. 1); e se há “um

porto" (v. 3), nele "navegam os mortos" (v. 4). Nesse sentido, as imagens das "ruas" e do "porto", sendo, em seu bojo, abstratas, remetem, ao longe, uma terra talvez da infância, quer seja essa uma experiência individual ou coletiva.

Também os exercícios de metalinguagem orientam a criação poemática, ainda que possam inscrever-se, tão somente, como uma digressão e não se concentram nos vazios ou nos empecilhos do ato de criação poética. Mais uma vez, depara-se a relação do poeta com o poema: preso a uma "gaiola de pedra" (v. 8), as palavras-pássaro – as que comparecem à sua ceia – incitam-no à libertação pelo poético; é como se apenas a partir do ato de fazer poesia fosse possível a tessitura dos voos. Sendo assim, contemplando essa inefável e incorpórea "paisagem" (v. 9), o eu lírico retira-lhe, tacitamente, o adubo, triturando o mosto desse momento, para, por fim, livrar-se daquela "gaiola de pedra" (v. 8) e, invertendo a situação, encadernar aquelas palavras-pássaros, isto é, pô-las nas grades de uma folha de papel e, depois, juntá-las ao livro.

O poema "O adeus em linho da primeira paisagem", com versos brancos e livres, dispostos em uma única estrofe assimétrica, alicerça-se, sobremaneira, a partir de jogos metafóricos:

Em legendas de pedra,  
madrugadas me contemplam.  
O barro do silêncio disfarça o medo da morte  
e lágrimas que cresceram com a neve dos invernos  
ainda parecem líquidas.  
Segredos se escondem no espaço das têmeoras,  
o contorno dos sorrisos ainda é visto à espera,  
uma saudade amortalha-me a carne,  
em lâminas a matéria se contorce.  
E vive. (p. 25).

Na elaboração desse texto, elementos descritivos e narrativos se entrelaçam para o tecido de uma atmosfera plena de abstrações. Registra a passagem das horas, mas horas intemporais, senhoras de um mundo enigmático, em que tanto elementos da natureza quanto sentimentos sofrem personificação, para que, assim, possam agir sobre um eu que, passivo, a tudo assiste. As metáforas "legendas de pedra" (v. 1) e "o barro do silêncio" (v. 3) representam, numa alegoria, as eras pretéritas, atualizando, no presente, gestos e volições inerentes ao perene humano no drama da existência.

Em "Ruínas", José Telles, em quatro quartetos simétricos, com versos decassílabos, às vezes com acomodações, e rimas alternadas (ABCB – DEDF – GHIH – JLMJ), cria, mais uma vez, em direção aos ditames do surrealismo:

Faço versos com um punhal nos olhos  
jaz em mim a metáfora assassina  
e se espio minha face decomposta  
minha saudade vai diminuindo.

Tenho no corpo partes intocadas  
de prazeres, lascívias e adeuses  
e na mente silêncios enterrados  
que são pecados escondidos – Deus!

Nas tábuas onde escrevo minhas juras  
o indez do passado me alucina  
e à sombra deste corpo agora impuro  
sobrevivem outroras em ruínas.

Ainda no perímetro do silêncio  
guardo em segredo lágrimas de porto  
recolho a prazo o pó de meus espelhos:  
um coração batendo em mim já morto. (p. 27).



Trata-se, evidentemente, de um metapoema, no qual o sujeito da escrita se revela ao leitor como parte também integrante dos versos que escreve, por isso, o eu lírico e o poema formam uma só composição vital. As imagens surrealistas, "Faço versos com um punhal nos olhos" (v. 1) e "espio minha face decomposta" (v. 3), dizem muito dessa simbiose: a decomposição do eu é a própria decomposição dos versos.

Onde as sagradas areias em que se encontram os "silêncios enterrados" (v. 7), incessantes, quedam sobre sua "mente" (v. 7)? Esses "silêncios" (v. 7) são, deveras, "o indez do passado" (v. 10), ou seja, o chamariz para que o poema refaça as "outras em ruínas" (v. 12) – o termo "outras", assim no plural, é uma licença poética para que o leitor se dê conta de que se trata de um passado do passado do passado, numa sucessão infinita de vivências do ontem – um longe primordial.

Andando no "perímetro do silêncio" (v. 13), segredando, em si, "lágrimas de porto" (v. 14), o sujeito viajor, em sua jornada, recolhe, pelo poético, fragmentos de sua imagem: "o pó de meus espelhos" (v. 15), resignado em seu crepúsculo.



# PREMIAÇÃO

Na intimidade do silêncio  
Muitas vezes não percebo  
Se é noite ou se é dia  
Mas é de lá que recolho  
Com muita paciência  
Alguma sabedoria

**José Telles**



# **PRIMEIRO LUGAR**

**A FRAGILIDADE DOS LAÇOS**

**Rosa Maria de Sousa**



## A FRAGILIDADE DOS LAÇOS

Rosa Maria de Sousa

A noite se insinuava. O pôr do sol havia passado majestoso e triste. Necessitava chegar em casa. Estava exausta. Precisava alimentar o gato e os peixes. Sinal demorado aquele. Não fosse o malabarista de macacão verde, teria sufocado. A toda hora me lembrava do gato e dos peixes. O outro havia me abandonado, exatamente, no dia em que os vazios e os silêncios costumavam me apavorar. O gato e os peixes eram agora minha única família. Foi exatamente no domingo, os sinos acabavam de tocar sua última nota. O malabarista tinha o rosto cansado e me olhava. Deixou cair uma argola. Ruptura. Sorri! Esqueci o monótono de estar presa a um sinal. Esqueci a minha solidão. São tão vitais os momentos em que recuperamos a sanidade. Havia dias que não esboçava nenhum sorriso. E se o gato também me abandonasse? Restariam os peixes, decerto. Um pânico me atravessou, como pôr do sol se despedindo da tarde. O malabarista se recompôs e recomeçou a jogar as argolas com maior vigor. Fui abandonada, tantas vezes. Por meu pai, por minha mãe e agora por ele. “Calma, os seus pais não abandonaram você, foi um acidente”. Ouço vozes. Recebi, desde então, tantos conselhos. Não me caíram bem. Agora, prefiro vestir minha própria roupa, mesmo em situações de caos. Cheguei a achar irritante a voz de alguns amigos para que eu me conformasse. “Tem MPB mais tarde, vamos? Você merece coisa melhor, vamos?”. Eu estava de luto, não entendiam. Ele gostava de brincar, mesmo nos momentos em que eu contava os despautérios do meu chefe. Acabava achando fundamento no seu bom humor. Fazíamos amor e conversávamos. Tão raro conversar depois de fazer amor. Alguns dormem. O que fez com que ele fosse embora, sinceramente não consigo alcançar. Tinha acabado de chegar da livra-

---

ROSA MARIA DE SOUSA (Pseudônimo: Gaia) nasceu em Itapipoca-CE. cursou Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará. Em 2014, foi premiada com o Livro Jaci, a filha da Lua no Edital Paic, Prosa e Poesia (SEDUC). Em 2015 lançou Movimentos Intransitivo e, no mesmo ano, recebeu menção honrosa no Prêmio XVIII estadual Ideal Clube. Autores prediletos: Manoel de Barros e Clarice Lispector.

ria com Clarice nas mãos e desejosa de ler os contos com ele. A sugestão seria depois do jantar. Uma massa, um vinho branco e Clarice. Não houve jantar. No auge da minha euforia, vi-o na sala de malas prontas. As mesmas que trouxera. Nenhuma palavra. Meu corpo experimentou uma paralisia indescritível. Associei exatamente ao dia em que me deram a notícia do falecimento dos meus pais. Lembro-me do rosto da minha tia, e da minha professora. Nenhuma lágrima como esperado nessa situação.

Quando a porta da sala se fechou ajudada pelo vento frio que invadia a casa, corri para o quarto. Olhei a mesa de cabeceira, nenhuma palavra escrita. Vazio. Tantos elogios, tantas delicadezas... interrompo o pensamento, havia passado da hora de alimentar o gato. O malabarista me olhava fixamente. Sinal demorado. Olhei o relógio. E se o gato resolvesse comer os peixes? Impossível! O gato era manso. Passei a não confiar nos mansos. Por que a gente sempre quer pagar a conta quando perde o amor? Por que carregar a culpa do que não deu certo? Talvez tenha dado certo pelo tempo necessário, quem sabe... não sou propriamente a mulher perfeita, nunca quis ser, mas estávamos sempre um querendo agradar o outro nas mínimas coisas. Mas ele se foi, como diz Chico Buarque, com seu passo tímido. O malabarista estacionou na minha janela, indiferente aos meus pensamentos e à minha história. O show havia terminado. A conta teria que ser paga. Tateei uma moeda. Baixei o vidro. Meus olhos encontraram com o rosto do malabarista. Era belo e selvagem. Ah, estava cansado. Senti-me refletida em seu rosto. Também não sabia a história dele. Pude apenas observar a sua força depois de deixar cair a argola, tinha uma inveja em andamento, ele se reergueu, por que não levanto? Lembrei-me de que o gato tinha uma fragilidade visível. Agora anda pela casa com fidalguia quase exagerada. Entrego as moedas, o sinal abre. Olho o malabarista dobrar a esquina. Vazio. Novamente abandonada por um desconhecido em meu show particular. Todos são desconhecidos, me dou conta. Uma buzina dispara, assusto-me! Sinal verde. Tiro o pé do freio e acelero. E se o gato resolver me abandonar? Alinho o pensamento na imagem do malabarista recolhendo a argola.



# MENÇÃO HONROSA

No peito  
Invertebrado do silêncio;  
No poema,  
Vértebras fragmentadas

Dor saía  
Pelo vermelho do crepúsculo  
E pelo outono das metáforas

**José Telles**



## CONTO DE AMOR Nº 1: O ENCONTRO

**Anna Heloisa de Vasconcelos**

*A forma do amor é bastante peculiar. É difícil falar como se parece, pois cada pessoa o vê de um jeito. Além disso, não existe uma forma fixa, mesmo para uma mesma pessoa. Ele muda constantemente: é preciso se acostumar com esse fato para continuar reconhecendo-o como tal. Pode ser facilmente confundido com diversos outros sentimentos que vagam pelas ruas, encontrados a qualquer esquina. A forma do amor não é inicialmente extraordinária, precisa-se de bastante atenção para se fazer notar este ser.*

*O amor é algo muito difícil de se encontrar. Ele não aparenta como mostrado nos filmes, algo rosa, cheio de corações. Muito pelo contrário, é algo disforme, um ser esquisito. E não é com um esbarrão, um derrubar de livros e uma troca de olhares que o amor será descoberto, necessariamente. As pessoas costumam esconder seus amores dentro de si com tanta voracidade que ele se torna pequeno, achatado e amassado, quase invisível. Mas o amor se transforma, torna-se bonito aos olhos de quem ama, uma beleza tão intrínseca e tão fantástica que seduz quem pode vê-la. Faz não querer nunca mais largar.*

*Encontrar o amor é uma escolha cega. É um virar para direita ou para esquerda, um jogo de azar – ou de sorte.*

Quando ela encontrou o amor era uma terça-feira. Ou quarta. O dia da semana não tem muita importância, na verdade. Caminhava no meio da rua, tropeçou e caiu no amor. Pegou-o em suas mãos: era algo pequeno, tímido, escondia-se em algo que parecia uma concha. Mas ela, que sempre gostou de coisas diferentes, considerou-o interessante, mesmo sem saber

---

ANNA HELOISA DE VASCONCELOS (Pseudônimo: Ipoméia) nasceu em São Paulo em 1997 mas faz o Ceará de casa há mais de dois terços de sua vida. É jornalista formada pela UFC e apaixonada por livros desde sempre. Admira quem é da profissão e consegue inserir literatura na prosa cotidiana; tenta fazer isso diariamente. Um dos autores preferidos é Gabriel Garcia Marquez, que fez isso muito bem.

o que era. Limpou-o com a barra da blusa e colocou-o no bolso para levar para casa. E seguiu indo para qualquer canto que fosse.

Não percebeu, de início, que era amor. Também não aconteceu em algum momento um click, um insight, “*Caraca, isso é um amor!*”. O amor chegou de mansinho, fez morada nela e ela nem percebeu, avoada como é.

Ela nem mesmo o estava procurando, como alguns caçam incessantemente. Buscava, no máximo, algo que a fizesse rir e, por sorte, o amor é um comediante nato para quem ama. Faz rir até da maior besteira, uma piada de tio se torna a melhor piada do mundo quando contada pelo amor.

Naquela mesma tarde, conversou com o amor. Quis conhecê-lo, fez milhares de perguntas. Mas esse, claro, não se abriu assim tão fácil. Ele falou de alguns de seus gostos mais superficiais, a chamou para passear e largou alguns elogios a ela, que ficou lisonjeada. Ele apostou que ela não conseguiria adivinhar quem ele realmente era. Ela aceitou; adorava apostas, mesmo sendo péssima nelas. Chutou todos os nomes possíveis, mas só depois de vários meses descobriu.

E, por deixá-la feliz, deixou-o ficar. Acostumou-se com suas manias estranhas e se apaixonou por várias delas. Poucos sabem, mas o amor, às vezes, tem hábitos esquisitos. Pode gostar de combinações de comidas pouco comuns e ter um sono inacabável. Ela aprendeu a amar detalhes do amor que ninguém mais percebe, a não ser que o adote como seu.

A medida que ela o ia conhecendo, o amor tomava traços mais nítidos. Ela podia perceber sua beleza com mais facilidade, como em uma vitral que começa a ser iluminada pelo sol e, mesmo que antes escura, se mostra cheia de cores.

Sentia-se, antes de mais nada, amiga do amor. Passado algum tempo, ela queria contar para ele todos os detalhes da sua vida, desde coisas importantes como uma promoção no emprego, a uma coisa engraçada que lhe aconteceu no caminho para casa. Pedia sua opinião sobre as coisas mais banais. Ele

tornou-se parte da sua vida, completou sua felicidade – ou melhor, transbordou-a.

É claro que essa simbiose nem sempre era tão harmônica. Isto não é um conto de fadas, afinal. Discutiram algumas vezes, como já era o esperado. Choraram algumas vezes também, é difícil não chorar quando o apego é grande demais. Mas se apoiaram um no outro para resolver quaisquer problemas, e isso os fortaleceu.

O amor, às vezes, gostava de brincar de esconde-esconde pela casa. Ela o procurava e às vezes quase achava que o tinha perdido para sempre, apenas para encontrá-lo de novo. O amor sabe se esconder como ninguém; esconde-se em gestos, em poucas palavras, e mesmo em silêncios.

E ela o encontrava, todos os dias, por mais que ele se escondesse. E ria ao achá-lo, corria de volta ao ponto de partida, fechava os olhos e contava até 30 para procurá-lo novamente. Nossa, como ela ficava feliz, quase como criança! A vida não tem como ser chata tendo o amor como companhia.

O amor bagunçou sua vida, remexeu suas gavetas, e retirou a monotonia. Tocou cada canto da casa como que chamando de seu, deixando seu cheiro. Fez presença. *Encontrar o amor é um jogo de sorte*. E ela, que nunca ganha nem rifa, ficou contente com a surpresa.

# A CHUVA É TESTEMUNHA

**Daniele Maria Ribeiro Nonato**

Tenho muita familiaridade com a chuva. Cresci ouvindo as pessoas do vilarejo dizerem que, quando alguém morre e chove, é porque o céu está chorando também. Eu ouvia isso e achava lindo pensar que Deus sofre com a gente e pela gente. Essa ideia sombreava esperanças sobre mim.

À vista disso, passei uma boa parte da minha juventude desejando que, a estação chuvosa não demorasse a chegar, e quando chegasse, se demorasse. A expressão tempo ruim, para falar de chuva, não existia naquelas redondezas de nossa morada. Era tempo bom para chover que se dizia. A chuva representava a fartura naquela região, era a mudança de paisagem do nosso sertão. E para mim, um alento. O choro de Deus. Foi assim que o cheiro de terra molhada, o barulho musicado nos telhados, o sopro do vento nas folhas, as cores renovadas da paisagem e o lirismo nas palavras e crenças dos habitantes da região me serviram de guardião da vida. Mas o que se há para dizer da vida, há que se dizer da morte também. Uma nebulosa forma de viver começou no período chuvoso.

Foi justamente, em um dia de chuva, na madrugada sossegada de uma casa, que descobri que não precisamos envelhecer para saber que há pessoas más. Naquele dia, tenho certeza de que Deus chorou comigo. Aconteceria ali o ápice de uma maldade que fora evoluindo ao longo de meses e que me acompanharia por alguns anos. Ninguém profetizara isso. E se ninguém percebera o que estava acontecendo, é porque às vezes as pessoas esquecem que há uma vida para ser descoberta por trás de um corpo de menina. Toda a orientação era para que eu não falasse com estranhos, mas aquele homem não era

---

DANIELE MARIA RIBEIRO NONATO (Pseudônimo: DONATO) Nasceu em Crato-Ce. Kursou o Ensino Médio no Colégio Diocesano do Crato, formou-se em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Está atualmente fazendo Especialização em Escrita Criativa na Universidade Farias Brito. Leciona em escola Pública. Dedicar-se ao conto e a crônica. Apreciadora de música, Poesia e Artes Plásticas.

desconhecido. Ele estava ali, estava sempre ali. Eu não tinha porque temer. Além disso, suas palavras eram gentis, suas atitudes eram gentis.

Um dia, ele me trouxe chocolates e balas. Em seguida, dirigiu-me elogios. E o propósito fora evoluindo sob a minha inocência juvenil. Depois, passou a mão no meu cabelo como quem não quer nada. Achei estranho, mas ninguém viu ali o prenúncio de uma invasão. Eu seria, um pouco mais tarde, um terreno invadido sem testemunhas. Entre sussurros e umidade, só a chuva presenciaria o ato criminoso. A partir daí, tornei-me estrangeira dentro da minha casa. Enfim, ele chegou onde queria.

Ele e seu olhar me invadiram, aos poucos, e isso nada tinha a ver com infância. Não era um corpo, era uma faca. Ele e seu olhar me cortaram por dentro. No meio da aflição e do escuro, eu fechava os olhos para me concentrar em ouvir o barulho da chuva. E imaginava-me brincando com as poças d'água. Meu corpo encolhia, embora já fosse pequeno. Eu diminuía, mas pensava: "Você nunca saberá o tamanho de Deus. Quando você morrer, Ele não vai chorar".

Por muitos meses, choveu fora o que os meus olhos escondiam. Até o dia em que os passos secretos, no escuro da noite, deixaram de me causar pânico. Para meu próprio espanto, já não me encolhia. E um dia tive a certeza: a infância acabou, não pela idade, acabou pelo medo. Decidi abrir os olhos e encarar os fantasmas. Foi assim que observei que dentro de uma tempestade cabiam todos os meus medos. E eu os guardei ali para sempre. A chuva me protegia de perder a esperança. E foi minha fiel companhia nos dias sombrios que me rondaram.

## 1

Mas no enterro do meu tio, minha compreensão sobre ela mudou um pouco. Naquela manhã, juntei força, brio e ressentimento. E fui assistir ao impacto de sua ausência. Era um velório modesto, em um cemitério de dimensões insignificantes, até para uma jovem. Não havia muita gente, e menos ainda, choro. Mas havia a chuva. Ela estava lá. Eu e ela presenciando tudo.

Havia dispersão nos olhos cegos de minha tia. Havia uma família ausente. E uma menina que crescera pensando: quanto de uma guerra uma pessoa pode suportar? Uma menina que descobrira que o medo nos obriga a agir para vencermos a guerra. E cada soldado tem uma forma de combate. Uma menina que descobrira que a obediência pode ser aliciadora, a obediência pode gerar o crime e por isso é preciso limpar as lágrimas e ser desobediente.

"Tudo acontece por uma razão. Uma causa morte desconhecida para uma vida íntegra, honesta e decente, só pode ser obra do Pai". Essas foram as palavras do padre ao se referir ao meu tio em um breve sermão. Enquanto isso, durante a missa, eu lamentava que chovia. Será que Deus chorava por mim ou por ele? É possível a absolvição à perversidade? De qualquer forma, a chuva deu continuidade à minha vida.



# POR UMA EPISTEME INFANTIL NA CRIPTOZOOLOGIA

Felipe de Abreu Fortaleza

*"E não há mistério nos céus e na terra  
que não esteja registrado no Livro Lúcido"*  
- Alcorão, Sura 27 (As Formigas), versículo 75.

## RESUMO

Propõe-se uma metodologia do olhar infantil sobre os criptídeos, bem como sobre monstruosidades em geral. Demonstra-se, por meio do estudo de caso do menino F, a lucidez empírica da criança frente aos vieses e limites cognitivos do criptozoólogo adulto. Conclui-se pela necessidade de repensar a criptozoologia por intermédio de grupos da marginalidade, ignorados em razão do elitismo e do etarismo.

**Palavras-chave:** Monstros, Criptozoologia, Epistemologia crítica, Infância.

## INTRODUÇÃO

Não é incomum, em reuniões nas casas e comissões de criptozoólogos, que seja suscitado o tema "evidência". O autor deste trabalho, sendo da área há duas décadas, observou inúmeras discussões acerca da natureza, do peso e da confiabilidade de certos meios de prova, tais como: fotos borradas de supostos plesiossauros, relatos anedóticos de pegadas simiescas gigantes, coprólitos atribuídos a [redacted] [omitido] sem que houvesse estudo da composição fecal *et cetera*. Este problema é

---

FELIPE DE ABREU FORTALEZA (Pseudônimo: Ivan K.) nasceu em Botucatu/SP, em 1996. Desde os sete anos mora em Fortaleza, onde advoga e faz literatura. Seus poemas renderam um livro ("Dissecando Flores", pela Editora Patuá), bem como o 1º lugar no XVIII Prêmio Ideal Clube de Literatura. Quanto aos contos, biparte-se (à moda salomônica) entre o fantástico de Borges e o real de Hemingway.

veiculado (registros do século XVIII assim indicam) pelo menos desde a besta de Gévaudan (*lycopardus parthenophagus*).

A opinião da maioria dos colegas termina, invariavelmente, alinhando-se à seguinte tese: faltam especialistas em comunidades onde os criptídeos têm mais chance de aparecer. Acreditam, assim, que o problema está na *ausência* de profissionalismo.

Aqui, tal como desde sempre na vida pessoal, esposou-se a tese contrária: um excesso de teorizações, instrumentos, sociedades e manuais foi a causa inequívoca da estagnação do programa de pesquisa. Por esse motivo, urge adotar uma postura mais próxima de outros sujeitos, menos podados pelas frustrações da maturidade ou por procedimentos de secretaria; e por que não as crianças?

## MÉTODO

As investigações iniciais se pautaram nas experiências de F. O menino, à época com cinco anos, foi descoberto nos arredores de um orfanato em ruínas, na localidade de Qudssaya (a oeste de Damasco, Síria). A família que o encontrou conseguiu atravessar a fronteira da Turquia, levando-o consigo até Ancara. Lá possuem um casebre, onde vivem uma vida humilde, mas em geral satisfatória, desde 2012.

Aos oito anos, no entanto, F. passou a apresentar o que os pais adotivos chamam de "marca". Trata-se de uma propensão aparentemente sobrenatural, que leva o menino a [redacted] [omitido], bem como a uma maior sensibilidade para criptídeos. Eventualmente, as notícias circularam entre os criptozoólogos, e o autor, tomando conhecimento, contactou a família e voou a seu encontro.

Durante dois meses, foram aplicados em F. os exames de praxe, mesmo que redundantes: teste de cognição, questionários para psicopatologias e E.S.P. (percepção extrassensorial), entre outros; mais importante, foram registrados todos os eventos de aproximação com as criaturas. Entrevistas foram gravadas, diariamente, por no mínimo meia hora, com o objetivo de

permitir a F. um espaço ativo dentro da investigação, comunicando livremente suas impressões sobre a infância, os pais, as lembranças da guerra e os "monstros".

A linguagem se mostrou o maior empecilho metodológico. O inglês estava fora de cogitação, assim como o árabe. O turco, meio termo precário, exigiu por vezes um assistente local, cujo nome não será lavrado.

## RESULTADOS

F. é peculiar, no mínimo. Não tem sinais de psicose ou neurose. Possui, isso sim, uma paixão por detalhes e uma memória tão boa que chega ao ponto da obscenidade, despindo e vivissecando fatos crus como se operasse um dente ou um apêndice.

Logo na primeira semana, rememorou a mãe coalhando leite. A ideia de que seres invisíveis habitariam a coalhada, transformando suas propriedades - e que organismos similares habitavam sua pele e estômago - parece ter causado um impacto emocional considerável.

Então, percebeu-os. Primeiro, talvez, apenas uma esperança invisível a todos, rodeada pela grama, mas do tamanho de um abacate. Depois, uma pedra que o acompanhava da escola para casa, e que assobiava quando ficavam a sós. Uma vez, tentou pegar um dente-de-leão que, indócil, o mordeu.

Alguns desses encontros parecem revigorar certa ideia neo-aristotélica: a hipótese de que o reino mineral "imita" o animal e o vegetal, parindo fósseis e, eventualmente, criaturas a partir da rocha. Isto dá ainda explicação para os criptídeos mais inconspícuos: pisa-se, cava-se e minera-se sobre os mesmos, adormecidos profundamente.

F., por essa e outras ideias, era alvejado de ceticismo. Não deram crédito, quando um crustáceo gigante chegou-se a ele, nas águas de Patara, nem quando, sobre o minarete da Sofia, empoleirou-se uma Irshi vestida de ouro, asas ensanguentadas. Somente tentaram ouvi-lo quando suas notas caíram na terceira série (qual gramática, qual história "universal" chega aos pés?).

Apesar desse desleixo escolar, F. fala de modo muito claro e maduro, e entende o papel do pesquisador. Não há nada críptico para ele (há zoologia e só). Tudo se desenlaça como planejado no Livro de Deus, e qualquer ontologia - em ascensão ou queda - é Sua obra, digna de ciência. Se uma sombra, inconcebível em seus vinte metros e braços, atravessa o nevoeiro, *Deus vult*.

Em nenhum colega especialista há tamanha imparcialidade.

## DISCUSSÃO

Quando os ventos assolavam o oeste da Turquia, recebeu-se um e-mail misterioso. Entre outras curiosidades, havia uma frase em árabe, que (não obstante a inépcia) traduziu-se assim: "o céu do tornado é púrpura; o céu de mentira é azul". Adágio este muito adequado aos tempos presentes, em que as nações [omitido].

Não se quer, aqui, atribuir com certeza a autoria à F., que, de qualquer modo, quedou-se incomunicável após a tentativa de golpe em 2016. Ainda assim, é preciso compreender e guardar o céu púrpura, é preciso revelá-lo ao mundo [omitido] e, assim, uma nova base epistemológica.

É possível inferir uma teologia e um empirismo específicos em F., complementares um do outro. Isso se explica porque somente a infância, do corpo ou da mente, pode conceber mana nos objetos terrenos, estudando a trindade e o repolho com mesmo afinco.

Essa tese não será recepcionada - não pelo menos em uma década. Será entendida como fantasiosa, como desmesuradamente metafísica. No entanto, a resistência cessará na próxima geração: quando os pais-escolásticos estiverem mortos e os filhos-pesquisadores abrirem a porta do porão, que lhes era vedada.

É inevitável. Em breve, os senhores com distintivos na lapela, os barbados do Museu Britânico e os revisores da *Nature* verão que o céu é púrpura.

Ou não verão céu nenhum.

## **BIBLIOGRAFIA E LEITURA DE APOIO**

[Esta parte do documento original foi rasurada de modo irrecuperável]

*Dou fé que, por razões de segurança, o texto foi editado por ato administrativo discricionário, revisível de acordo com a conveniência e avaliação de riscos.*

## A BOTIJA

**Francisco Francilaudio Augusto Maropo**

Tempos atrás, quando o Brasil era um país de muito menor densidade populacional, existiam grandes regiões despovoadas as quais eram cortadas por intermináveis caminhos, percorridos por viajantes solitários e tropeiros, que andavam até um dia inteiro sem encontrar um lugar habitado, onde pudessem se arrancar e descansar.

Um desses viajantes solitários, fugindo talvez de um passado e de um lugar deixados para trás, percorria a cavalo uma dessas longas travessias, sob o escaldante sol nordestino, seguindo em busca do futuro e da fortuna. Ao cair da tarde, renunciando-se a noite escura que viria, cavalo e cavaleiro, cansados da extenuante jornada, almejavam comer e descansar. Já o sol se pondo, avistou o viajante uma velha casa à beira da estrada, habitação típica dos sertões nordestinos, com paredes que de há muito não viam uma demão de cal e telhado manchado pelo lodo ressecado de muitos invernos. Aproximando-se mais, verificou, com satisfação, a existência de um antigo curral colado a uma das laterais da velha habitação, abrigo ideal para o seu cansado cavalo, um cacimbão e até umas touceiras de capim ainda verdes, alimento mais do que adequado para sua montaria. Apeou-se, amarrou o cavalo no juazeiro que ensombrava o terreiro, olhou em volta em busca de algum sinal de habitante daquele lugar e, não vendo ninguém, bateu palmas em frente à porta enquanto gritava a típica frase de quem chega: "Oh de casa!". Três tentativas depois e não obtendo resposta, resolveu bater na porta. À primeira batida, a porta se abriu com um rangido sinistro – não estava trancada, só encostada – e à luz fraca do entardecer pôde verificar que a casa estava desabitada. Bateu palmas e chamou mais uma vez, enquanto entrava

---

FRANCISCO FRANCLAUDIO AUGUSTO MAROPO (Pseudônimo: Barbabé Cariryoca) Nasceu em Nova-Olinda – Ce em 1945. É formado em Direito pela Faculdade de Direito UFC. Publicou textos em jornais da região do Cariri, está concluindo um livro genealógico sobre a sua família (Alencar/ Maropo). Pesquisador da poesia popular nordestina, apreciador de música e aprendiz de violão.

para a sala da frente e para certeza de que não havia ali uma viva alma percorreu todos os cômodos, quartos e camarinha, sala de jantar, cozinha com um velho fogão à lenha, dispensa, tudo vazio, nenhum móvel ou utensílio e nenhum sinal de vida exceto duas ou três morosas lagartixas que trataram de subir assustadas pelas paredes. "Bem, pôr esta noite esta vai ser minha casa", pensou. E partiu para as providencias do arrancho.

Tirou os arreios do cavalo e pendurou-os num dos armadores da sala. Levou o cavalo para o curral, cortou com sua faca de cintura um generoso feixe de capim e serviu ao animal juntamente com um balde d'água providencialmente encontrado, no velho cacimbão, o qual ainda continha água limpa com a qual também se lavou. Em seguida, numa fogueira feita no terreiro com varas da velha cerca que margeava a estrada, ferveu água, numa trempe improvisada com três pedras, fez café e tomou com queijo e carne de sol assados, provisões essas tiradas dos seus mantimentos de viagem. Alimentado e já sendo noite fechada, tirou da bagagem rede e cobertor, armou a rede no meio da sala, deitou-se extenuado e preparou-se para uma noite de sono reparador. Estava naquele estado de torpor entre dormindo e acordado quando ouviu vozes e gritos vindos da parte de dentro da casa:

- Tragam uma vela que ele vai morrer – gritou uma voz.
- Está morrendo, gritou outra.
- Morreu!

E seguiu-se um coro de mulheres chorando aos brados, dando a entender que realmente alguém fora desta para outra melhor. Apesar do espanto inicial, o viajante não era de se imiscuir em assuntos que não lhe diziam respeito e, por não conhecer o defunto ou alguém de sua família, preferiu permanecer quieto em sua rede até porque todo o episódio se concentrava, na parte de trás da casa, e realmente não lhe interessava.

- Temos que providenciar o enterro. Quem vai buscar o pano para a mortalha? – falou uma das vozes.
- Eu vou! Irei no cavalo que está no curral. – respondeu outro.

Enquanto o viajante ouvia tudo contrariado pelo fato de que iriam cansar ainda mais o seu cavalo, percebeu quando foram tirados os arreios do armador onde os havia pendurado, o cavalo sendo encilhado e em seguida o barulho de tropel se afastando. Os choros diminuíram e foram substituídos por rezas e ladainhas e conversas em voz baixa, até que passado pouco tempo pôde o viajante ouvir o tropel do cavalo se aproximando e em seguida o barulho dos arreios retornando ao armador onde antes estavam pendurados. O ruído de uma velha máquina de costura manual indicou que a mortalha estava sendo costurada. Seguiu-se um período de calma indicando que o morto estava sendo preparado para ser enterrado. A calma não durou muito.

- Onde vai ser o enterro?
- Na sala da frente!
- Vou abrir a cova.

O viajante pensou em protestar, exigir que se sepultasse o defunto em outro lugar mais adequado, algum velho cemitério que existisse pelas redondezas e respeitasse o seu sossego. Onde já se viu sepultar alguém em plena sala de estar? "Bem, a casa é deles e eu não tenho nada a ver com isso. Também não vou me levantar vestido apenas com ceroulas para me meter em enterro dos outros". Assim pensando ouviu quando os ladrilhos da velha sala, bem embaixo da sua rede, eram arrancados a golpes de enxada ou outro instrumento de cavar e o barulho da terra sendo retirada do chão.

Não demorou muito e um cortejo trouxe o morto até a sala e em seguida ouviu o inconfundível ruído soturno do caixão sendo baixado, a terra jogada sobre o mesmo, e logo após tudo terminou, a calma voltou e seguiu-se um profundo silêncio como se nada mais estivesse acontecendo. O viajante aproveitou e dormiu o desejado sono.

Acordou com o canto dos pássaros e a primeira coisa que fez, antes mesmo de descer da rede, foi olhar para o chão da sala. Percebeu que os velhos ladrilhos de barro cozido estavam perfeitamente arrumados como se nunca houvessem sido mexidos. Desceu da rede pisou no chão sentiu a firmeza e estranhou



não haver nenhuma das lajes soltas ou fora do lugar. "Ah! Mas que eu ouvi, ouvi". Percorreu o interior da casa em busca de vestígios do velório e não encontrou um só retalho de pano ou um toco de vela, nada que indicasse o que acontecera ou ele pensara que acontecera. Os arreios continuavam do jeito que ele os deixara pendurados no armador. Foi até o curral, passou a mão sobre o pelo do cavalo, nada indicava que alguém o tivesse cavalgado, não havia rastros saindo do curral. "Mas que eu ouvi, ouvi". Quando voltava para a casa, percebeu uma velha e ferrujenta enxada abandonada em um canto do terreiro. Pegou a enxada e se dirigiu a casa pronto a esclarecer o mistério. "Se costuraram mortalha e se alguém morreu eu não posso garantir, mas que cavaram em baixo da minha rede, cavaram". E passou a arrancar os ladrilhos da sala no mesmo lugar onde pressupunha enterraram o defunto. A terra foi sendo retirada e de repente o som da enxada batendo em uma superfície de madeira deu ao viajante a certeza de que ali realmente haviam enterrado algo. Era um caixão. Mas precisamente um baú, para o qual o viajante olhou intrigado, imaginando como puderam colocar um defunto dentro de um recipiente tão pequeno. Só se era uma criança, um anjo. Um golpe da velha enxada e a fechadura se rompeu com facilidade. A tampa foi aberta e o viajante pasmo viu dentro do baú grande quantidade de moedas de ouro, jóias e pedras preciosas. Era um dos tesouros cujas histórias tanto ouvira contarem. Uma botija como são popularmente chamados no Nordeste esses tesouros ocultos. Sua busca pela fortuna terminara.

## POR TRÁS DO TEMPO

**Gentil Claudino de Galiza Neto**

Não sei bem ao certo dizer quando a memória dele começou a virar fumaça. Isto foi acontecendo bem devagar, num átimo, sem se fazer notar, camuflando-se em meio a todas as pequenas coisas de um cotidiano raquítico. Talvez um olhar mais atinado tivesse dado conta de perceber aquela vista cansando, perdendo o brilho, alongando-se mais do que de costume no rumo de uma brecha vazia do tempo. Quem sabe um escutar mais desapressado, no entremeio de um pensamento ensimesmado, se apercebesse dos sons abafados dos passos mais curtos e sem direção no caminhar de meu pai.

- Mas não! Ninguém notou. Tampouco eu ou mesmo as pessoas mais próximas. Por prolongados meses, o homem alto, elegante e culto foi esfacelando-se, de percalço em percalço, em crescente desatenção, angariando cenas de hilários absurdos intercaladas por atos de raiva explícita. Agora olhando para trás, é possível ver-se claramente todos os detalhes de um enigmático quebra cabeça que se ia montando, lentamente, peça a peça, no comprido rosário de recordações.

O uso repetido, dia após dia, da mesma muda de roupa já encardida. Os sapatos calçados sem o acompanhar costumeiro das meias. A chave da casa guardada no armário da despensa. A compra do terceiro pacote de arroz, no mesmo dia, no mercadinho da esquina. O remédio tomado em dose dobrada. As frases entrecortadas por longas pausas, na espera de uma palavra fugidia. O indagar da mesma pergunta, sem se dar conta de que já lhe fora respondida meia hora atrás. A fúria desabrochando de repente, na percepção tardia do pagamento deslembado das contas já vencidas, pesando-lhe na consciência e dilacerando

---

GENTIL CLAUDINO DE GALIZA NETO ( Benjamim Florêncio Rosas) nasceu em Fortaleza-CE, em 1965. É médico pela UFC. Dedicou-se aos contos e poesias. Publica crônicas na revista LeiaFelc, da Fundação Lica Claudino e foi destaque em conto e menção honrosa em poesia, respectivamente no XIX e XX Prêmio Ideal Clube de Literatura. Aprecia Ana Miranda, A. Suassuna, Cecília Meireles e F. Gullar.

o bolso. A senha do cartão do banco, perdida para sempre no torvelinho dos papéis rotos e desbotados, residentes de uma es-  
crivaninha em persistente desarrumo. Os nomes engasgados do  
casal de amigos, a quem encontrara na saída da missa domini-  
cal.

Tudo isso era um conjunto silencioso de desaprumos de  
uma rotina que já se emaranhava, silenciosamente, bem no  
meio do amontoado dos fatos corriqueiros. Como deles se aper-  
ceber? Na correria da vida, na afobação do trabalho, na bara-  
funda social em que nos ilhamos, voluntariamente, no cotidiano  
entorpecente das obrigações de casa e da família; não havia  
espaço para a sutil percepção de sua lenta transformação. Para  
minha mãe, eu e todos os outros, aquilo eram peripécias que  
aconteciam aos que chegam incólumes na primazia da terceira  
idade. Ríamos por vezes, despreocupados e ignorantes; troçan-  
do de suas bizarrices, dos feitos de quem envelhece em meio a  
um mundo nervoso e míope. Ainda mais para ele, que já supe-  
rara a barreira dos setenta...

Mas a verdade é que os dias foram entrando nos meses e  
os meses consumindo-se nos anos. O tempo, tecendo sua teia  
invisível, trouxe-nos a percepção dolorosa de sua condição. A  
demência. Essa senhora das sombras, cruel e impiedosa, to-  
mou-o de assalto, desalinando o tic-tac sincopado dos pon-  
teiros de sua existência. O espesso véu da negação, com o qual  
insistíamos em nos cegar, dissipou-se por inteiro, justamente,  
no dia de N. Sra. Aparecida. Naquela tarde, com o crepúsculo  
enfeitando em cores vermelhas o fino traço do horizonte, meu  
pai saiu para assistir a santa missa na paróquia de São Gerardo.  
Voltou somente por volta das dez horas, trazido pelo João, vigia  
noturno de nossa rua, que o encontrara perambulando a esmo,  
sem se dar conta do rumo de casa. Passado o susto e felizes por  
seu regresso, em alvoroço, suplicamos pela explicação do que  
lhe acontecera. E em resposta seu rosto contraiu-se num espas-  
mo de espanto e nada disse; apenas nos deitou um olhar tristo-  
nho, de quem já havia partido para nunca mais voltar.

## CONVERSÃO

Hortência Siebra Silva

O Billy nunca quis ser cachorro. Não latia, não rosnava, tinha medo de gato. Ao Billy nem apeteciam rações *deluxe*. O dono relutava, comprava-lhe filés, ofertava churrasco, preparava receitas especiais. O Billy definhava. Um dia, por descuido, o dono derrubou chia no chão. O Billy comeu. O dono ficou impressionado. Chia era caro, não dava para sustentar o Billy com chia. Procurou outros grãos: aveia, linhaça, alpiste. A cada nova prova, o Billy se mostrava mais e mais feliz. O dono aceitou que o Billy estava à frente de seu tempo, que tinha caído nas graças do vegetarianismo, do veganismo. O Billy era moderno. Pro Billy nada disso importava, não teorizava sobre suas práticas, não precisava mais passar fome nem ter que recusar insistentemente carne. Era, enfim, feliz. Parado na varanda, o Billy viu, pela primeira vez, um pássaro. Ele, que até então sabia que não queria ser cachorro, descobriu-se ser pássaro. Billy queria voar. Explorar os céus, descansar sobre os galhos, ver tudo pequenininho, lá embaixo. Billy começou a escalar e pular. Subia na cama, pulava. Subia na pia, pulava. Subia na geladeira, pulava. Billy ia ganhando confiança, já não tinha medo da altura nem da reprovação do dono. Desafiava-se sempre mais. Sempre um pouco mais alto. Sempre um pouco mais firme. O dono saiu, foi trabalhar. O Billy ficou em casa. E, preparado, viu na janela esquecidamente aberta a oportunidade que lhe faltava para ser pássaro. Billy pegou distância, correu, pulou. Quase conseguiu. As patas traseiras presas na tela de proteção. Billy nunca tinha treinado voltar, desfazer, revirar cachorro. Billy não sabia se soltar. Começou a treinar uns piopiopiôs, mas só saía uns latidos deformados. Serviu. Chamou a atenção de quem passava. Parou o trânsito. Parou a vida dos transeuntes.

---

HORTÊNCIA SIEBRA SILVA (Pseudônimo: Clara Littera) nasceu em Itapipoca, em 1991. cursou o ensino médio no Colégio Farias Brito, licenciou-se em Letras Português Literatura, na UFC e, atualmente, cursa Ciências Econômicas na mesma instituição. Além do conto, dedica-se a escrita de crônicas e poesias. Seus autores preferidos são Hilda Hilst, Guimarães Rosa e Gabriel Garcia Márquez.

Parou o marasmo na corporação dos bombeiros. Todo mundo angustiado. O Billy mais do que todos. O devir pássaro do Billy não era para ser assim. Deveria estar voando, agora, explorando os céus, descansando sobre os galhos, mas estava ali preso: cão que não queria ser cão, pássaro impedido de voar. Os bombeiros não conseguiam alcançar. As pessoas guardavam o Billy, feito vídeo, no celular. Meia hora de tensão. Meia hora que não passava. Billy deu impulso sincronicamente comprimiu as patas. Soltou-se. Billy estava voando. Caindo. Caindo. Sorrindo. Billy virou pássaro. Um pássaro que continuou voando, mesmo quando aparado na lona, mesmo sobre a mesa do veterinário, mesmo sendo chamado de cachorro nos noticiários. Dali em diante, nada lhe convenceria do contrário: o Billy era um pássaro.

## MICRODRAMAS FAMILIARES

Júlio Albuquerque Camilo Saraiva

01.

Minha esposa veio escada abaixo reclamando do vaso sanitário.

Um bom dia. Acho que, às vezes, seria interessante começar o dia com um bom dia. E, claro, um café. Um bom dia e um café. O café eu faço, só necessito dela o bom dia.

Ela chegou na cozinha e amaldiçoou o banheiro, a descarga, a falta de pressão que demorava a encher a caixa d'água, a falta de atenção dos meninos e que merda, Otto. Você vai só ficar ouvindo e não vai dizer nada?

Eu olhei-a no fundo dos olhos e disse: bom dia. Seu rosto ficou vermelho, subiu as escadas bufando, bateu a porta do quarto. O sofá é meu salvador e nada me faltará.

02.

Coloquei os fones. Cliquei no aleatório e Miles Davis perguntou *So what*. Ajustei o computador, fechei os olhos com força e comecei a mentalizar que o meu trabalho já estava concluído. Nunca quis tanto algo como ver meu trabalho prontinho na minha frente. Quando abri os olhos, a tela ainda estava em branco. Ao contrário do que diz a esposa, a força do desejo não foi suficiente para o meu computador escrever sozinho.

Claro que se eu dissesse mesmo isso para a esposa, ela diria que isso é culpa do meu ateísmo. Minha unha encravou? Ateu. Dor de barriga? Ateu. Enxaqueca? É o demônio espremendo o teu cérebro de ateu. Óbvio que ela também tem unha

---

JÚLIO ALBUQUERQUE CAMILO SARAIVA (Pseudônimo: Otto Sant'Anna) nasceu em Fortaleza em 1986. Graduado em Ciências Biológicas na UFC, atualmente leciona Biologia no IFCE-Campus Fortaleza. Paralelamente à sala de aula, publica alguns contos e crônicas no perfil do Instagram e Facebook @cronicalencarina. Seus autores favoritos são Mario Levrero, Italo Calvino, John Fante e Rubem Fonseca.

encravada, dor de barriga e enxaqueca, mas, no caso dela, parece ser tudo para a honra e glória do Nosso Senhor Jesus Cristo, amém.

### 03.

O filho mais velho puxou meus fones de ouvido, acusatório. Pai, você prometeu.

Prometi. Comecei a falar de prazos, obrigações, compromissos. Ele me olhou com um ar sério. Ele sabe de tudo. Pegou no meu ombro e disse: certo pai, está tudo bem. Baguncei a cabeleira loura, beijei a testa. Pois vou deixar o mangá aqui do teu lado para te fazer companhia. Olhei para o desenho na capa. Nem eram necessários aqueles olhos esbugalhados para que eu me sentisse culpado.

### 04.

O meu passatempo preferido no trânsito é dar apelidos para os pedintes.

Tem o little Michael que parece com o Jackson antes de embranquecer. O retirante, que faz doze anos que veio semana passada do sertão e está juntando dinheiro para voltar. O saci cracuco. Bom, esse é autoexplicativo. Mas o de que eu mais gosto é do Jesus Boliviano.

Jesus Boliviano tem um metro e meio. Cabelo nos ombros. Feição de índio. Carrega uma placa amarrada no pescoço. História triste escrita em português errado. Da primeira vez que o vi com aquela placa, o chamei com a buzina. Jesus correu alegre, cabelos esvoaçantes. Encostou na minha janela e eu disse: ei, Jesus, só para te dizer que hoje se escreve com agá. Ajeita isso aí, viu. O sinal abriu, arranquei, mas ainda consegui sentir seus olhos queimando na minha nuca.

As pessoas não agradecem mais um gesto de gentileza.

05.

Cheguei em casa, estômago colado no espinhaço. O que, considerando o tamanho da minha barriga, é uma proeza. A mulher me disse Tem uma tapioca velha, bem. Ela me chamou de bem, o que quer dizer que provavelmente ela esqueceu o episódio da manhã. Fico feliz ao ponto de considerar comer aquela tapioca seca com alegria. Mas felicidade verdadeira sentiu o sofá por se livrar de mim.

Pedi para ela ficar um pouco comigo na cozinha antes da gente por os meninos para dormir. Ela encheu um copo d'água enquanto me esperava comer.

O mais novo entrou na cozinha e apontou para dentro do potinho. Olha, mãe, quem eu estou treinando. Um grito e o copo d'água se espatifou. Outro grito e o potinho foi ao chão. Ela gritava ensandecida: mata, mata, mata. Um pisão e eu esmaguei a barata francesinha. Ela brigou com o mais novo. Ele chorou. Ela capitulou. Ele chorou. Ele cravou os olhos úmidos em mim e falou com uma dor insuspeitada nos seus sete anos. Pai, você matou minha guerreirinha.

Levei os meninos para o quarto. Conteí história, apaguei a luz, cobri os dois com o lençol e fechei a porta. Na cozinha, juntei os restos mortais da guerreira, apanhei os cacos, passei um pano, passei a vassoura para garantir. Comi a tapioca lembrando dos olhinhos tristes do meu filho.

Ser pai é fazer merda e sentir culpa.

06.

Eu e os meninos passamos na loja de revista. O mais velho correu para pegar o segundo volume da revistinha. Revistinha, não, pai. É mangá. Ele contou todas as revistas que foram lançadas e descobriu que, na loja, não tem o volume nove.

Pai, e quando eu chegar no nono. Aí a moça encomenda, eu disse, não se preocupe. Ele se preocupa. Ele se preocupa muito. Filho, se você não acredita em mim, vai lá e pergunta para ela. Ele pergunta. Depois, pergunta de novo. Antes da



gente sair da loja, ele perguntou outras cinco vezes se ela vai encomendar o nono volume.

O mais novo levou uma revista do Homem-Aranha. Ele queria mesmo um boneco colecionável do Goku que não se mexe, não dá para brincar, custa trezentos reais e estaria quebrado em uma semana. A merda do coração gritando para dar o boneco e a cabeça sabendo que não adianta. O boneco acaba ficando.

Toda vez que a cabeça ganha, o coração morre um pouquinho.

## 07.

Chegando em casa, o mais novo me recebe na porta gritando que o Ang morreu. Olho no aquário o peixe encostado nas pedrinhas do fundo. Papai, a gente tem que enterrar o Ang. Enfio a mão no aquário e tiro o peixe. Saio pingando água pela casa toda. Minha esposa me olha e eu já sei quem vai ter que enxugar tudo.

Papai, o Ang morreu porque estava velhinho, não foi papai? Eu não sei quantos anos um peixe vive. Só sei que aquele tinha pouco menos de duas semanas com a gente. Eu digo para ele não se preocupar que o Ang vai virar uma estrelinha. Ele me olha sério e diz que peixes não vão para o céu.

Ele me pede para enterrar o peixe no quintal e eu digo: enterro de peixe é diferente. Tem que jogar no vaso sanitário. Ele chama o irmão para ver o enterro do peixinho. Ficamos os três de cuecas, muito contritos, dentro do banheiro. O peixe esticado na minha mão. Pergunto se eles querem se despedir do Ang e eles soltam um tchau, Ang. Como se o peixe tivesse apenas ido comprar pão.

Você quer jogar ele no sanitário? Pergunto para o mais novo. Ele balança a cabeça afirmativamente. Sem coragem de pegar no defunto, acaba dando um peteleco no peixe. Um peteleco forte demais. Um peteleco que fez o peixe sumir. Pro-

curamos no lixo, no cesto de roupa suja, na pia e nada. Dei a descarga e fizemos um enterro sem corpo.

Conto toda a história para minha esposa. Ela pergunta E agora? E eu respondo que, na pior das hipóteses, a gente acha o peixe quando começar a feder. Ela me chama de insensível e diz que eu deveria me envergonhar.

E eu, obediente, me envergonhei.

## 08.

Abro a porta do quarto e um rastro de luz ilumina a curva que o menino novo faz no seu corpo. A cara emburrada sinaliza que qualquer piada que eu faça pode desencadear a terceira guerra mundial e meu salário parece encolher a cada mês, mas, mesmo assim, ela parece cada dia mais linda.

Desci para a cozinha e coloquei a água para ferver. A chaleira assobia para mim e logo o cheiro de café invade a casa. Um sorriso bobo que não tem quem tire. Mais tarde, no ultrassom, vou ver mais uma vez o menino novo.

Tenho a certeza de que, por mais que eu me esforce, alguma coisa vai faltar. Depois é trocar fralda. Dar o leite e se alegrar a cada arrotto. Criar expectativas, frustrar-se e, logo em seguida, criar outras expectativas. Trocar mais fralda e dar mais leite. Prometer passar mais tempo em casa e falhar miseravelmente. Segurar a perninha para a vacina. Ficar repetindo feito um imbecil papai para ver se ele aprende. Sentir-se culpado e falar mamãe três vezes, quatro no máximo. Derreter com todo e qualquer sorriso banguela. Dar ainda mais leite e trocar ainda mais fralda e, ainda assim, achar que sempre pode fazer mais.

Porque ser pai é limpar merda e sentir culpa.

## A MENINA E OS LIVROS NA ESTANTE

**Márcio Roberto da Silva Castro**

Mirava as estantes de livros, parava, fitava seu olhar minucioso e crítico, observava o caos ao constatar tudo fora de lugar e de ordem. Era como se todos os livros estivessem sido sugados ou absorvidos por uma grande nebulosa, um buraco negro, ou seja, estava tudo lá, a vida toda, só que emaranhados e fora de lugar. E todo aquele cenário não poderia reproduzir outra sensação que não fosse um mal-estar profundo, uma angústia, uma dor que doía n' alma. Dor do tipo que não passa com analgésico ou relaxantes musculares, era uma dor profunda, que nascia não se sabe de onde e que percorria toda a existência. Uma dor pulsante e intermitente feito pêndulo de relógio.

E era noite, e como se sabe, à noite, as dores são sempre mais agudas e acentuadas. E eram os livros na estante, desordenados num caos sem fim, era a vida que não tomava rumo. Era tudo ao mesmo instante e tão intenso que todo o universo seria como um átomo, representando a unidade mínima da matéria. Mas fazer o quê? Começar? Não havia outra alternativa que não fosse começar. Na vida, deve-se começar sempre, a cada dia, a cada queda, a cada tapa, a cada empurrão. Assim, como quem reza, ora ou medita, a menina fitou novamente as estantes e os livros. E como quem tenta ordenar a própria vida, começou a separar, organizar e ordenar os livros nas estantes. Cada prateleira e/ou escaninho começou a ser preenchido por livros da mesma coleção, do mesmo tema, do mesmo autor, separados por tamanho e ordem numérica, como deve ser feito. Cada livro em seu devido lugar, com seu cheiro, suas ranhuras, seus desgastes pelo tempo e pelo uso. Cada um como uma entidade autônoma, com sua importância, com suas histórias, conteúdos, mensagens e ensinamentos. E tudo ia tomando forma e

---

MÁRCIO ROBERTO DA SILVA CASTRO (Pseudônimo: Prometeu) nasceu em Fortaleza em 1976. Curvou o Ensino Médio na ETFCE e Letras na UECE. Atualmente ensina língua espanhola em um Inst. de Idiomas e é o tutor do Curso de Letras/Espanhol da UAB/UFC Virtual. Escreve prosa e poesia, admira as artes em geral e suas diversas formas de manifestação. Já publicou na coletânea desse concurso.

sendo construído assim como se diz no livro gênesis da bíblia: *“A terra, entretanto, era sem forma e vazia. A escuridão cobria o mar que envolvia toda a terra”*. Assim eram as estantes e os livros, no princípio, tão pouco posso dizer que Deus teve culpa ou parte com o que ocorreu com as estantes, os livros e a vida dela. Quanto a Deus, eu não sei, Ele pode ser tudo e ao mesmo instante nada. Deus é substantivo e sujeito que existe (ou não) e que não tem imagem correlativa. Deus existe, mas ninguém nunca viu sua face. Eu nunca olhei diretamente para a cara de Deus. Dizem que somos sua imagem e semelhança, então sendo assim, Deus tem a cara de nós todos e a cara de ninguém. Mas os livros, esses têm formas, cor, páginas, palavras. Os livros são objetos inteiros, materiais e concretos. Os livros gritam por nós, ainda que poucos os escutem.

Enquanto isso, ela, a menina, continua sua organização e ordenação das estantes e dos livros, independentemente, de Deus, ou com Deus, ou sem ele, não se sabe. E de repente tudo fica azul, mas de um azul que não tem nome. Não era azul celeste, nem marinho, nem azul caixão de anjo. Era um azul entre o mais claro e o mais escuro que existia, mas não tinha nome. E o tempo, esse era outro, que não era aquele ordinário, visto que o relógio em cima da escrivaninha havia parado, mas as ações ainda aconteciam. O espaço, ainda, continuava o mesmo, ou seja, o lugar da menina diante da estante de livros, só que num salto súbito, letras, palavras, frases, espectros de personagens começaram a aparecer e surgirem do nada, como se um novo mundo, um novo universo se descortinasse diante de seus olhos. E nada mais, daí em diante seria o mesmo, seria igual, ou nem seria.

E porque existe o mundo, esse em que vivemos, com seu tempo, suas horas, seus dias, suas semanas, seus meses, anos e suas datas comemorativas, tais como o natal, réveillon, dia dos pais, das mães, das crianças, dos mortos, das bruxas ou coisas que os valha. E agora existe esse novo mundo, sem pressa, sem tempo, sem datas comemorativas. Só existe a menina e a estante de livros. E uma vida toda cercada de magia, de mistérios e sem tempo mensurável. E existia a possibilidade de tudo e do

nada, dentro de uma mesma ótica ou perspectiva. Era assim como num buraco de minhoca, num universo paralelo, era algo entre a física quântica e a imaginação o mundo de Alice.

Não só existia o outro mundo real, o reflexo, a transparência, a referência e o espelho. Mas existia o paralelo, as possibilidades, as personagens, a fantasia e um mundo todo criado dentro de tudo isso. E o melhor de tudo, não existia o tempo. Tudo era agora para todo sempre. Não havia passado, nem futuro, só o agora, nesse instante e exato momento. Agora era uma construção cabal de todo o universo. Agora, só era possível porque tudo era só presente. E não era tempo parado, nem estancado, como um gráfico esboçado. Era agora, só isso, só o agora e o presente, o presente. Era como se fosse a vida, sem passado e sem futuro. Para quê remover e remoer o passado? Para quê passado? Alguns historiadores defendem o passado como termômetro do presente e adubo para o futuro, onde se pode corrigir erros, mas não cabia essa máxima no instante agora da menina e a estante de livros. Agora, eram as palavras e as frases que saltavam da estante e dos livros. Eram os personagens que não haviam vivido em tempo algum, se não na memória do autor e de seus leitores. Era uma multidão e profusão de coisas que se fazia agora nesse instante. Era o momento mais íntimo de uma pessoa. Era a vida toda daquilo que não se tinha vivido, que não era, que nunca foi e que nem nunca teria sido, mas se fazia agora. Agora era tudo aquilo que não se pode roubar de ninguém. Era o presente, era um presente. Agora eram as coisas todas da vida, as estantes, os livros, as histórias, as palavras, as frases, os personagens, os fantasmas e suas redenções. Era o relógio parado e a possibilidade de saber que de alguma forma, ainda que o tempo fosse cronológico e cruel, e que passasse por nós como um trator, ele poderia se transformar em um outro tempo, em outra coisa, e ainda assim ser mensurável, e ainda assim existir.

E o cachorro ladrou, porque o interfone tocou, ele sempre ladra quando o interfone toca. E o celular também emitia sons vários, de todos os tipos. Do tipo que havia chamada não atendida, mensagens não lidas e despertador vencido. E nesse

momento já era AGORA, era, e só é assim, no presente do indicativo, seco, translúcido é só isso, por simplesmente apontá-lo nesse instante e que já foi e não é mais. É passado.

E tinha o tempo que findava, o sol que nascia e morria, os anos, os meses, os dias, as horas. E isso tudo já não era AGORA, porque gente nascia e morria. Gente envelhecia, a cada segundo, e o relógio não parava, tudo pulsava numa velocidade que embriagava e tragava a todos. Tinha a sobrevivência, tinha o dinheiro e as maneiras várias de consegui-lo, algumas lícitas e outras não. Tinha gente que comia e tinha gente que, muitas vezes não tinha o que comer. E o relógio não parava. Tinha doenças do corpo, doenças da alma, doenças do coração, das relações, doenças do sexo, doenças de tudo. E tinha o amor que todos tinham e muitos não sabiam.

Nesse tempo, aquele do relógio que seguia sem piedade, o tempo que não era do AGORA e do INSTANTE em que tudo parou e tudo é implacável, tudo vale alguma coisa, tudo tem seu preço. E tem diferenças várias e de todos os tipos, de cor, de raça, de religião, de situação social. E tem a inegável certeza de se estar preso a esse mundo, com um rótulo, uma etiqueta. E o relógio não para, e no apto. vizinho tem uma moradora velhinha com o mal de Alzheimer e que não espera nada, nem o relógio, nem o desfile de 7 de setembro, nem a Copa, nem as Olimpíadas, nem o Réveillon, nem a Páscoa, nem o dia de se recadastrar no INSS. Essa vizinha depende de uma cuidadora e da atenção dos filhos. Talvez ela seja uma dessas pessoas que vive no instante AGORA da menina. Para ela não importa que a NASA tenha destruído um grande meteoro que poderia exterminar a humanidade. Ela, na verdade, ao receber essa notícia, não conseguiria guardá-la por muito tempo. Quem sabe, na sua memória não recente, ela se lembre de coisas boas, de paqueras, flertes, coisas capciosas, maliciosas, fora da lei e da ordem. Porque, se por uma desgraça, eu contrair Alzheimer, que eu me esqueça de tudo, menos de ter feito sexo nessa vida.

Mas a vizinha do apto. ao lado, é somente um pretexto. É a forma de me esquivar ou me burlar de que a menina existe nesse tempo e nessa vida que não é AGORA, mas que é somen-

te o presente do indicativo. Mas viver somente o AGORA, seria como uma grande alienação, uma muleta para escapar do pior. Porque sempre o pior é ou está porvir.

Depois do ladrido do cachorro, a menina volta ao mundo que não sei se posso chamar de real. Eu não acho par nessa vida para as realidades de tantas mazelas e misérias. Mas enfim, a menina volta a esse mundo. E nele não existe coelho, chapeleiro, rainha vermelha e rainha branca. nele existem contas, trabalho, dificuldades..... e pessoas. E essas pessoas talvez sejam o pior ou o melhor desse mundo, desse tempo/espaço, dessa realidade do simples fato de existirem pessoas. As pessoas são, por assim dizer um problema, em particular, dentro de um universo. As pessoas escrevem, cantam, pintam são voluntárias..... e também matam, e matam o seu próprio semelhante. As pessoas são seres incrivelmente interessantes e abjetos. As pessoas são os seres mais abstratos que eu conheço. Elas são pinceladas com traços, muitas vezes, óbvios e muitas vezes inimagináveis. Digo isso porque penso na minha vizinha velhinha que tem Alzheimer, e imagino muitas vezes os pensamentos das cuidadoras, imagino que umas tenham dó, piedade, misericórdia e paciência, enquanto outras não pensam nada menos que afogá-la numa pia cheia de água. Mas isso é no tempo em que se vive o presente. O que importa é viver o AGORA, no tempo e espaço da menina. O resto é tudo muito previsível, admirável, perverso e humano. E cabe tudo nos livros da estante, mas tudo são ideias, construções, são palavras, frases e personagens que vagueiam no AGORA

Mas existe a menina e a estante de livros, e existe o PRESENTE DO INDICATIVO, e existe o AGORA, que está fora desse campo cartesiano. E existe tudo, inclusive, o infinito e a COISA, ou as COISAS. As coisas causam uma revolução na alma que ninguém mensura, porque tudo pode ser qualquer COISA. E as COISAS podem ser o que elas quiserem.

## O ARTISTA E O MAR

**Paulo Antonio de Menezes Albuquerque**

Tem gente que o mar respeita. Por fora pode até parecer assim com o senhor e com a minha pessoa, mas é diferente. Anda no meio da multidão sem fazer parte, como quem passeia aqui no calçadão da beira-mar, mas não se mistura. Parece até que divide os segredos d'água, sabe da conversa dos peixes e adivinha as horas de viração. E só aparece quando quer, búzio raro.

Assim era Mestre Mussim. Desde pequeno fazendo parte do mar, como se nunca tivesse separado as águas de dentro das de fora da barriga da mãe. Feito cação filhote, que sai vivo do bucho cortado na beira da praia, livrado do corpo da tubaroa - direto para a origem de tudo, sumindo nas ondas da maré. Tão ligeiro que a gente já não sabe mais se foi ou não foi!

Eu mesmo o conheci pouco. Lembro que era homem feito, de rosto largo escuro, cortado pelas lutas de ir e vir do anzol e da linha, peito marcado com calombo no lugar de empurrar a jangada. A mirada até dava medo de ver, mas o senhor sabe que quando a gente é menino tem medo de tudo. E também quer saber. Depois que cresce esquece de perguntar os mistérios, faz de conta que tudo é normal. Como se não tivesse intervalo no que a gente pensa e sente... sou mais é dizer logo que não sei nada.

Mesmo quando ninguém conseguia pescar nem um bagre, Mestre Mussim sempre voltava com carga cheia, o peixe brilhoso apontando no samburá. Era sempre certeza de festa na hora de dar o trato do apurado, depois de rolar as toras na areia e descansar a jangada. Chegava feito artista, cercado da multidão, até turista de camisa florida aparecia, pra tirar foto

---

PAULO ANTONIO DE MENEZES ALBUQUERQUE (Pseudônimo: Álvaro Posfácio) nasceu em Crato, em 1964. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade federal do ceará. Atualmente é professor da mesma Faculdade e Procurador Federal. Amante da literatura e amador da escrita, aventura-se na crônica e no conto. Publicou artigos científicos e trabalhos técnicos.



– assim que nem o senhor. A gente, menino novo, ficava por ali apreciando, feito gato calculando pulo, porque ele sempre distribuía os menos graúdos, como se combinasse o tamanho do peixe com a mão de quem ia receber.

Eu nunca vi, mas o pessoal dizia que mais ligeiro que ele na água não tinha ninguém. Uma vez salvou o pai do Toim da Zoca, que bateu a cabeça na jangada em onda de rebolo, lá perto das pedras. Mergulhou na mesma hora e nem água espalhou – saiu do outro lado, já puxando o Toim pela camisa de pano duro. E ainda salvou o samburá com tampa e tudo, que festa danada que foi! Tem também a história de uma arraia que puxou ele pro fundo, já davam por morto quando saiu rebocando a bicha pelo esporão. Diz que era o único que saía pro mar em mês de janeiro, se tivesse precisão.

Essas coisas de se acertar com o mar é difícil de ver, mas tem muita coisa nesse mundo. Tem tanta coisa que não pode e pode, né? Se a gente pensar na diferença que tem, dentro dessas águas que se mexem numa mistura tão grande, tudo junto com areia, pedra, barco, gente, bicho – mexendo e vindo, mexendo e indo. Tem sereia, siri e tem é muito cearense afogado, de teimar sem razão. Alguma hora tem de dar coisa que não dá pra saber direito o que é, não é não?

Mestre Mussim sabia de tudo, e isso sem dizer muita coisa. Parece até que calado aumenta o poder de falar, porque se economiza e a gente presta mais atenção. E até depois de desaparecido, nas coisas que o povo conta, como se pudesse mesmo um homem viver no mar do mesmo jeito que na terra...

Foi então um dia que transbordou de não se acabar mais a inveja do Raimundo Baiucu. Ele não navegava com as ideias; era sempre contra a corrente, amargoso. Tinha umas raivas de uma hora pra outra, que não dava pra entender. E desde sempre queria acertar contas que tinha de menino com Mestre Mussim. Não suportava lidar com o sereno alheio nem com as chuvas da vida, que cada dia pinga sempre diferente e, às vezes, deixa um lugar seco, outro molhado, sem ter como a gente explicar. Acho que Raimundo se sentia esse lugar que não chove. Não atinava de pescar nada do seu próprio mistério.

Pois foi nesse dia malsinado, em que Mestre Mussim saiu de casa, atrás da madrugada que ia se retirando. Raimundo aproveitou o resto de solidão da noite pra cobrar Mussim pelo fuxico da mulher dos outros. Conversa vazia, inventada pra rai-va fácil. Se não fosse essa podia ser outra história, levantando falso do mesmo jeito. Chegou na beira da praia na hora em que a jangada de Mestre Mussim já estava aprumada e abrindo o pano.

Foi como se a cegueira do meio-dia acendesse na vela nova o branco mais claro que o dia ainda ia dar. Raimundo encharcou seu coração com alegria estranha, como quem ia ser dono do mar, mesmo sem ninguém deixar. A mão do homem move tudo, faz acontecer. Deve ter pensado que depois tudo se ajeitava, era só alisar o silêncio, quieto, sem mostrar nenhum arrependimento. Respirar como o vento, quando está calmo, o corpo esquecido de tudo. Acertou o passo.

Mestre Mussim nem se voltou pra ver o outro chegando, parecia parte daquele quadro do mar e da jangada. Se tivesse se voltado, talvez tivesse visto o brilho da peixeira que Raimundo fez zoar no ar, rasgando o ódio e a teima guardados no seu coração tihoso. O sol começou a sair e a espuma da onda espalhava, afogando-se na areia e chiando mansinho.

Diz que nessa hora até o mar não aceitou o roteiro da história, e do lado da África parou o movimento das ondas, que Iemanjá mandou. Raimundo deu um grito ao ver o novo corpo de Mussim transformado, antes mesmo de acertar o alvo. Derubou-se em um mexido estranho, um trançado nas pernas, que só deu pra ver o vulto escuro deslizando pra dentro das ondas. Nunca mais se viu...

É, tem gente que o mar respeita... e o senhor, não vai querer comprar meu artesanato? Se levar três peças faço preço de duas. Aproveite, que é só hoje!

## MEU NOME ERA ALICE

**Vanessa Paulino Venancio Passos**

Minha obsessão por escrever um romance começou pelos lutos que fui acumulando; era uma forma de manter vivos os mortos. Eu costumava fugir do que sentia. A regra básica era criar personagens que se diferenciavam de mim. A verdade é que eu fugia deles, mas eles continuavam me perseguindo, como se, depois de mortos, sabendo que escrevo, quisessem que eu contasse suas histórias. Agora estava acontecendo de novo. Minha avó Alice, no leito de morte, desenganada, as visitas liberadas para a família se despedir, tudo pronto, mas ela não morria. Os médicos não conseguiam explicar como se mantinha viva. Minha tia, que cuidava dela, perguntou a eles se o quadro havia mudado e disseram que não, tudo estável. Mas minha avó continuava lá, sem esboçar reação nenhuma. Exceto quando eu tive coragem de ir vê-la.

Não gosto de hospital. O cheiro de éter dá-me náuseas. Fico nervosa com aquele bipe que controla a pulsação cardíaca presa ao dedo dos pacientes. Sinto como se estivesse na pele de cada moribundo em cima de uma maca com bata azul. Parece loucura. E foi para não enlouquecer que comecei a escrever. Não tenho medo de morrer. Só não quero ir para o caixão sem ter feito nada de importante nesta vida.

A junta médica avisou à minha tia que o caso da minha avó era grave e que, provavelmente, ela não voltaria mais para casa, que a passagem dela seria ali mesmo no hospital, por isso ia liberar os horários para a visita dos familiares e parentes. Fico imaginando esse médico, a maioria deles céticos, dizendo o termo "passagem" só para aliviar um pouco a dor da família, como se acreditassem numa vida após a morte, ou talvez eu que

---

VANESSA PAULINO VENANCIO PASSOS (Pseudônimo: Roberta Vieira) nasceu em 1993. É doutoranda em Literatura Comparada pela UFC. Teve textos vencedores em concursos literários. É autora dos livros Manuel de estilo e criação literária com a artesã Lygia Bojunga e Fábrica de histórias. Ministra cursos de Escrita Criativa, dá consultoria literária e dedica-se à Pintura das Palavras, que é Canal no YouTube.

esteja sendo preconceituosa, querendo encaixar os seres humanos nos estereótipos dos meus personagens tipos, talvez seja isso, essa a razão de eu nunca ter escrito um romance relevante, verossímil, suficientemente forte, com uma coerência interna e significativo que transpusesse os grandes dramas humanos, porque sou insensível, porque analiso a vida como se fosse um grande romance, os humanos como personagens e já me perdi de quem sou e da verdade da vida.

O quadro dela piorou há umas três semanas. Uma infecção no sangue por causa das escaras nas costas e na coxa, além do Alzheimer e da idade já avançada. Minha tia disse que o número do leito era 303. Não gosto de números, eles sempre me confundem. É isso que ela é para aqueles médicos e enfermeiras, mais um número prestes a desocupar o leito para dar espaço a outro doente que está no corredor. Enquanto os familiares deste outro desconhecido fazem orações e pedem um leito vazio a Deus, aqui em cima, no terceiro andar, minha tia reza para que ela continue aqui no leito 303, viva, ainda que com todos esses aparelhos, e essa sonda e esse respirador no nariz. Como será que Deus ouve todas essas orações contraditórias? Será que faz sorteio? Um por família, um por pessoa e vai fazendo o revezamento periodicamente. Quiçá, seja por isso que nossa vida seja um inventário de desgraças com um ou outro acontecimento bom no percurso. Eu não sei. Não faça ideia. E, talvez, seja mais fácil culpar Deus, esse alguém que a gente não vê e não vem tomar satisfações, diretamente, de nossas acusações desesperadas. Afinal, somos todos bichinhos desesperados tentando descobrir quem somos.

Cheguei à entrada do hospital, meio vazia e sombria. Havia duas mulheres na entrada com uma prancheta que continha as informações dos pacientes. Disse o número do leito e o nome dela, "Leito 303, Alice". A mulher gorda me repreendeu: "já passou do horário de visita, você está atrasada". "É um caso grave, os médicos liberaram para os familiares a visitarem em qualquer horário", respondi sem paciência.

Ela torceu a boca para mim e conferiu mais uma vez na prancheta, por fim, respondeu: "elevador à direita". Hesitei um

instante, vou de escada ou de elevador? Tenho um pouco de claustrofobia. Sempre que subo em um, imagino uma narrativa em que fico presa nele e vou desfalecendo aos poucos sem ar, batendo naquela porta metálica, gritando, em vão, para uma câmara na diagonal esquerda, que está quebrada e não funciona há anos. Eu vou morrendo sozinha entre paredes metálicas e um espelho que mostra quem realmente sou, que sempre me deixa mais gorda e que enfatiza minhas marcas de espinhas. É uma claustrofobia que se expande à vida, porque, às vezes, não é preciso estar no elevador para me sentir sozinha e morrendo sem ar. As portas do elevador se abriram e caminhei rumo ao leito 303.

Quando minha tia me viu entrar pela porta do leito, veio ao meu encontro. Em vez de oi, recebi um abraço apertado. Desde a internação da minha avó, ela só via e sentia o mundo pelo corpo dos outros. Era uma forma de fugir dali. Decidiu que não ia fazer revezamento com ninguém no hospital. Quem quisesse, poderia visitá-la, mas ela não sairia mais dali. Era muito religiosa e disse que não faria como as virgens imprudentes, que devido à demora do noivo não se prepararam nem compraram azeite. Eis que esse surgiu à meia noite e elas não estavam prontas. Minha tia se preparava para a morte iminente da minha avó e, depois de uma vida ao seu lado, queria estar ali quando ela desse o último suspiro. Talvez balbuciando alguns grunhidos nos quais ela imaginava que era a tentativa de dizer seu nome.

Foi a primeira vez que vi minha avó no hospital. Sua pele ainda mais branca que o natural. Toquei seus braços frios, a pele tão fina que tive medo de feri-la. Tinha manchas roxas pelos braços, mas, como soube de antemão, sei que há feridas ainda piores espalhadas por todo seu corpo. Os remédios para dormir e os antibióticos impediam que ela sentisse dores, mas fiquei imaginando como devia doer permanecer por dias na mesma posição. Sei que não vou conseguir passar muito tempo no hospital. Esperei minha tia se afastar para chegar mais perto e sussurrar no ouvido da minha avó algumas palavras. Beije sua testa com afeto, pensando ainda no que ia dizer e

sem refletir muito, falei: "não se preocupe, vó, vou escrever sua história. Vou escrever a história da nossa família". Subitamente, enquanto sussurrava em seu ouvido, ela abriu com dificuldade os olhos meio azulados.

Minha tia me disse surpresa: "foi a primeira reação dela há dias". Tive medo de que ela me perguntasse o que falei. Mas respeitou nossa intimidade, não perguntou nada. Descobri aterrorizada de que não é necessário desejar ser escritor para ter o desejo de narrar histórias. Talvez minha avó estivesse ali no leito de morte, pedindo-me para mantê-la viva.

## DESTAQUES

Escorre  
O mosto da dor  
E fere.  
Consola-me o ousio  
Que infere e compensa  
A falta.  
Uma ausência pula o muro  
E amanhece dona do meu quintal

**José Telles**





## A IGREJA DO CÉU

Ana Luiza Ferreira Gomes Silva

Chegou na cidade, à tardinha, bem a tempo da penitência. Passou pela placa de boas-vindas, as casas pequenas, e andou pela estrada de pedra até a rua principal, de frente para a escadaria. Os locais pararam para olhar.

"Quero subir as escadas pra igrejinha", disse o forasteiro. Um velho, ao segurar o violão, deixou o cigarro cair da boca. Um cachorro caramelo latiu, batendo as patas numa varanda de cimento e uma senhora com uma garrafa de café na mão disse:

"Só depois do bolo." E, depois do bolo, ficou tarde.

De noite não dava para subir na igrejinha, disseram, trocaram olhares. Mas não, ele tinha feito um mal muito grande e tinha de haver o perdão ainda hoje, e, aliás, o sol nem tinha começado a se pôr. Não havia espaço para discussão.

"Pois leva isso pra se escurecer", uma menina de vestido de chita entregou-lhe uma candeia pequena, de barro. "Não deixa de levar três reais", disse o dono da budegas, "falam que, lá em cima, o doce de leite é ótimo".

"Doce de leite?", disse uma beata, "tem que levar milho, pra ajoelhar em cima". Mas enrolou foi um pão francês num pano e o fez segurar. "Coma rápido, antes que o diabo amasse."

"Um pulo e estou de volta" assegurou a todos. Só o encararam de volta. Então o rapaz foi, com os olhos da cidade inteira em suas costas. "Vê se dá um oi pro padre!", gritou um homem de óculos quadrados, direto do bar.

As escadas eram da mesma pedra batida que as varandas das casas da cidade. Quando olhou de perto pôde ver, as pequenas marquinhos esqueléticas dos fósseis de piabas. Pedra do

---

ANA LUIZA FERREIRA GOMES SILVA (Pseudônimo: Corisco) nasceu em Fortaleza – CE, em 1993. cursou o Ensino Médio no Colégio Christus, formou-se em Direito na Universidade Federal do Ceará e é mestranda em Direito Constitucional na mesma instituição. Escreve, sobretudo, contos. É apreciadora de artes plásticas, fotografia e música. Sua autora favorita é Mary Shelley.

Cariri, pensou, parecem pequenas veias na rocha amarelada. Os cachorros de rua, porém, não pararam para pensar e subiram correndo na frente dele - um caramelo, um branco manchado de preto e um preto. Os três se sacudindo. Era muito besouro fino voando ao redor.

O homem chega sentiu coçar no nariz, quando subiu as primeiras escadas: esse era o negócio, não era uma serra grande, mas essa época enchia de muriçoca. Até por cima da calça. Mas talvez fosse bom, acrescentava a penitência e o pecado ficava mais bem pago, junto com toda aquela subida, e subida.

E subida. E subida. Ele tinha pés calejados, já tinha andado até aqui. Os cachorros correram doidos na frente, já deviam estar de frente pro padre, sendo abençoados, comendo doce de leite. Cachorro comia doce?

Era homem, então continuou andando, e subindo e subindo. Jurava que passou um dia, jurava que passou dois. Comeu o pão, mas a noite não veio. Jurava que passou três dias, quatro, cinco. A candeia continuava com sua pequena chama acesa, inútil. Nem sinal de lua, nem sinal de igreja. Tinha pés e pés doíam.

Sentiu saudade do pão quando a fome apertou. Foi quando viu o primeiro marco: uma senhora de vestido vermelho e tamancos de madeira. Caída morta, tinha o braço esquelético curvado sobre um degrau. Será que morrera de fome? Ou sede? Um cadáver tão limpo. Ele olhou para o céu, mas não viu nenhum urubu.

De repente, deu-se conta do silêncio, sem patas de cachorro na pedra, ou zunidos de asa de muriçoca em pé de ouvido. Respirou fundo e veio aquele ar gelado de serra, mas a atmosfera parada não lhe concedeu suspiro algum de vento. O mal presságio subiu levantando os cabelos nas costas. Pensando bem, a pele coçava, ardia, as muriçocas se foram. A agonia, porém, tinha grudado na pele dele, uma camada fina de suor.

Ele havia cometido um mal muito ruim, então continuou a subir. A moça morrera sem o perdão, mas ele receberia bênção,

desceria os degraus, pisando leve em cada fóssil de peixe, sem peso nos ombros.

Depois do primeiro, os outros marcos apareceram logo, um após o outro. Um esqueleto com cara de antigo, com chapéu de vaqueiro, um outro de uma moça com tranças e short jeans. Pulou por cima de um ossuário pequeno, tão pequeno que o fez se perguntar que pecado caberia em uma criança tão diminuta. Desviou-se lentamente de um homem de paletó bem estirado num degrau - fedia muito. Não havia moscas, porém, só uma maleta e um cheiro ácido, como se alguém tivesse vomitado por ali. Enguiou com a própria bile.

Abriu a maleta, só havia papéis. Pegá-los não fez diferença, não sabia ler. Devia ser alguma coisa ruim, talvez até tivessem cometido pecado parecido. Mas o que havia mesmo feito? O rapaz estava exausto demais, com dor de cabeça demais para lembrar. Sabia o fundamental: havia sido terrível. Era mau, como aquelas pessoas eram más: fraco, miserável. Mas havia uma igreja em algum lugar no final das escadas, e o perdão dado era absoluto. Subiu, subiu, subiu, apenas nessas companhias silenciosas. Arfava, com dificuldade, e a pedra da escada e a terra da serra, ao redor, respiravam junto.

Delirava, estava fraco. Talvez o diabo já o houvesse amassado no lugar do pão e igreja nenhuma, nem padre nenhum, poderiam pô-lo no lugar. Uma parte tímida da cabeça, que só tinha voz porque todo o resto estava exausto, sugeriu: "você pode se dar o próprio perdão e, perdoados, podemos ir para casa, pô os pés em cima do sofá, nunca mais subir degraus". Mas ele era o tipo de homem que não dá presentes a ninguém, nem a ele mesmo e, com essa convicção, conseguiu continuar.

Foi quando viu o marco final. Lá estava: o corpo coberto de tecido preto do padre, segurando o seu rosário perto da boca, num último beijo de prece antes da morte. Não conseguia enxergá-lo bem, a luz, assim tão alto, era mais forte. "Mandaram um oi, lá do bar", o rapaz disse em voz tímida, antes de seguir.

Era impressão sua ou o sol, assim de perto parecia uma lâmpada? Não, não uma lâmpada, um farol. Uma bola de luz na

cabeça daqueles peixes que só nascem no escuro, lá no fundo do mar – daquelas que atraem as presas pequenas, para a boca aquele bicho de olhar esbugalhado, peixe-luz? Peixe-sol? Não importava, aqui não era o mar, o sentimento nas escadas era claustrofóbico demais.

Então ele viu a coisa mais linda desse mundo. Se um coro de anjos se transformasse num objeto seria aquilo, se a moça mais bela da cidade tivesse piscado pra ele, não teria ficado mais feliz – nem um copo d'água seria mais belo que aquilo. Era um batente, o fim da escada. Depois de dias de degraus, pisou em chão reto, quase tropeçou.

Então o sol apagou.

A chama da candeia, porém, de algum modo ainda acesa, lhe mostrou a descoberta. O compartimento apertado e úmido como uma caverna, um altar aveludado com cruces de pontas finas, como dentes. Não – eram dentes, dentes fechados. Tantos e tão juntos, que não se mostrava fresta alguma para o resto do mundo. Não havia doce de leite, não havia missa, ou perdão. Com três reais no bolso e um pano sujo de pão preso à calça, ele entendeu que não podia fazer mais nada. Já havia sido devorado.

Não fora agora. A pele vermelha, o cheiro de bile - já vinha sendo digerido há algum tempo. Três cachorros o olharam, um lambeu seu pé. Não eram três, percebeu, como não havia notado? Era um só. Talvez até feitos da mesma matéria viscosa que a parede. Não eram cães e nem era animal algum, a única coisa em comum com qualquer criatura de Deus eram os olhos famintos. Olhos que esperavam, disso tinha certeza.

Pensou em, mesmo assim, prostrar-se nesse altar. Aquele sol – aquela luz- talvez fosse atraindo algum outro sujeito despercebido. A boca enorme do monstro abrir-se-ia e ele pularia fora, em oração. Sentaria, em arrebatamento, pedindo a ocasião de piedade divina em que isso aconteceria – não daria asas ao pensamento traidor que sussurrava "foi assim, de braços abertos em adoração, que você foi devorado", apenas voaria de volta ao mundo, sem culpa, numa canção de anjos. Podia se desca-

belar, bater ele mesmo nos dentes até abrirem, pôr o fogo da candeia nas paredes.

Mas não era o tipo de homem que se dava presentes. O perdão havia de vir sozinho e ele havia cometido um mal muito terrível, seja lá qual fosse. Então, soube que essa boca jamais se abriria para ele.

Os dentes rangeram, fechando ainda mais. A escadaria, sumindo na escuridão, era quase doce na meia luz, as pequenas veias da criatura como fósseis esqueléticos de piabas nas pedras do Cariri. Respirou fundo, as paredes ao seu redor respirando junto. No céu dessa boca, não havia estrelas e a única saída era para baixo.

# JOÃO DE BARRO

**Carlos Magno Gurgel Cavalcante**

Ouvi a história do João de Barro pela primeira vez aos oito anos. Fiquei encantado. Sempre gostei de pássaros e desse em especial; tinha meu nome. Logo aprendi a história e a contava para todo mundo. Um pássaro que era construtor. Toda vez que tinha uma oportunidade, perguntava às pessoas: "você sabe o nome do pássaro que constrói a própria casa?" E aí aproveitava e contava a história em detalhes. O material usado, as dimensões da casa, a posição virada para o nascente e até o fato de ele emparedar a companheira quando descobria uma traição.

Encantado com o pássaro, cedo comecei a ajudar meu pai no trabalho dele. Ele trabalhou até o dia de sua morte como ajudante de pedreiro. E aprendi o seu ofício. Quando faleceu, eu o substituí na obra em que trabalhava e me iniciei na profissão.

Todo mundo passou a me chamar de João de Barro por causa das histórias que contava e das minhas habilidades em construir. Quando me apaixonei por Celinha, coloquei, na minha cabeça, que casaria com ela e construiria minha própria casa. Todo mundo dizia que era trabalho demais para um único homem, mas eu era o João de Barro.

No bairro em que eu morava havia uns terrenos invadidos e fui lá separar o meu lote. Negociei com o sujeito que mandava no lugar, um tal de Oscar. Sujeito metido a engraçado, cheio de manha, mas arranjou-me um pedaço de terra vizinho a casa dele.

Enquanto namorava a Celinha, fui construindo nosso futuro lar. Planejei a casa virada para o nascente, fiz as fundações, alicersei bem, levantei as paredes e cobri da melhor maneira possível. A casa só tinha dois cômodos, o suficiente para começarmos a vida juntos.

---

CARLOS MAGNO GURGEL CAVALCANTE (Pseudônimo: Jacarandá Mimoso) Nasceu em Iguatu-CE. Curso o Ensino Médio no Colégio Lourenço Filho. Formou-se em Direito pela UNIFOR. Além do conto, dedica-se à crônica. É apreciador da sétima arte e esportes. Tem publicação em revistas acadêmicas. Seus autores preferidos são Franz Kafka, Nelson Rodrigues e Moreira Campos.

O Oscar sempre nos acolhia bem quando íamos ajeitar umas coisas na casa. Ele nos servia café com pão e a Celinha se dava bem com a Maria, esposa dele.

Terminei o básico da casa e já nos mudamos pra lá. Dos móveis, já tínhamos a cama e o guarda-roupa. E o acabamento demoraria; o dinheiro era pouco.

Nos primeiros meses de casamento, recebi um convite para trabalhar em uma obra grande na cidade vizinha. O serviço era tanto que passava a semana fora e quando chegava a sexta era um alívio voltar pra casa e ver minha linda esposa.

Mas em uma certa semana, uns fiscais embargaram a obra e tive que voltar mais cedo. Não podia me conter de saudade. Comprei uma carne de charque pra comemorar uns dias a mais com minha mulher.

Cheguei em casa no fim da tarde de uma quarta-feira. Entrei e vi o Oscar deitado na rede e Celinha assando um queijo. Não acreditei no que estava vendo. Os dois se espantaram e tentaram me contar uma história que não conseguia entender.

Meu coração batia forte e uma raiva tomou conta de mim. Olhei de lado e vi a trave usada para fechar a porta. Era de madeira maciça, tinha um metro por dez centímetros. Oscar, já em pé diante de mim, recebeu uma pancada de cima pra baixo. A cabeça dele quebrando, fez um som esquisito. Quando caiu, se contorcendo, Celinha começou a chorar, disse que estava grávida e implorou que eu não a matasse.

Depois de ouvir a história de traição, mandei se calar e assar a carne que eu trouxera, pois estava com fome. Comecei os trabalhos. Por volta da meia-noite eu já tinha emparedado todas as janelas e portas.

Do lado de fora, eu observava a minha obra. Estava perfeita. Assim como o João de Barro ao descobrir a traição de sua amada, eu também emparedei meu ninho. Em silêncio, peguei minhas coisas e fui embora daquele lugar, deixando Celinha do lado de fora pra pensar no que fez. Eu não poderia deixá-la aprisionada com um filho no bucho. Sendo minha ou do Oscar, a criança não merecia isso. Até porque sempre achei um exagero do pássaro emparedar a casa com a amada dentro. Posso ser conhecido como João de Barro, mas certamente não sou um bicho.

## A ÚLTIMA COVA

**Cícero Bôscoly Mangueira de Moraes**

Todos os dias, no alto da torre da igreja, a boca do sino ressoava lentamente badalos fúnebres. A seca de 1932 foi impiedosa com as pessoas, com os bichos e com as terras do sertão do Ceará. Em Monte Santo, virou rotina cavar túmulos e enterrar corpos.

Esse hábito deu a Justino um dos trabalhos mais requisitados: o de coveiro. Era enterrando as pessoas que conseguia o sustento para seus três filhos e para Lúcia, sua esposa há sete meses de barriga.

Ainda cedo, Justino rezava o terço das almas diante das imagens dos santos amontoados na parede do quarto. Depois beijava suavemente a face da esposa e dos filhos com cuidado para não acordá-los. Fechava a porta da casa devagar e partia para o cemitério, onde ficava o dia inteiro cavando e fechando covas. A hora do ângelus marcava o fim do expediente. Os mais antigos diziam que não se enterra depois das seis.

Enquanto voltava para casa, Justino carregava dois pesos nas costas: o alimento da carne e a fadiga da alma. Mesmo distante do cemitério, ele ainda permanecia lá: os ouvidos escutavam os clamores dos parentes, o nariz aspirava o odor da terra fétida e os olhos enxergavam muitas lágrimas.

Somente com o abraço dos filhos e o beijo apaixonado da esposa, Justino conseguia voltar para si. As crianças disputavam o colo e a atenção dos pais. Divertiam-se até ficarem exaustas. Então, Justino pegava uma antiga viola e arrematava o sono dos filhos com suaves acordes.

---

CÍCERO BÔSCOLY MANGUEIRA DE MORAIS (Pseudônimo: José Teófilo) nasceu em Juazeiro do Norte-CE em 29/09/1978. Atualmente cursa especialização em Escrita Literária no FBUNI. Recebeu menção honrosa com a publicação de uma poesia no 7º Prêmio Literário Pague Menos de 2019. Tem conto publicado no 6º número da revista Maracajá e participou da coletânea *100 sonetos de 100 poetas*.



Assim foi por algum tempo, até que um dia, depois de enterrar três crianças da mesma família, mortas por causa da varíola, Justino decidiu que não queria o mesmo desfecho para seus filhos. Dessa vez, não esperou o dia crepuscular e voltou para casa a passos fortes e largos.

Surgiram conversas no povoado de que o governo estava abrigando os retirantes, aplicando vacinas, dando comida, roupas e até trabalho. "Vamos partir em breve!", disse Justino intimando a esposa. "Aqui não tem futuro. Só existe fome, doença e morte. A partir de hoje não abro mais covas, nem entro em cemitérios."

Lúcia sentiu uma forte angústia. Não queria deixar sua casa que um dia pertenceu ao seu avô. Acreditava, com muita fé, que seus filhos estavam protegidos por Deus. "Não precisamos sair daqui. E o nascimento do Josué? Será ao relento por aí, feito bicho? Tenha fé, homem. Acredite. Nenhum mal vai acontecer com nossa família", sussurrou enquanto soluçava sua tristeza.

De nada adiantou. Justino já havia trocado a fé em Deus pela certeza de que ele mesmo encontraria a verdadeira Terra Prometida.

Naquela noite, Lúcia não conseguiu dormir, pensando nos dias felizes que aquela casa lhe proporcionara. Lembrou-se do nascimento de cada filho no quartinho dos fundos. Elogiou, em voz baixa, os telhados e as paredes que suportaram o peso do tempo e sorriu, por um breve instante, para além do corredor.

\*\*\*

Monte Santo surgiu em torno de uma pequena igreja erigida pelo avô de Lúcia, Cristóvão. Ao final da construção, já existiam muitas casas, uma praça improvisada e um pequeno comércio. Naquela época, houve uma grande praga que dizimou muita gente, mas nada aconteceu com Cristóvão nem com sua família. Quando era questionado pelos moradores, ele sempre justificava que a casa era protegida, primeiramente, por Deus e depois pelos antepassados que velavam e zelavam pelos vivos.

O pai de Lúcia foi responsável por levantar os muros do cemitério daquele povoado e, por algum tempo, abriu muitas covas. Cansado de tanto ver defuntos e acreditando nas histórias do povo sobre vida fácil, em outros lugares, ele resolveu fugir, abandonando Perpétua ainda grávida.

Quando Lúcia estava prestes a nascer, sua mãe se apinhava prostrada no quartinho dos fundos com fortes dores e sangrava muito. Era possível ouvir o velho Cristóvão balbuciar algumas orações no final do corredor. Somente nas primeiras luzes da aurora, ouviu-se o choro rasgado da criança que tentava, inutilmente, sugar o leite materno do pálido seio de Perpétua. Lúcia cresceu sob os cuidados do seu avô.

\*\*\*

Justino não suportava mais ouvir as lamentações de Lúcia e as histórias afetivas que ela insistia em recontar sobre aquela casa. "Amanhã bem cedo partiremos e não se fala mais sobre isso", bradou Justino com voz imponente. Ao lado da porta, dormia a bagagem: uma pequena trouxa de roupa, uma enxada, um saco de estopa contendo bacia, panela, cantil e mais um ou outro apetrecho pessoal. Sem esquecer, é claro, da viola que descansava para a longa jornada que estava por vir.

Durante a madrugada, surgiu um vento forte que fez sacudir os telhados e ranger as janelas, além de um zumbido que ecoava na passagem do ar entre as frestas da porta. Lúcia acordou com fortes dores no ventre. Assustado, Justino rapidamente acendeu o candeeiro e logo viu uma poça de sangue que partia das pernas da esposa. Com muito cuidado, Justino levou Lúcia até o quartinho dos fundos. À medida que o tempo passava, as dores e a febre só aumentavam.

De súbito, Lúcia parou de gemer. Ficou em silêncio como se ouvisse alguma voz a balbuciar no final do corredor. Então, sorriu para além do quarto, acomodou as costas na parede e vagorosamente foi cerrando os olhos enquanto o sorriso se desfazia.

E nas primeiras luzes da aurora, no alto da torre da igreja, a boca do sino ressoava lentamente badalos fúnebres.

## NOITE DE ESPETÁCULO

Cléa Beatriz Silva Penha

As luzes se apagam. Toméias grita lá atrás que já é hora de ir para casa. Cecília para de dançar, mas a música continua ecoando no teatro. Senta no palco e massageia os pés na escuridão. Alguns dedos estão úmidos, talvez em carne viva. Fixa o olhar no letreiro vermelho da saída de emergência e pensa em como faz calor. Faz calor porque Toméias só a deixa ensaiar se for sem ar-condicionado. Todas as noites, Toméias abre a portinha dos fundos do Theatro Municipal para Cecília entrar escondida. Ele acredita que um dia vai vê-la no palco, como via sua mãe sendo aplaudida de pé. A mãe de Cecília saía no jornal quase toda semana. Era uma bailarina com futuro promissor. Assim estava escrito nos recortes de jornais, guardados por Cecília em uma caixinha de música, que lia enquanto uma pequena bailarina girava. A mãe de Cecília foi convidada por um olheiro para fazer parte de um dos maiores grupos de balé de Nova York. Chegou ao aeroporto, mas sequer entrou no avião. Passou mal e descobriu que estava grávida.

Cecília caminha na madrugada em direção à parte mais segura do bairro. Onde tem turista, tem polícia, muita gente na rua. Às vezes, Cecília só quer beber e sair com os amigos sem ter hora para voltar, mas que amigos? Ela sente falta de conhecer pessoas, namorar, ser inconsequente, mas sabe que a realidade é outra. Uma pilha de prato sujos a espera. Pratos de um monte de gente rica que acorda cedo para pagar caro por ovos com bacon. Cecília cursa Artes Cênicas na Universidade Pública. Na aula de psicologia que assistiu, mais cedo, a professora falou sobre a pia da nossa casa contar quem realmente somos. Cecília estava rodeada de gente bem apessoada. Gente

---

CLÉA BEATRIZ SILVA PENHA (Pseudônimo: Evie Douglas) nasceu em 1988, em Fortaleza. Cursou o Ensino Médio no Colégio Ari de Sá Cavalcante. Graduada em Publicidade e Propaganda na Universidade de Fortaleza, atualmente é aluna da Especialização em Escrita Literária no Centro Universitário Farias Brito. No tempo livre, escreve sobre os amores, as comédias e as tragédias do cotidiano.

rica com unhas de gel, cobertas de esmalte caro. Ninguém ali lava a própria louça. A pia de Cecília, quase sempre, está vazia, mas só mesmo porque ela não para em casa. É trabalho, aula e teatro todo dia. Menos amanhã. Amanhã o balé russo vai estar na cidade. Cecília verá, pela primeira vez de pertinho, um espetáculo dos bons. Arrepiam-se só de imaginar aquelas bailarinas altas e elegantes e saltitantes em cima do palco. Toméias deu um jeitinho. Cecília fará parte da equipe de limpeza. Depois do serviço, disse que poderá ver a apresentação lá detrás, escondida no cantinho. Toméias está empolgado. Mais porque ela prometeu que depois comeria uma pizza com ele. Cecília sabe que ele gosta dela. Ele não é feio nem nada, mas tem mais que o dobro da sua idade.

O céu não tem nuvens. O cheiro do mar se mistura com o barulho das ondas. Cecília masca um chiclete para enganar a fome. Em uma cabine, dois policiais riem sem parar. Um deles gargalha como se tivesse ouvido a melhor piada do mundo. Os hotéis iluminam mais as ruas do que os postes. Tem gente dormindo em bancos, fumando cigarros duvidosos e caminhando sem rumo. Bêbados, mendigos, ela e o mar, todos banhados pela lua. O vento cantarola baixinho no seu ouvido. Ainda sente calor. Para e olha para o mar esperando que ele a encare de volta. Pensa em entrar de roupa e tudo, fingir que a sua noite também não tem fim. Olha para os lados. Os guardas nem estão mais na cabine. Não há ninguém por perto. Por que não? Esconde a bolsa atrás de uma árvore e vai.

Primeiro, a água morna toca os pés. Dói. Dói muito, mas ela ignora. A água chega até os joelhos e rapidamente à cintura. As ondas somem como se o mar parasse para ela entrar. Deita no enorme tapete d'água, e sente o peso do coque puxar a cabeça para trás. Estica os braços, as pernas e o canto da boca. Fecha os olhos. Respira fundo. Sente-se cansada, vazia e leve. Está em cima do palco. Usa um colan preto novinho. Suas sapatilhas brilham. Seus pés parecem saudáveis. Escuta murmurinhos. A plateia está cheia, seu cabelo está lindo e a maquiagem impecável. A música toca. Cecília reconhece, vem ensaiando há meses. Prepara-se e dança como se fosse a última vez. Flutua.

No mar e no palco. O vento sopra aplausos. Cecília aperta os lábios salgados. Ela gira, gira e gira até que o olhar para sobre sua mãe, bem no meio do teatro. Ela sorri, aplaude e chora com elegância. Cecília respira fundo para não chorar junto, e o mar entra devagarinho em seu nariz.

Abre os olhos e encontra escuridão. Primeiro, tenta alcançar o chão. Depois, manter a calma. O mar está agitado, nem parece o mesmo. Sua respiração fica ofegante. A primeira onda bate forte na cabeça. Sem demorar muito vem outra e mais outra e mais outra. Engole água, perde o fôlego, luta contra as ondas que continuam vindo. Pensa em gritar, mas para quem? Perde a força. Primeiro a dos braços, depois a das pernas. Cecília afunda. Deixa-se afundar, talvez encontre o chão para voltar com um impulso. Continua afundando com o sonho de ser bailarina. Sua cabeça dói. Prende a respiração e fecha os olhos. As luzes se acendem. Cecília volta ao palco de frente para a sua mãe, a bailarina que nunca conheceu. Seus olhos afundam em orgulho e lágrimas. "Vamos?", pergunta a mãe. E ela vai.

# EU NÃO CONSIGO LEMBRAR POR QUE TE AMO

**Daniel Silva Marques**

Levantei da cama meio sonolento e me aprontei esbafo-rido pra aula. Um pão com queijo engolido, às pressas, e uma decisão a tomar: como ir? O metrô faz um trajeto rápido, mas passa com pouca frequência. O ônibus passa mais vezes, mas pega o trânsito infernal que nunca cessa. Escolhi o metrô.

Resultado: atrasado novamente. Não tem problema — quando cheguei, não prestei muita atenção, mesmo. Ouvi umas palavras e mergulhei longe nos meus próprios pensamentos. Estava meio sem vontade, desconcentrado, sei lá. Pensei na vida. Na família, nos amigos, em você. Em basquete, em desenhar. Opa, vou desenhar um macaco lutando com um jacaré! Gosto de animais. Os cachorros lá de casa... Você de novo, pulando na minha mente. Pensei em comida, em dormir, em dinheiro, em sonhos, em literatura, em poesia, em amor... Em você.

De repente, esquisito, uma frase:

*Eu não consigo lembrar por que te amo.*

Escutei lá atrás, penetrando no fundo da cabeça.

Ignorei. Ora, eu amo, é claro. Por quê? Porque sim.

Levantei, saí da sala e fui ao banheiro. Tinha um daqueles mictórios coletivos, nos quais a urina fica escorrendo por cima da longa plataforma metálica até um ralo no centro, deixando um cheiro sujo no ar. Olhei pro azulejo na minha frente, pra esquecer o odor, e percebi umas rachaduras. Falhas, pedaços quebrados. Bah, nada diferente de qualquer um de nós!

---

DANIEL SILVA MARQUES (Pseudônimo: Clive sertanejo) nasceu em 1995, em Fortaleza, Ceará. É editor de texto no SAS – Plataforma de Educação e advogado autônomo. É especialista em Escrita Literária pela FBUi e autor de contos, poemas e crônicas. Fundou o grupo Promethea, com o qual colabora em um canal no YouTube. Também é membro da coordenação do Coletivo Cultural e organizador da coletânea *Manifesto pela Paz*.

Lavei as mãos, parei, olhei no espelho. Olheiras, barba por fazer. "Você precisa de um trato", pensei. Pensei de novo, mais um ou dois segundos.

*Eu não consigo lembrar por que te amo.*

No fundo da cabeça, essa constatação inquieta, latejante, crescente, retorna palpitando com o dobro da força.

Afasto. Eu sei por quê. Isso é só um lapso casual. Mas por que era mesmo?

Seria por você rir das besteiras que eu falo? Não, não é isso.

Talvez aquele olhar meigo que você dá quando está com vontade de dizer que me ama, mas já disse muitas vezes naquele dia. Eu sei disso porque você acaba dizendo, pouco tempo depois. Hum, não deve ser um detalhe tão específico.

Pode ser o fato de você ler tanto, escrever, amar a literatura. Ser poética, reflexiva, inteligente. Mas desde quando intelecto é o único motivo pra um amor que dure?

Espera! Tô aqui parado em frente ao espelho há alguns minutos. Preciso voltar pra aula.

Não tem papel pra enxugar as mãos. Que coisa! Se bem que as minhas já secaram. Bom que não gasto papel. Bom pro meio ambiente, mas com que vou ocupar minhas mãos? Preciso mexer em alguma coisa, estou inquieto.

Um gole d'água no bebedouro e de volta pra sala. Aperto o botão em cima da caneta, fazendo a ponta que escreve aparecer e desaparecer várias vezes, diminuindo a vida útil do objeto. Passo páginas e páginas em branco do caderno. Paro numa qualquer. Faço mais um desenho — agora é um ladrão roubando uma moça, mas ele se apaixona por ela no processo e dá a carteira dele pra ela. Falando em paixão...

*Eu não consigo lembrar por que te amo.*

Que mente insistente. Não enche o saco, droga! Mas por quê? Ainda não consegui saber por quê!

Vai ver é o modo como me beija, começando sutil, mas com vontade. Não, eu não acredito que o beijo determina o amor.

Ou então é o beicinho que você faz quando está com raiva, que só te deixa mais linda ainda. Isso também não, é tão supérfluo.

Quem sabe a forma como suas bochechas ficam avermelhadas depois de pegar um pouco de sol. Levemente vermelhas, ou rosadas, dependendo da quantidade de sol, mas sempre de um tom suave, leve, atraente. Não, não pode ser, é besteira demais pra ser isso.

É possível que seja o modo como você repousa a cabeça no meu peito, enquanto a gente assiste TV, e deixa-me por meu braço em volta do seu ombro e eu sinto como se a pudesse proteger, naquela hora, de tudo de ruim que há no mundo. Mas isso é uma bobagem — não a posso proteger de nada e esse sentimento deve partir de um instinto inconsciente qualquer.

Ei! A aula acabou? Como assim, mas já? O tempo passa rápido! Vou voltar de ônibus, pensando e pensando no caminho, com certeza.

Eita, o ônibus está lotado hoje. Não dá pra sentar.

Tanta coisa na minha cabeça, e isso que nem falei dos outros trinta ou quarenta dilemas que assaltaram meu pensamento nesta manhã. Ou do trabalho onde vou chegar atrasado e ficar até mais tarde. Ou da lista de livros que eu nunca li e que vai aumentando a cada nova promoção de livraria. Ou do concurso que eu queria fazer, mas esqueci de estudar, porque estava cansado todo dia e só queria assistir a uma série besta quando chegasse em casa. E eu ainda não consigo lembrar por que te amo. Que droga.

Peraí, você tá me ligando.

— Alô? Oi, meu bem! Hã? Eu sei lá quem é essa sua amiga, você sabe que eu não sou bom com nomes. Mas escuto qualquer história que você tiver pra contar. Não, ainda não almocei. Ahã, eu lembro daquele dia! Sim, eu imagino que o trabalho esteja cansativo mesmo. O meu também. É, mas a gente se pre-



para pro futuro, né? Vai ser muito bom. É. Quê? Que piada horrível! Depois te ensino umas melhores. É, eu sei que as minhas são ruins também. Tenho consciência disso. Oi? Sim, a gente vai se ver hoje. Vai ser a melhor parte do meu dia. Se eu te amo? É claro que sim. Eu amo muito. Beijo, amor.

Eu não consigo lembrar por que te amo. Nem lembro se já soube.

Talvez eu nunca descubra.

Ou, talvez, sejam motivos demais.

# RESILIÊNCIA

**Francisco José Tobias de Lima**

"Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, porque dela foste tomado; porquanto és pó, e ao pó tornarás". Gênesis 3.19

O suor escorria pelo rosto fazendo os olhos arderem e embaçando sua visão. Estava fraca, as pernas tremiam e já não havia nela forças para empurrar o pesado carro da reciclagem pela íngreme avenida.

A respiração ofegante fê-la parar, apanhou um trapo imundo que levava pendurado no cós da velha e surrada saia, enxugou o suor do rosto. Pegou a garrafa d'água na sacola e deu um longo gole, bochechou, cuspiu, no asfalto escaldante, a água que restara na boca.

O asfalto queimava seus pés, porquanto a sandália que usava, tão gasta era, não os protegia da quentura do asfalto em pleno verão cearense.

Afastou-se do carro da reciclagem, lotado de bugigangas, olhou a extensão da Avenida Barão de Studart conseguindo, mesmo de vista turva, vislumbrar o Palácio da Abolição, faltava pouco para seu velho corpo alcançar o fim do aclave e chegar no Campo do América.

Ergueu a cabeça, o sol abrasador ofuscou-lhe os olhos, seriam umas três horas, calculou. Deu outra golada na água quente da garrafa e guardou. Remexeu a sacola buscando o de comer, a fome apertava. Nada, resignada apoiou tenazmente as duas mãos nos braços do pesado carro empurrando ladeira acima, usando toda a força que restava no corpo de sessenta e cinco anos, carcomido pela fome, pelo cansaço duma existência

---

FRANCISCO JOSÉ TOBIAS DE LIMA (Pseudônimo: Cacá Lima) nasceu em Fortaleza em 1962. Curvou o Ensino Médio no Colégio Estadual Liceu do Ceará e, atualmente, é aluno do Curso de Letras da UECE. Além do conto, dedica-se a crônicas. Gosta de música, cinema, teatro. Seus autores preferidos são Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Machado de Assis, Graciliano Ramos e Vinicius de Moraes.

sofrida, desde a infância em Iguatu, onde seus pais lutavam contra a seca e, ainda criança, veio trabalhar de doméstica em Fortaleza.

Casara-se, e fora feliz por cinco anos. Era muito bonita quando jovem, Jordão, frentista de um posto de gasolina, apaixonara-se por ela, tiveram um casal de filhos: Lorena e Júlio.

Contudo sua felicidade durou pouco, Jordão foi morto durante um assalto no posto de gasolina. O que lhe coube foi uma mísera pensão de novecentos e sessenta reais para custear a criação dos filhos ainda pequenos, e o aluguel de um barraco na favela.

Voltou a trabalhar de doméstica, então chegando a idade, escassearam as diárias, a única alternativa para sobreviver seria o mundo da reciclagem, onde entrou aos cinquenta e oito anos, em busca de suprir necessidades da casa, bem como a criação dos netos. Seus filhos? Perderam-se na vida. Júlio estava preso por tráfico de drogas, Lorena fugira com um caminhoneiro deixando para trás os filhos.

As pernas doíam, as mãos calejadas, lisas pelo suor escorregavam no metal dos braços do enorme carro, era a peleja da exaustão contra a necessidade. Indiferentes a seu penar, veículos de luxo passavam ao lado, alguns buzonavam freneticamente a suas costas pedindo passagem, até insultaram-na por atravancar o tráfego.

Após intermináveis minutos e reunindo o pouco que ainda restava de têmpera, venceu a subida, chegando no depósito onde vendia o que recolhera nas ruas. Separou lentamente o material reciclável, feita a pesagem, recebeu o valor de cinquenta reais e algumas moedas.

Era pouco, quase nada, porém garantira o pão para o dia seguinte. Passou na mercearia comprou pão, ovos, farinha e café. O leite não deu, tinha que pagar o galego.

Colocou os víveres numa sacola, seguiu para casa, se é que podia chamar aquilo de casa, mas era o que possuía, agradecia a Deus a ajuda da comunidade na compra do barraco. Chegou, amarrou o carro da reciclagem em correntes e cade-

ados numa barra de ferro afixada no solo, porque havia gente capaz de tirar o pouco de quem nada tem.

Abriu a porta, num canto da pequena sala dois netos brincavam com uns carrinhos que recolhera no lixo, a neta mais velha correu até ela abraçando-se a sua cintura, não fazendo caso do cheiro forte de suor, trazia nas mãos o caderno de tarefas escolares e perguntou de supetão: vó, o que é o empoderamento feminino?

A velha senhora, que havia saído quatro horas da madrugada a catar latinhas na festa junina do aterro da Beira Mar, colocou os poucos alimentos sobre a mesa da cozinha, e pensativa, talvez buscando uma resposta à pergunta da neta. Olhou as mãos cujos calos sangravam, baixou a cabeça, alisou os cabelos cacheados da menina e respondeu: não sei, minha filha.

## VULTOS

**Francisco Sinval Farias de Sousa**

Se os passos não fossem tão desaprumados, a lembrar os cães de pernas dependuradas que rondavam a praça. Se não arrastasse a carcaça como se carregasse um peso, seguindo pelo acostamento ao pino do meio-dia. Se não conversasse com as gentes mortas do lugar. Se não se aninhasse nos postes e nas árvores. Se nada disso houvesse, Faustino, por certo, seria um dos moradores mais respeitados da cidade.

Filho único do vereador Feitosa, desde moleque já manifestava o desejo de correr mundo, de conhecer outros países, de ser gente de verdade, como dizia sua mãe, D. Generosa. Primeiro embaixador nascido e criado no Mapuá, essa era a previsão do pai para Faustino, menino curioso das rotas globais e dos idiomas estrangeiros. Nas reuniões de família, o pai, no usufruto de gabar-se do filho promissor, convocava-o e desafiava qualquer um a dizer o nome de um país para que o menino, de pronto, devolvesse a capital. Síria. Damasco. Noruega. Oslo. Canadá. Ottawa.

Faustino interessava-se, cada vez mais, nos estudos. Preparava-se para as provas do Instituto Rio Branco. Se tudo corresse como o planejado, finalmente, poderia conhecer todos aqueles países cujas capitais se amontoavam em sua cabeça. Todos se admiravam da disciplina e da tenacidade do rapaz. Esse é menino de ouro. Filho assim não se vê mais nos dias de hoje. Uma bênção. Nem perde tempo com namoro. Há quem diga que não é chegado à mulher.

Foi pelos dezessete anos, quase dezoito, que começou a ter as primeiras visões. Eram como vultos arrastando-se pelas

---

FRANCISCO SINVAL FARIAS DE SOUSA (Pseudônimo: Déjà vu) nasceu em Fortaleza em 1977. É professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Ceará – IFCE. Escreve poemas, contos e crônicas, alguns dos quais premiados em concursos locais e nacionais. Atualmente, aguarda o lançamento do livro de crônicas “Coisas de aula e outras crônicas”, cuja autoria divide com outros três escritores.

paredes. No princípio, apenas ignorava, acreditando ser fruto do cansaço por tantas horas metido nos livros. Mas as aparições tornaram-se cada vez mais frequentes. Algumas delas tomavam formas familiares, como no dia em que jurou ter visto o finado Chico da Boa Vista sentado no alpendre, tomando cachaça e mostrando o único dente que lhe sobrara na boca.

Não passou muito tempo e os pais perceberam a aflição de Faustino. Ele não mais estudava até tarde da noite, como tinha por hábito. Passou a acender velas por toda a casa. Rezava com vigor para ver se conseguia espantar os espíritos que o perseguiram. Aos berros, tentava expulsar os vultos. D. Generosa buscava explicações na devoção. São os anjos de Nosso Senhor que visitam Faustino. O pai procurava soluções mais práticas: padres, médicos. Nada parecia dar jeito.

Acabaram levando Faustino para uma clínica especializada em distúrbios mentais. Lá, os vultos passaram a surgir com muito mais intensidade. Dopado pelos remédios, observava, sem reação, o que se lhe apresentava: um tropel renitente de figuras indistintas levantava-se à sua frente.

Com o tempo, fora desenganado pelos médicos, que aconselharam aos pais que o mantivessem em casa, sob forte medicação. Em hipótese alguma, deveriam permitir que ele saísse sem a tutela de algum responsável, porque isso poderia colocar em risco a sua vida e, principalmente, a de terceiros.

Assim se fez. Com o passar do tempo, Faustino tornou-se mais um dos vultos que assombravam a casa. Mal soube da morte de D. Generosa. Todos da região comentavam do louco que falava com espíritos. A mãe morreu de desgosto. Não é qualquer cristão que consegue carregar uma cruz pesada assim.

O pai tinha vendido tudo que pôde para bancar o tratamento do filho. Em um domingo qualquer, depois de uns goles de zinebra e das lembranças de quando Faustino entretinha os parentes com sua inteligência aguçada, decidiu pôr fim a tudo aquilo, pendurando-se pelo pescoço nos punhos da rede.

Faustino não tinha mais ninguém que fosse por ele. Os vizinhos, como se o estivessem libertando, livraram-no dos re-

médios. Pode ir. Quem vai dar de comer a ele? É de assustar ter alguém assim rondando pela vizinhança.

Ele passou a viver nas ruas, feito bicho sem procedência. Unhas salientes e repartidas, olhos vermelhos, barba espessa. Era o saco de pancadas dos bêbados do Mapuá, o alvo das pedradas certeiras dos moleques, o motivo das orações das beatas mais fervorosas.

Todo final de tarde, Faustino embrenha-se no mato e conversa com os vultos, que são agora como antigos companheiros. Descobrira naquelas visagens o mesmo alento de quando ainda morava na casa dos pais. Costuma contar-lhes histórias das viagens que nunca fez. O céu curva-se para ouvir. Os mandacarus espinhentos encolhem as unhas. Os gatos maracajás aparecem para rir de suas anedotas. O pai orgulha-se de ver o filho capitaneando a atenção de todos. D. Generosa conta aos anjos que aquilo tudo tinha sido obra de Deus. Os vultos, entre familiares e retorcidos, recebem serenamente as gentilezas de Faustino. O momento mais esperado é quando ele revela o nome das capitais. Austrália. Camberra. Não é Sydney? Faustino ri como nos tempos de menino.

## ESCALA

**Ilton Aparecido de Paiva**

Nos primeiros minutos da oitava hora, notas musicais ondulam na brisa fria que invade a sala, outrora animada por sorrisos pueris. As mãos delicadas de Candora deslizam sobre o velho piano, tais quais caranguejos enamorados, ora entrelaçadas, ora encostadas.

Ah, tempos idos!

Em sutil Ré menor, empreende-se marcha ré à realidade, estacionando nas reminiscências de um longo passado. Suave toque em Lá maior faz surgir a criança, lá adiante, em vestes brancas, cabelos loiros esvoaçantes, estampando no rosto angelical o sorriso pela janelinha de seus dentes. Após dez segundos de Sol menor, o ser brilhante como o sol se decompõe.

Virada de nota em Mi, lábios trêmulos murmuram: - Mi... Mi... Mirela!

Vibra Dó maior.

Bem maior é o dó no semblante de Candora pela saudade daquela vida abreviada.

Em Fá sustenido repousam os dedos sobre a tecla negra. "Oh Deus! Sufoca a dor em meu coração. O que disseres... fá-lo-ei em teu louvor".

Si em semibreve é o arremate final. Caindo em si nas lágrimas, a mulher volta à realidade.

E assim, todos os dias, a mulher retorna ao piano para que num simples acorde...

...ela acorde.

Em si, para si e por si.

---

ILTON APARECIDO DE PAIVA (Pseudônimo: Homenzinho Verde), nasceu em Santo André/SP no ano de 1976. Mora em Fortaleza/CE desde os cinco anos de idade. cursou a graduação em Direito na Universidade de Fortaleza. Atualmente, é servidor público na Seção Judiciária da Justiça Federal no Ceará. Tem predileção pelos clássicos da literatura russa.



## O HOMEM QUE FUMAVA

**José Airton Nascimento Diógenes Baquit**

O homem que fumava era mais um homem comum, des- ses sem muita ambição. Sua rotina estava estabelecida desde sempre, e ele não via motivos para mudar. Tinha horror à mu- dança, considerava coisa totalmente desnecessária, segundo os seus conceitos. É que o homem que fumava acreditava convic- tamente na imobilidade das coisas. Não percebia, por exemplo, tal lógica inerente às andanças, movimentações e inquietudes. A vida, para o homem que fumava, tinha que ter pausa, para- da, ponto fixo. E assim, com esse pensamento, o homem que fumava acordava cedo, pegava o celular e olhava todas as men- sagens e ligações não atendidas. Depois, selecionava quais pes- soas deveria responder, pois algumas tinham o estranho hábito de importuná-lo apenas para saber se estava tudo bem. Após selecionar as respostas do dia, o homem que fumava ligava o som bem alto e cantava a mesma música todas as manhãs.

O homem que fumava não tinha hábitos familiares. Nun- ca fora disso. Abominava qualquer festa, em família e adorava dizer que família reunida só tinha uma função: ser fotografada. Depois cada um seguia seu rumo, sem interferência ou qual- quer tipo de piedade. O homem que fumava sabia que esse lan- ce de parente era mais uma farsa pra manter, em harmonia, o animal que habita em cada indivíduo. Por isso mesmo, por causa dessa coisa artificial e mesquinha, de sorrisos desneces- sários e felicidades planejadas, é que ele decidira ser sozinho no mundo. Achava risível essa coisa de amor, de bom dia, como vai, acordou melhor. Não tinha paciência. Não aceitava a condi- ção de seguir sua existência, baseado apenas em questões redu- cionistas. Aquilo tudo, toda aquela baboseira não tinha a menor importância para os seus princípios. Foi então que decidiu ser

---

JOSÉ AIRTON NASCIMENTO DIÓGENES BAQUIT (Pseudônimo: Théo de Maupassant) nasceu, em Quixadá, em 1987. É publicitário e mestre em Psicologia. Conquistou o prêmio Helena Morley de Literatura, concurso promovido pela Academia Feminina Mineira de Letras. Também foi selecionado para a 8 edição do Prêmio Literário da UFF, além de publicar textos em diversas antologias.

sozinho. Adquiriu um pequeno apartamento e comprou apenas o necessário para viver com dignidade.

O homem que fumava era mais um homem comum, com dados em inúmeras plataformas: no Cadastro de Pessoas Físicas, na fornecedora de gás e na lista de inadimplência. Também tinha registro naquelas listas idealizadas, tipo a profissão ideal, o amor que não aconteceu, o emprego de sucesso e o livro que nunca foi escrito. É que, apesar de ser mais um homem comum, ele também tinha sonhos. E, se tinha direitos aos sonhos, então lutaria por aquilo que acreditava. E foi justamente por lutar pelo que acreditava que a vida ficou pequena, minúscula, reduzida às compras de pão e cigarros. Nada mais era novidade. Para manter um pouco de sanidade, ele escolhia alguns horários para o contato social, estabelecido apenas com o porteiro e com as pessoas que passavam pela portaria. Ficava ali por horas e horas, fumando e olhando as nuvens. Parecia até que as nuvens eram feitas da extensão do seu sopro de fumaça, que embaçava toda a sua visão, formando um delírio entre céu e terra. Um grande delírio.

Foi num desses dias comum, de um homem comum, que o homem que fumava foi até a portaria com a finalidade de manter seu nível social ativado. Sentou-se ali perto da guarita, num banco enferrujado e capenga, desses de condomínio vagabundo. Ficou um tempão soprando e criando cortinas de fumaça, sem nenhum objetivo profissional, apenas por prazer mesmo. E por desilusão! Sabia que a vida era um ciclo, um grande ciclo quase interminável de tristeza, fracassos e perdas. Até parecia que ele descontava toda sua amargura no cigarro, tragando com ira e determinação cada pedaço daquele fumo desgraçado. A raiva era tão robusta que a baba ficava acumulada, ali, no canto da boca, à espera da próxima cuspidada. Foi exatamente assim que ele cumpriu mais um dia. Sentou, fumou, tragou e cuspiu, cuspiu muito. Depois dos rituais diários, o homem que fumava retornou ao elevador e apertou o número nove.

Lá fora, na área de lazer do prédio, depois de algum tempo entre os tragos e o deslocamento até o seu apartamento, algumas luzes vermelhas piscavam intensamente, acompanhando

do um aglomerado de pessoas comuns em torno de um homem comum. No meio do inesperado, apenas um lençol encardido a cobrir-lhe o corpo, deixando transparecer a baba que escorria pelo canto da boca. Assim, nessa condição, terminara mais um dia comum, de mais um homem comum, desses sem muita ambição. É que o homem que fumava sabia ... ele sabia que a vida é sempre um grande delírio entre o céu e a terra, onde a cortina de fumaça pode ser bastante perigosa para aqueles que não se contentam em apenas existir.

# JOÃO LOUCO

**Policarpo Barbosa**

Acho que esta história se passou quando eu tinha apenas oito anos. Sempre fui um menino meio avoado, que vivia no mundo da lua. Passava os dias em aventuras, onde me transformava no que minha imaginação mandasse: príncipe, guerreiro, mago, sapo encantado. Estava invariavelmente do lado do bem. Fazia movimentos de combate com desajeitados golpes marciais ou fugia em meu cavalo de vassoura, a explodir bombas e atirar nos inimigos invisíveis. Quando eu estava sozinho, tinha o hábito de manter longas conversas com os personagens de minhas fantasias. Meus pais sempre incentivaram minhas quimeras e, muitas vezes, participaram ativamente de meus mundos imaginários. Talvez por isso, no adulto que sou hoje, não tenha morrido a criança que eu era.

Passávamos as férias escolares no sítio Timbaúba, de propriedade do meu tio Paulino, localizado entre montanhas, cheias de encantos e histórias. Lá minhas fantasias ganhavam asas e eu, praticamente, abandonava este planeta e viajava para outras dimensões. Esses mundos mágicos eram diferentes dos que eu vivia, em minha casa na cidade grande, onde até os sonhos eram plastificados e embalados para o consumo. No campo, o fantástico e o sobrenatural conviviam no meio das coisas materiais e não eram unicamente percepção dos loucos, dos poetas ou das crianças. Todos participavam, pois estavam ligados à religiosidade do povo, suas lutas e seus antepassados.

As histórias eram de espíritos de outro mundo, onde o capiroto sempre estava presente – falavam de acordos feitos entre ele e os homens, que trocavam suas almas por dinheiro. Havia também os causos tristes da escravidão, com o sofrimento dos

---

POLICARPO BARBOSA (Pseudônimo: Jopoaraba) nasceu em Fortaleza (1955). Formou-se em medicina pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Publicou os livros História da Saúde Publicado Ceará: da Colônia a Vargas e Saúde & Poder – Uma História das Intuições de Saúde Públicas do Estado do Ceará. Participou de três antologias da Sobrames: A Flor da Pele, com o conto “O Diamante”; Lapsos Temporais, com o conto “O Suicídio” e Pontos de Vista, com o conto “O Galo”.

negros, ainda tão presente na memória do povo. Os bichos do mato eram presenças constantes, principalmente, as onças, que me encantavam e me metiam medo. As noites, eu preferia que não existissem, porque eram cheias de sons e sombras que escondiam esses mundos de sofrimentos.

Numa choupana, no alto de um morro, perto da casa grande, morava um casal – Zefa e João. Ela, filha de escravos, e ele um caboclo descendente dos índios Pitaguaris, antigos habitantes daquela região. Não tinham filhos, mas Zefa, que chamávamos de madrinha, adorava todas as crianças como se fossem suas – preparava doces para nosso regalo e levava-nos ao banho de açude. Embora não soubesse nadar, ficava à beira d'água a recomendar: "Volta menino, aí é fundo. Ô menino afoito." Sempre nos defendia quando éramos castigados por algum malfeito. João era homem de poucas palavras, mas também nos tinha muita afeição. Aquela cabana era nosso refúgio, pois lá encontrávamos guarida e carinho. Para lá, fugíamos quando estávamos ameaçados ou nos sentíamos sozinhos.

Naquele ano, tínhamos um fato novo com que nos preocupar e ocupar nossa imaginação – a loucura do João. Isso mesmo, de tempos em tempos, João ficava louco e tinha que ser levado à cidade de Fortaleza, para tratamento. Antes de ficar totalmente maluco, já apresentava sinais, de início, quase imperceptíveis, mas sempre se agravavam. Falava só, resmungava, quando recebia ordens, via coisas e, por fim, era acometido de crises e ficava fora de si.

Na casa grande do sítio só se falava num assunto – João estava perto de apresentar um surto. Nas noites, as histórias de assombração davam lugar à loucura de João: os sinais, as crises anteriores e como seria a próxima. As crianças ficavam com medo. Os adultos, para impor suas vontades e assustar-nos, falavam:

- Lá vem o João louco.
- Se não obedecer, eu chamo o João.

Mas a ameaça mais cruel e que mais metia medo era:

– Vou mandar o João te capar e dar teus ovos para os cachorros.

Quando João ia à casa grande resolver alguma coisa, corria menino para todos os cantos – debaixo das camas, atrás dos guarda-roupas e até em cima da casa. As cunhãs da cozinha atendiam-no com respeito. Sempre com os olhos no chão, sem encará-lo.

Zefa sentia esse clima, em perguntas que a irritavam:

– Como está o compadre João? Tá melhor?

– João não tá doente. Deixem ele em paz e cuidem de suas vidas.

Os moleques, filhos de outros moradores, começavam a insultá-lo. Mas sempre mantinham uma distância segura, onde não pudessem ser alcançados:

“João louco! João louco...”

Eu não entendia o que acontecia. O que era ser louco? Por que João ficava louco? Não compreendia a causa de tanto alvoroço. Para entender, sempre que podia eu fugia para a casa de Zefa, que passou a me tratar com mais deferência, porque eu era o único menino que não tinha medo de João e ainda frequentava sua casa. Notei que João gostava de minha companhia e demonstrava alegria quando eu ia visitá-lo. Zefa incentivava nossa amizade:

– João, convida o menino para ir contigo ao cercado, atrás da burra.

Certo dia, caminhávamos no meio de uma mata, quando João sussurrou:

– Menino, temos que ter cuidado, pois nessas matas têm onça.

– Tenho medo não, João. Se aparecer uma, nós dois lutamos com ela.

De repente, João parou:

– Menino, tu ouviu o esturro da onça? É para aquelas bandas.

– Ouvi, João, e parece que está perto. Vamos atrás dela.

Avançamos mais alguns metros. Outra parada:

– Veja, menino. Debaixo daquele juazeiro. Uma onça... e é das pintadas.

– Estou vendo, vamos atacar.

– Tu fica aqui atocaiado e eu vou lá pegar a bicha.

João puxou sua peixeira de 25 polegadas e caminhou, meio abaixado, à procura da onça. Ao chegar nas proximidades do juazeiro, a luta começou. João dava golpes de faca no espaço e rolava no chão. Corria em minha direção com os olhos esbugalhados, dava meia volta, e novamente entrava em combate. Eu incentivava:

– Vai, João, mata ela!

Depois de uns trinta minutos, João voltou. Estava exausto, todo sujo, mas com um ar de vitória.

– Matei a juçuarana. Ela não pega mais cabrito nem menino.

Quando chegamos em casa, falei rápido:

– O João matou a onça. Ele lutou com muita coragem.

Zefa não demonstrou entusiasmo e falou aborrecida:

– João, vai tomar banho, tá todo sujo. E tu, menino, corre para casa, que já estão preocupados com você.

Era noite de lua cheia. As conversas, na casa grande, como sempre, giravam em torno da loucura de João. Todos acreditavam que nessas noites os loucos pioravam e isso aumentava a tensão. Estimulado por esse falatório, resolvi fugir para visitar meu amigo.

Ao chegar, encontrei João em redor da fogueira. Dançava e cantava em uma língua que eu não conseguia entender:

– Menino, vem dançar comigo.

Zefa estava sentada em um tamborete na porta da casa. Olhei para ela, esperava sua autorização:

– Vai, menino. Vai dançar.

Para imitar João, comecei a rodopiar em torno da fogueira. Seu calor, sua luz, o canto triste e a figura de totem de Zefa fizeram-me sair do mundo material e flutuar no espaço, como devem fazer os espíritos. Acredito que dançamos por horas, quase até o amanhecer.

Aqueles dias, para mim, foram cheios de aventuras e fantasias. João, cada vez mais, se afastava da realidade. Não compreendia o porquê de tanto medo e tanta repulsa. As mucambas estavam sempre agitadas como galinhas diante da proximidade da raposa. Os meninos praticamente não saíam de casa, sempre chorosos e escondidos pelos cantos. As notícias sobre os novos desatinos de João chegavam sem parar, umas verdadeiras, outras puras invenções. Todos se preparavam para o grande dia em que ele ficaria definitivamente doido.

Lembro-me de que as únicas pessoas que ainda mantinham algum liame com João éramos Zefa e eu. Já tio Paulino ia sempre à sua casa, sondava como estava a situação e calculava quando teria de intervir. Zefa compreendia, muito bem, o que acontecia e estava pronta para defender a segurança de seu companheiro. Eu juntava-me a ele na viagem para fora da lucidez.

Em um dia de chuva, consegui fugir e correr à casa de Zefa:

– Madrinha, quero tomar banho de açude. Tu vai comigo?

– Posso não menino, tenho muita coisa para fazer.

João, que observava a conversa, enquanto limpava as unhas com a ponta de sua peixeira, falou com uma voz que não era a sua:

– Deixa Zefa, eu levo o menino para o banho.

Animado, acompanhei-o rumo ao açude. No momento em que tomávamos banho, nadei para a parte mais funda, enquanto João me observava com a água rente ao pescoço. Quando voltava, em sua direção, senti-o bastante agitado. Olhava fixamente para mim, levantava as mãos e gritava a toda altura:



– Jacaré! Jacaré! Jacaré...

Fui aproximando-me, apenas com a cabeça fora d'água. Eu imaginava que era apenas uma brincadeira. Quando estava a um metro de João, ele pulou sobre meu pescoço e começou a apertá-lo, além de pressionar meu corpo para baixo. Quase perdi os sentidos, mas por um instante consegui levantar a cabeça, respirar e gritar:

– João, João, sou eu! Teu amigo! O menino, teu amigo!

João, pouco a pouco, diminuiu a pressão sobre meu pescoço e levantou-me para fora d'água. Podia agora me ver por inteiro.

– Menino, é tu? Pensei que fosse um jacaré. Me desculpe menino, me desculpe.

Sáímos da água, com João levando-me nos braços. Ambos chorávamos.

Os dias transcorriam sem novidades. Em uma noite, jogávamos dominó, como fazíamos sempre depois do jantar. Tudo estava tranquilo, quando de repente ouviu-se uma gritaria vinda da casa de Zefa:

– Seu Paulino, o João endoidou.

As janelas e as portas foram fechadas. Os meninos, com os corações em polvorosa, escondiam-se como ratos. O terço, puxado pelas mucambas, ecoava por toda a casa. Um empregado saiu a cavalo no rumo da cidade próxima para chamar um carro de praça. Tio Paulino mantinha-se calmo, fez a barba, tomou um banho e se dirigiu à casa de Zefa. Lá, João com uma faca em punho, lutava contra inimigos invisíveis.

– Calma meu nego, tudo vai ficar bem – falava Zefa.

Tio Paulino chegou à casa e falou:

– João, me dê essa faca.

João pareceu ter voltado à consciência e, com tranquilidade, passou-lhe a arma.

Já estávamos perto do fim das férias, quando numa manhã, acompanhado de tio Paulino, João voltou para casa. Estava

muito sério, meio encabulado, falava pouco e não olhava nos olhos das pessoas. Passado o constrangimento inicial, todos se aproximaram, queriam saber como era o hospício e como ele estava. Outros troçavam com João e relembavam sua crise. Mas quem demonstrava mais alegria e alívio era a madrinha Zefa.

No outro dia, procurei me achar. Encontrei João a cortar lenha no terreiro da casa:

– João, vamos caçar uma onça?

– Que onça, menino? Aqui não tem onça, vai para casa que eu estou muito ocupado.

Encabulado, entrei na casa, aproximei-me de Zefa, que cozinhava. Puxei sua saia e perguntei:

– Madrinha, quando o João vai endoidar de novo?

## A QUEDA

**Magna Maricelle Fernandes Moraes**

À noite, abandonava o conforto dos lençóis de seda para dormir sobre o chão de azulejos brancos – suas nuvens de pedra. Além desse hábito de infância, ainda costumava sonhar o mesmo sonho de quando era menina: ela aparecia vestida como uma árvore, de tronco grosso e raízes profundas. O silêncio da noite transportava-lhe para a ideia noturna da grande árvore. Invejava carinhosamente o porte dos troncos... dia e noite, sem se desfazer de sua elegância, ostentam-se nus, eretos, sob as abas de um frondoso chapéu.

Adélia sempre admirou a beleza de formas e espécies que se manifestam espontaneamente na natureza: o amarelo solar dos girassóis, o esplendor dos baobás e a imponência de animais como os leões e as baleias. Para ela, todas dignas de reverência e respeito, porque dispensavam, apesar de belas, o gesto de autocontemplação, ao qual ela própria exaustivamente recorria diante do espelho.

Todos os dias, levantava-se cedo para se ver refletida no grande espelho do quarto de sua mãe. De pontinha de pé, sem emitir nenhum ruído, abria, com cuidado, a porta destrancada, à procura de encontrar beleza em si mesma. Após o rito inicial da manhã, seguia para saciar a fome no quintal da casa, o jejum era uma suculenta manga tirada do pé. Certa de que todos na casa ainda dormiam, sentava-se próxima aos girassóis, como se estivesse em presença de amigos íntimos, aos quais se revelam segredos.

Adélia aprendera a conversar com as flores em razão de sua falta de habilidade para estabelecer laços de afeto. Ela dizia

---

MAGNA MARICELLE FERNANDES MORAES nasceu em Fortaleza em 1978. Graduada em Letras, mestre em Linguística e doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. É professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE/FAEC). Publicou poemas na *Revista Maracajá*, suplemento literário do Jornal O POVO, nas antologias *Prêmio Sarau Brasil* (anos 2012 e 2015) e na coletânea *100 Sonetos de 100 Poetas* (2019).

que só amava as árvores, os girassóis e os animais. Nem mesmo emprestaria seu corpo a um filho que lhe retribuísse à vida com garantias de afeto. Para ela, o amor entre pais e filhos parecia simplesmente uma dívida! Ademais, estava certa de que não poderia ser mãe, porque não seria capaz de ceder aos caprichos de uma criança birrenta. Já era suficiente suportar os seus próprios... por vezes ainda continuava a se esforçar para não ranger os dentes e sair mordendo a quem lhe contrariasse as vontades.

Em suas horas matinais, no quintal, segredava para suas flores preferidas que se sentia descontente, toda vez que lhe transpassava a sensação de que sua alma havia permanecido em estado primário, como se não tivesse acompanhado o desenvolvimento dos seios. Aos dezesseis anos, o peso das mamas tornara-se a principal razão de suas dores nas costas. Definitivamente, seu problema não era de leite... seria capaz de amamentar muitos bezerros. Mas por dentro teria se atrofiado?

Uma manhã, ela tomou um grande susto por não se ver refletida no espelho tal como era. Magicamente, a tela lhe havia reproduzido como um bebê, no exato instante em que se pôs de pé pela primeira vez, quando seus joelhos se desdobravam lentamente para a locomoção vertical. Emocionada, beijou e acariciou a imagem, recordando-se da sensação de liberdade que havia experimentado naquele momento – “não precisaria mais dos braços de sua mãe”.

Logo em seguida, foi tomada por uma sensação profunda de tristeza. Veio à sua mente a lembrança de uma queda na infância. Fixara novamente o olhar na direção do espelho, e viu um corpo miúdo despencado. Um anjo caído. Abaixou a cabeça, franziu a testa, fechou os olhos e os punhos, cravando as unhas na palma das mãos, machucando-se até desvendar a cena – o ato de pensar exigia-lhe força física. Lembrou-se de que, ao cair, sentira tanto medo de não ser capaz de erguer-se novamente que se mantivera imóvel, até sentir o corpo espalmar-se, adaptar-se à queda. Presa ao chão, adormecera ali, depois de chorar toda sua fábrica de lágrimas.

Desde então, o sonho da grande árvore fora substituído por um pesadelo, em que sua imagem aparecia aos pedaços no

chão. Passou a evitar, pela manhã, o espelho do quarto de sua mãe, encaminhando-se diretamente para o quintal, onde ficava contemplando as formas de vida que o habitavam: o gato preguiçoso ou um grupo de formigas sobre a carne branca e dentada de um caju. Sentia-se bem, aliviada. Somente ali sementes germinavam do chão e frutos despencavam maduros sem se darem conta de si mesmos.

Ela tinha a consciência de que não era bonita. Os seios eram grandes demais, enquanto a alma não havia se expandido. Não tinha dúvidas de que lhe faltava beleza por fora e por dentro. Apesar de suas certezas, da angustiante consciência de si, Adélia não se furtava a interrogar os girassóis sobre sua aparência, à espera de ouvir uma resposta que subitamente a surpreendesse. Respondam-me, por favor, belas flores, vocês me acham bonita? Pensativas, as flores guardavam sua resposta para o fim do dia, como se ao movimentar suas pétalas amarelas do nascente ao pôente repetissem o gesto humano de dizer “não” virando a cabeça para os lados.

## A VISITA

**Marcelo Carleial de Oliveira**

O comércio que Vanda levava passava por uma péssima fase. As vendas vinham caindo e o dinheiro era escasso. Além do esforço próprio de empreendedora, todos os santos católicos já tinham sido acionados, mas pareciam ignorá-la. A mulher tinha ouvido falar, da boca de uma amiga, sobre esse local. Um canto onde as pessoas iam em busca de apoio. Era lá, onde as chamadas entidades, os caboclos e orixás, compareciam para prestar ajuda a quem quer que ali fosse.

Vanda comentou com sua mãe, Dona Diva, já quase setuagenária, sobre a vontade de fazer uma visita ao local, no que essa se assustou:

- Tu és louca, criatura. Acreditas nisso? Garanto-te que é tudo coisa do diabo!

A filha insistiu:

- Mas, mamãe, não sei mais o que fazer. Não temos a quem recorrer. E não custa nada !

E tanto argumentou, e tanto insistiu que Dona Diva, muito a contragosto, concordou, embora com uma condição: ela também iria. Não podia, de modo algum, deixar a filha se arriscar sozinha naquele ambiente sinistro.

Daí que no dia acertado, partiram meio ressabiadas. É que o desconhecido lhes metia medo, embora houvesse também uma estranha curiosidade e, certamente, a esperança no socorro.

Ao chegarem, foram encaminhadas ao salão principal, onde os batuques e as vozes dos presentes já compunham o som bem característico do ritual do candomblé. Assustadas, as duas foram orientadas a se sentarem na beira da roda, já quase toda formada por visitantes, curiosos e participantes habituais.

---

MARCELO CORLEIAL DE OLIVEIRA (Pseudônimo: Souza Neto) nasceu em Fortaleza em 1964. É bacharel em Direito pela UFC e Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça. Além de contos, também, escreve poesias e crônicas. É apreciador de música, de filosofia e das ciências esotéricas. Seus autores preferidos são João Ubaldo Ribeiro, Manoel de Barros, Hilda Hilst e Válder Hugo Mãe.

Contudo, havia ainda uma exigência. Era obrigatório o uso de uma saia branca e rodada. Dona Diva reclamou:

- Tenho mesmo que vestir isto?

Foi o jeito. Paramentadas, as duas puseram-se ali no chão, junto aos demais participantes.

E o som se fez mais forte. Homens e mulheres, negros e brancos, iam entrando no centro da roda, naquele bailado próprio e sedutor, levados pelo ritmo envolvente, as vozes clamorosas e o cheiro forte de fumo e incenso que preenchia o ambiente.

Mãe e filha assistiam espantadas à cena. O coração pulando forte. Um tanto pelo rufar incessante dos tambores, outro pela óbvia ansiedade do momento. No espaço central, os corpos e as vozes dos participantes bailavam e entoavam movimentos e sons que se combinavam numa tensão e num crescendo que parecia sem fim.

Foi quando, de rompante, Dona Diva deu um salto e se lançou no meio do salão, e o espaço abriu-se generosamente, com sua inusitada entrada. Vanda, apavorada, tentou segurá-la, no que sua vizinha advertiu:

- Cuidado, ela está atuada!

Dona Diva pulava, pinotava e saracoteava feito uma menina de quinze anos. Rodava e se contorcia sob o olhar incrédulo da filha e a convivência e o aplauso dos frequentadores habituais.

Eis que depois de um tempo, também de súbito, Dona Diva retornou ao seu lugar. Esmaecida. O olhar perdido. A filha custava a acreditar no que acabara de ver, embora tenha preferido ficar em silêncio até o fim do ritual. Achou melhor não perturbar a mãe, que se mostrava ainda bem estranha.

Em casa, no dia seguinte, Dona Diva não conseguia lembrar de nada do que tinha acontecido na véspera, embora se queixasse de um cansaço tremendo e uma dor nas costas que só passou à base do analgésico.

Quanto à melhora na situação da loja de Vanda, não se tem notícia.

## VALIOSO BAÚ

**Maria Antônia de Jesus Fortuna**

Era uma noite muito fria e ventava muito quando Arnaldo seguia para casa bastante cansado, voltando da universidade e já se preparava para tomar um banho e dormir, quando viu que havia, na escrivaninha, um envelope lacrado endereçado para ele e entre aspas estava escrito (segredo) embaixo de seu nome.

Quem poderia endereçar uma correspondência para ele com aquela palavra escrita em negrito falando de segredo? Olhou no verso do envelope para saber quem era o remetente. Ficou ainda mais surpreso quando percebeu que não conhecia quem havia enviado o misterioso envelope. Estava escrito Rodolfo Lonh e, também, embaixo do nome do remetente havia escrito (valioso). As duas palavras tinham cores iguais, mas divergiam das outras do envelope.

Cada vez mais, Arnaldo ficava curioso para saber quem lhe enviaria um envelope com enigmas e quem seria Rodolfo, o remetente desconhecido.

Ansioso e agitado balançou o envelope para ter certeza de que não havia nada que pudesse ser perigoso quando abrisse. Após se sentir seguro, queria matar sua curiosidade e com cuidado rasgou com um estilete a parte colada que fechava o envelope. Abriu e lá havia um pequeno pacote que continha alguns livros de cordéis bem amarelados e velhos e, com certeza, tinham sido bastante manipulados. Foi abrindo e folheando e entre eles havia um que contava a história da libertação dos escravos no Brasil, iniciando na cidade de Redenção no Ceará. Ele que era professor de História, não estava acreditando no que estava vendo. Entre lágrimas, foi lendo e folheando aquelas páginas que pareciam mágicas, e que tiveram muita importân-

---

MARIA ANTÔNIA DE JESUS FORTUNA (Pseudônimo: Liberdade.) Nasceu em Camocim-Ce em 18 de março de 1959. Graduada em Fisioterapia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Colunista do jornal Oi São José. Acadêmica Honorária da Academia Camocinense de Letras – ACL. XVIº Prêmio Estadual de Literatura Ideal Clube 2013 – Menção Honrosa – Categoria Poesia.



cia para ele em sua escolha na vocação como professor. As lembranças agora vinham ao seu coração, foi lendo os livretos que faziam parte de sua infância. Não estava acreditando.

Entre eles havia um cordel muito divertido que contava a história de um gato preto que havia assustado um pescador, contador de histórias de fantasmas. Ao ler o cordel, ele se emocionou lembrando das risadas que havia dado quando havia escutado essa história. Quem poderia ter guardado esses cordéis de sua infância? Quem teria lhe enviado um presente tão valioso?

Naquela noite Arnaldo teve muitas surpresas. Dentro de um dos cordéis havia escrito na primeira página: - Para Dodô com carinho. Só havia uma pessoa que o chamava de Dodô e era seu querido avô Castro que ele chamava de Vozão. Agora ele estava não só ansioso, mais angustiado para descobrir como chegar à fonte que lhe levaria ao lugar que desvendaria o envio da correspondência secreta.

Dodô foi folheando os cordéis e encontrou um bilhete no livro de que ele mais gostava que era: A luta entre o bem e o mal. Ele lembrou que seu avô era ator de teatro e contava a história da vitória do bem com tanto entusiasmo, que o coração acelerou ao lembrar o amado Vozão.

Depois de um dia cheio de boas lembranças pela festa do dia do professor, e o coração, ainda batendo forte, encontrar um bilhete com o endereço para que Arnaldo fosse ao encontro do remetente era demais. No bilhete dizia: - "Gostaria de encontrá-lo para lhe entregar o presente do valioso baú."

Arnaldo ainda muito emocionado foi se refazendo da surpresa que havia recebido e secando as lágrimas que teimavam em cair de seu rosto. Chamou sua esposa Clarice e sua filha Anete e contou sobre o envelope, os cordéis, seu amado avô. Elas ficaram atentas ouvindo. Anete, que tinha sete anos, escutava tudo como se estivesse ouvindo um conto de fadas. Passou a fazer mil perguntas para o pai: - O seu Vozão era muito grande? Tinha barba comprida?

Eram tantas perguntas para serem respondidas de uma só vez, mas, com alegria e muita saudade, ele foi recordando os bons momentos vividos próximos ao seu avô. Agora ele entendia porque havia escolhido fazer a faculdade de História e se tornar professor. Havia se encantado com tudo que aprendeu, nos seus primeiros anos de vida e com a sabedoria de seu mestre. Como perdera o avô, com apenas nove anos de idade, seus pais mudaram para cidade vizinha, ficando uma grande lacuna e muita saudade. Ao receber o envelope, parecia que o passado estava ali sentado na cadeira de balanço contando em pormenores suas lembranças.

A pequena Anete adormeceu encantada e feliz por tudo que havia escutado sobre a vida de seu pai e seu bisavô.

Arnaldo tomou banho, jantou e foi deitar na rede balançando-se e relendo os livros que trouxeram bons momentos para seu dia.

Na noite seguinte, ao voltar da universidade, Dodô levou um grande susto ao procurar seu envelope e não encontrar.

- Quem viu meus cordéis?

Como a casa estava em reforma, ele levou um grande susto. Procurou em vários lugares e não encontrava. Passou uma noite agitada.

Ao amanhecer, lembrou que dona Matilde havia feito a faxina na casa e ficou assustado - Será que dona Matilde jogou meu "segredo valioso" no lixo? Ficou apreensivo, aguardando a chegada dela para saber o que tinha acontecido.

Quando Dona Matilde chegou, ele correu ao encontro dela e perguntou:

- A senhora viu um envelope com vários pequenos livros que estavam na mesa? Ela que era muito bem-humorada respondeu:

- Aqueles livros pequenos bem amarelos e riscados? Mande para o reciclado. Riu e olhou atenta para Arnaldo.

O professor ficou pálido e triste

- Você jogou fora meus cordéis?

Ela logo respondeu.

- Não! Estava só brincando! Estão dentro da gaveta.

- Ufa!

Ele deu um suspiro de alívio e correu para pegar o papel que continha o endereço que ele devia procurar para receber o segredo valioso. E logo falou: - Vou decorar antes que leve outro susto.

No fim de semana, foi procurar o Sr. Rodolfo para pegar sua encomenda. Ao chegar ao endereço do remetente e se identificar foi recebido com grande abraço e uma saudação calorosa: -Tenho um baú deixado pelo seu avô que foi guardado durante anos no porão da casa que morava e que foi entregue pelo vizinho para mim porque sabia de minha amizade com ele. Dentro do baú havia um bilhete escrito:

- Quem encontrar o "valioso baú" entregue ao meu neto Arnaldo Castro.

O senhor Rodolfo contou que foi depois de uma longa busca que Arnaldo foi encontrado para que o baú fosse entregue.

Ao abrir o "valioso baú", Arnaldo encontrou um grande tesouro: Todos os livros que seu avô amado havia lido para ele. Havia sim, para ele, um tesouro inestimável de todos os livros de cordéis, poesias, romances, crônicas e contos. Aquela herança deixada pelo Vozão Castro era seu melhor tesouro.

O professor de História, agora, teria muitas lembranças para dividir com seus alunos e o mundo:

Arnaldo foi para casa e começou a escrever seu livro: A História não pode morrer!

## UMA RÉSTIA DE LUZ

**Maria Lucirene Façanha**

Não lembra de quando começou a trabalhar.

A mãe parálica desde o atropelamento. Cadavérica, jogada na cama do quarto de paredes sórdidas, com molambos atirados pelos cantos. A janela encardida, aberta, deixando uma nesga de céu como esmola.

O pai, até esqueceu quando se foi.

Todos os momentos, via pelas ruas, muitas crianças felizes, gente bem vestida, doces nas vitrines. Por outro lado, via pessoas assim como ele, maltrapilho, sofrido e desprovido da mínima condição financeira.

A mãe fazia-o ler o catecismo já gasto, que mostrava um Deus justo e boníssimo...

Olhando a faixa de lua na janela aberta, como havia assim tanta desigualdade... não compreendia e pensava...

Chegou o natal, percebia pelas cores, enfeites, por tantas e tantas inúmeras sacolas nas mãos das pessoas...

A noite chegou sobre as ruas envolvente e ruidosa de pessoas comemorando.

Era natal!

Pedro não vendera todas as balas, ainda tinha flores na mochila, apanharia do irmão mais velho quando retornasse.

Foi para a praça mais enfeitada e se posicionou na entrada da igreja, mas todos passavam sorridentes, felizes e nada compravam.

---

MARIA LUCIRENE FAÇANHA (Pseudônimo: Companheiro) nasceu, em Morada Nova, no Ceará em 1956. cursou o ensino médio no Colégio Justiniano de Serpa. Além de romance, dedica-se ao conto, é apreciadora de música e das artes plásticas. Já publicou textos em jornais de nossa cidade. Seus autores preferidos são: Clarice Lispector, Carlos Drummond e Leminski.

Quase desiludido, percebeu um rapaz, na calçada fronteira, que lhe acenava, foi até ele, que propôs ambos formarem uma dupla para tentar vender seus produtos. Deitou-se aos pés do rapaz, encolhendo-se como sentindo dores, para que os passantes se apiedassem e, assim, além de vender rosas e balas, ganhar algo para levar para casa.

Logo as pessoas se aproximaram e compraram balas e flores e vendo a criança suja e mal vestida, quase desfalecendo, deitada na calçada, ofereciam esmolas sem que ambos precisassem falar nada. Antes que chegasse meia noite, tinham vendido tudo, além de ganhar bolos, doces, e alguns trocados. Despediram-se e cada um seguiu seu rumo, envergonhados, mas felizes.

Pedro, após distribuir com a mãe e o irmão o que tinha trazido, ajoelhou-se na réstia de luz da janela, agradecendo a Deus por ter proporcionado felicidade aos seus e perguntou contrito: será que posso me fingir de morto amanhã?

## À FLOR DA PELE

Marília Lovatel

A flor cobre tudo de branco. E apaga a paisagem. A flor do café. As primeiras mudas foram plantadas em pleno sol. Até o dia em que o sol esquentou demais e as plantações subiram a serra. Na rota do café, um caminho de ferro. A travessia do Maço de Baturité. A salvação das safras à sombra das ingazeiras em Guaramiranga. A vila fria deveria ser o meu destino, se a parada na estação de Antônio Diogo não tivesse mudado o meu destino. Cresci ouvindo as histórias dos barões do café, paulistas, deles eu descendia e fora preparado para sucedê-los, em outras terras, outra realidade, em que as sementes, chegadas do Cariri e do Pará, deram origem a uma sequência intercalada de sucessos e exaustão. Grandes colheitas, seguidas do esgotamento do solo, a terra fatigada incapaz de responder aos apelos das raízes, a fragilidade da vida sem conseguir se fixar. O plantio nas montanhas foi precedido da derrubada da mata nativa. Há um preço a ser pago quando se altera a natureza. Décadas de belas floradas não compensaram a perda da vegetação cortada. O solo pobre em húmus não retinha a umidade. Um chão sem força para manter o vigor que as novas plantas exigiam. O milagre da vida deu-se à sombra das ingazeiras em 1904. E também dentro de casa. Eu nasci no ano da ressurreição do café na serra. Antes de assumir o negócio da família, a educação na capital. E as histórias de um império que eu herdaria, as fábulas sobre o ouro negro e todas as fantasias que desfiz, ao receber a notícia de que meu pai, cansado de existir sem minha mãe, fora ao encontro dela. Aos 24 anos, eu era o herdeiro das dívidas restantes das inúmeras tentativas de repetir o milagre do ano de meu nascimento. E dividia com os outros donos de cafezais

---

MARÍLIA LOVATEL (Madalena Rosa) nasceu em Fortaleza, em 28/9/71. Fez Letras / UECE. É mestra em Literatura / UFC. É autora de *A sala de aula e outros contos* (Scipione) / Catálogo de Bolonha 2013, *Templária, Cidade Entre Mundos*, com o filho Matheus (Novo Século), *Fábulas e Contos em Versos, O Pequeno Inventor de Soluções, Entre Selos e Sonhos e Sob o Sol de Sobral* (Armazém da Cultura), *A Memória das Coisas, Coração de Mosaico, Os Olhos da Janela e Dýnamis/Echoes* (EDR), *A Menina dos Sonhos de Renda* (Moderna) / Catálogo de Bolonha e Finalista Jabuti 2017.

falidos, a responsabilidade pela mudança no clima que deixou a serra menos fria. Se a minha sorte era essa, eu estava disposto a enfrentá-la, encontrar uma solução, talvez vender parte das terras para pagar o que devia. Décadas de dinheiro enterrado, empregado no adubo, no estrume comprado aos que desistiram do café na serra pelo gado no sertão. Quantias irrecuperáveis. Sorvidas pelo chão. Como meu pai sorvia o café na caneca de ágata esmaltada! O conforto líquido a espantar o frio serrano, depois do cheiro da terra dos grãos no quintal, durante as férias escolares. O cheiro da casa paterna. Pensamentos à janela do trem misturavam minhas lembranças e meus planos. Guaramiranga deveria ser o meu destino, se a parada na estação de Antônio Diogo não tivesse mudado tudo. Uma parada para um café, ironia do destino? Oportunidade para conhecer a estação que desde à inauguração, oito anos antes da Abolição da Escravatura, não vivia aquela agitação. Havia um burburinho, uma expectativa, um temor nas falas sussurradas aos ouvidos, um medo nos olhos curiosos, voltados para um vagão, o último do trem, quase vazio, em que eu desavisadamente viajava. O café fumegava na minha xícara, quando eles desceram, todos juntos, enrolados em panos dos pés às cabeças. Estrangeiros, minha hipótese desmanchada pelo idioma reconhecível nas vozes baixas. Ajudavam-se uns aos outros, diziam por aqui, espere-mos, logo virão nos buscar. Uma religião talvez. Apontavam aos passageiros desembarcados. São eles. Vão para a Colônia Canafístula. A imagem de uma casta vivendo entre árvores de chuva-de-ouro, as canafístulas, incendiou a minha imaginação. Quem seria aquela gente quieta, discreta, coberta, com ares de seres inacessíveis, indo a um lugar com nome de árvore nobre, que alguns chamavam também de cássia-imperial? Uma colônia construída para eles, os primeiros a chegar para povoá-la. E no meio daqueles panos vi os olhos dela. Nem precisei ver sua boca para saber que ela sorria. E eu, perdido entre a cidade que deixava e a que me esperava, encontrei-me naqueles olhos, naquele sorriso coberto, estava em casa. Não havia mais ninguém naquela estação. Não havia mesmo mais ninguém na estação. Todos haviam sumido tão logo foi aberta a porta do último vagão. Ninguém apareceu para buscá-los. Foram a pé.

Uma procissão. E ela a caminhar junto dos seus. E eu sem tirar meus olhos dos dela. Nem me dei conta de que, ao segui-los, perdia o trem. Como não fazê-lo? Como viver sem saber a cor do seu cabelo? Sem ouvir a sua voz, sem tocar a sua pele? Foi uma caminhada longa e silenciosa. Paramos no portão de ferro trabalhado, incrustado num portal, acima do qual eu li Colônia Leprosária Canafistula 1928. Busquei seus olhos entre os que entravam resignados. Encontrei as lágrimas que desciam deles e molhavam o pano da face. Diante do portão fechado, eu estava outra vez perdido. A decisão de me hospedar em Antônio Diogo foi necessária. Eu precisava de um tempo para me recompor e conseguir partir. Quando me refiz por dentro, veio aquela ideia de me despedir, de visitá-la, antes de embarcar. O senhor quer que eu guarde a mala? A pergunta do enfermeiro na travessia do portal. O portal de acesso ao círculo infernal das chagas e dos sofrimentos. Ó, vós que entrais, abandonai toda a esperança. O enfermeiro me conduziu ao primeiro andar de onde um largo balcão permitia ver o pátio interno. No dia de visitas, amigos, parentes – eu não sei o que eu era – todos juntos aguardávamos que eles viessem. A distância era uma norma de segurança para evitar o contágio. Eles se concentraram no pátio. Ao meu lado, uma senhora subia nos saltos e se agitava para ser vista por um rapaz, filho, concluí. Muitos mandavam beijos pelo ar, comunicavam-se com olhares, na impossibilidade de uma conversa íntima, particular. Era tudo coletivo ali. Ao me ver, ela sorriu, sei que sorriu, e levantou a mão para um aceno. As manchas eram claras e se espalhavam pelo braço. Foi muito rápido. Precisava ser. Havia os que se cansavam logo. O senhor não esqueça a mala. O lembrete do enfermeiro interrompeu a minha solidão no balcão a mirar o pátio vazio. À janela do trem, resolvi continuar o sonho de meu pai, o legado de minha família, o café que era a minha história e que alguns teimosos ainda plantavam. Eu também não era de desistir. Pagaria o preço pela natureza alterada. Era época de florada nos cafezais. A flor cobrindo tudo de branco e apagando a paisagem. Em minha mão, a flor, mancha clara que apagou a paisagem. À flor da pele, o meu destino.



# ESCRITO A DOIS CORAÇÕES

**Marta Viana Pinheiro Albuquerque**

## I

Rosa-seco com flores incrustadas na fachada. Sem luxo, mas distinta. "A casa mais linda da rua...", assim se referiam a mim diversas vezes. Não escondo certa vaidade diante do elogio. Um portão em ferro trabalhado, voltado para a rua, deixa entrever minhas janelas laterais, em meio ao jardim. Delas escapa o bom gosto de notas musicais que colore os finais de tarde com sonatas e chorinhos. O único morador da casa é homem feito, de poucas palavras e contatos.

Depois de anos, fechada e vazia, chega este que traz música e silêncio. Não deixei de reparar os poucos pertences que trouxe quando chegou. Livros, peças de mobiliário antigo, um piano, louça e talher finos, em número variado e incompleto. Uma coleção de objetos difícil de classificar e de datar.

Gosto da companhia deste homem, pois é zeloso, abre as janelas em par, permitindo que o ar fresco da manhã me invada, nas não sem proteger os livros dos raios de sol, sua verdadeira paixão. Ele também ama as plantas, rega-as com um cuidado que se assemelha a uma meditação. As borboletas lentamente têm descoberto um pequeno paraíso em formação, o quintal, livre de olhares indiscretos.

Difícil saber de sua história passada. Porta-retratos trouxe apenas dois: um branco, em madrepérola, tem a foto de um casamento, onde os olhos da noiva lembram os dele; e um prata, figurando a noiva da outra foto, um pouco mais velha, e um garoto de uns oito anos, sozinhos, em trajes negros. Reparei que guarda nas gavetas da mesa de suas leituras um relógio de bol-

---

MARTA VIANA PINHEIRO ALBUQUERQUE (Pseudônimo: Alzira Malburk) nasceu, em Fortaleza, em 1966. Formou-se em Agronomia, pela Universidade Federal do Ceará, onde também obteve o título de Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Atualmente é artista plástica e arteterapeuta. Seus autores preferidos são José de Alencar, Valter Hugo Mãe, Clarice Lispector, Marina Colasanti e Rosa Montero.

so antigo, partituras com encadernação especial e algumas cartas, já amareladas pelo tempo, que revisita vez ou outra.

Dizem que as paredes guardam memórias. Fico confusa por não saber ler tanto essas coisas, mas, ao finalzinho daquele dia, o músico, ao retornar para mim, encontrou uma mulher vestida em roupa de corte impecável e bom gosto, parada em frente à porta, fitando os detalhes florais. Foi direta quando o viu. Disse que precisava entrar. "Claro", ele respondeu, surpreso por não saber por que deveria recusar. Não trocaram mais palavras.

Ela caminhou como se já me conhecesse, como se eu fosse dela, ao longo de todo o estreito corredor, parando na última porta cinza. Não suportou ficar ali mais do que um curto momento. Saiu transtornada, golpeando em marcha rápida meu assoalho antigo. Ele não a seguiu, petrificado pelo inusitado da situação, reverberando as pisadas dela em compasso às batidas de seu coração.

Aquela noite foi diferente de todas as outras, para nós dois. Senti um estremecimento, daqueles que acometem os que gozam de um mesmo corpo e uma mesma alma, despertando-me de um sono breve. Sobravam-me perguntas. Ele, assustado, tinha a cabeça a dar voltas, por ânsias de respostas e um desejo de tê-la novamente ali, como se a presença dela pudesse pôr as coisas em seu devido lugar.

Ela bateu à porta no dia seguinte. A música interrompeu-se de imediato, como se já fosse esperado esse acontecimento. O homem veio em passos largos. Não houve palavras, mas os olhos também falam. Ele deu-lhe passagem e novamente ela seguiu até a mesma porta. Com uma mão fria e trêmula, tocou-me pela primeira vez, girando o trinco envelhecido. Pude olhar dentro dos seus olhos, foi quando compreendi tudo.

Pequena, vivera ali com o irmão, uma tia-avó e o pai. A silenciosa tristeza somente era quebrada pelas brincadeiras espontâneas dos pequenos, cúmplices nas descobertas e aventuras imaginárias. A tia ralhava constantemente, mas era até

doce, tentando disciplinar a alegria. A presença do pai, rara durante o dia, congelava o lar.

Ela amava o movimento, dizia-se bailarina. À medida que crescia e alimentava o sonho, foi sendo cada vez mais vigiada e proibida de dizer e de sonhar. Mas como? Aquilo era como tirar todo o ar de seu coração. Como impedir um pássaro de voar, uma flor de brotar, sem que se precise lançar de artimanha ou de força antinatural e vil?

Frente ao o que a compreensão infantil não alcança e se rebela, a descoberta segue por caminhos lúdicos e ousados. O irmão, um pouco mais velho, era seu protetor e cúmplice. Postava-se como sentinela à porta, cantarolando em coro com ela, baixinho, para que a dançarina rodopiasse livre, ato após ato, até cair, tonta de feliz, no chão.

Um dia, ela, com o rosto colado na face de minha parede, por uma fresta da porta da sala de estar, já tarde da noite, espreitou a tia e o pai conversarem sobre o passado. O segredo desvelava-se em quebra-cabeças de histórias passadas. Sim, a mãe, de quem nunca falavam, tinha a mesma paixão pela dança. Não deixariam a história se repetir! Não poderiam permitir que ela voltasse ou soubesse das crianças, pois não merecia.

“Minha mãe era como eu”, pensou ela, e seu coração só confirmou uma esperança profunda. Sem fotos e lembranças daquela mulher, ela a tinha em si, de modo que ninguém jamais poderia lhe tirar. Passou a dançar como nunca, naquele quarto, em companhia do irmão. Feito pássaros que crescem em um ninho que não os cabe mais, por falta de espaço ou céu, foram brincando de forma mais descuidada e ruidosa, com braços e vozes cada vez mais fortes, sem cuidar de fazer segredo de algo tão bonito.

Dói-me agora lembrar, certo dia, quando a pequena rodopiava, seguindo para os aplausos finais do infantil espetáculo, o momento em que seu pai entrou violentamente no palco, arrancando-a da fantasia. Como um soldado impetuoso, o irmão tentou impedi-lo, tornando-se alvo de toda a ira e frustração de

uma antiga tristeza, renovada naquele instante. Foi brutal e covarde, esse acerto de contas.

Seguiu-se o encaminhamento dos irmãos a colégios internos, no pretexto de uma boa formação. Separados, quebraram-lhes sonhos e a intimidade que só o dia a dia é capaz de fabricar. Daí em diante, viam-se, espaçadamente, alguns finais de semanas e parte das férias. Modificaram-se, rapidamente, tornando-se rapaz e moça de modos discretos e distantes.

Envelheci com aqueles outros dois moradores, mergulhados em uma vida de sepultura e ressentimento. Vi-os morrer, um depois do outro, e a visita dos irmãos em turbilhão de sentimentos contraditórios de saudade e dor. Depois trancaram-me, desabitaram-me, adormeci sozinha não sei por quantos anos.

## II

A pequena, agora uma mulher, lentamente adentra meu recinto, já com os pés descalços, alcançando o ponto central. De olhos fechados começa um movimento suave, como quem acaricia nuvens. Dança com domínio, seguindo uma música interior, de acordes que o músico, incrédulo, reconhece e começa a murmurar. É o concerto para violino II, de Philip Glass. Os olhares buscam-se, encontram-se, como algo que sempre foi, sem necessidade de explicação.

O movimento toma o corpo da bailarina, que cresce e ocupa todo o espaço, a tocar minhas paredes, preenchendo de magia o ambiente. Tal como outrora, as músicas fazem par com o silêncio que as segue, uma após a outra, até que, exausta, ela deixa-se cair, exatamente no ponto onde tudo começou. Somos tomados pela penumbra e pelo silêncio, durante tempo impossível de ser medido. Por fim ela levanta-se, toca o rosto mudo de seu público, diz obrigado e parte.

## III

Ele guardava no coração esperançoso a possibilidade de um reencontro. Sonhava com aquela mulher que encantara a casa e tudo ali, que perfumara o ar que ele queria respirar. A música tocada era carregada de saudade. Passantes na calçada

sentiam o peito apertar, arrebatados por uma vontade irresistível de abraçar e de sonhar.

Nada acontecia e o tempo fez tudo perder a cor. Ele passou a esquecer a porta sem tranca, absorto em pensamentos. Livros e plantas tornaram-se invisíveis. Desassossego. Que sentimento era esse de certeza e de encontro que nutria por aquela mulher da qual nada sabia, mas que agora povoava seus pensamentos?

Regressava ele ao lar, caminhando sem vontade, distraído. Parou, entretanto, atônito, ao perceber, a poucos passos de distância, que na minha entrada repousavam uma mala discreta, uma caixa elegante de chapéu feminino e um par de sapatos vermelhos. Não precisava entrar para saber a quem pertenciam tais objetos.

Aproximou-se, apanhou tudo como em um ritual sagrado, tocando os objetos como alguém que não os pudesse enxergar, confiando ao toque a veracidade do que acontecia. Fechou a porta cuidadosamente. Emocionamo-nos juntos. Se alguma certeza há em histórias que se escrevem com corações é de que ali estavam dois que se sentiam pertencer, desde sempre, como a música segue a dança, sob uma fachada de flores.

## FOLHA EM BRANCO

**Mônica Serra Silveira**

- Não adianta, Ricardo. Não consigo quebrar esse bloquei...

- Calma! Logo você vai ter uma boa ideia para iniciar sua história e aí o livro sai rápido, Manu.

- Queria acreditar nisso, Ricardo. Faz muito tempo que tento e não sei nada. E tenho um prazo para escrever essa história até o final da semana. Um livro em uma semana, impossível!

Manu era um poço de ansiedade naquele momento. A unha não conseguia largar os dentes. Sabia que o prazo estava muito em cima. Começara o novo livro várias vezes, mas nenhum início lhe agradara. Houve um que chegou a trinta páginas, no entanto foi inútil. Jogo tudo no lixo. Desejava algo mais profundo e ao mesmo tempo poético, inovador, criativo e envolvente.

- Qualquer coisa você pode pedir um adiamento de prazo. A editora vai entender.

- Já me concederam dois adiamento, Ricardo. Depois que a gente ganha um concurso nacional, a expectativa do público e da editora fica muito maior. Eles se tornam mais exigentes.

Enquanto falava ao celular, Manu olhava para a folha branca com insistência e aflição, como se clamasse com as íris por um parágrafo, uma frase que fosse. Tinha tanto o que dizer, mas estava engasgada.

- Sai de casa, mulher! Vai num lugar verde, cheio de plantas e flores. Ouve o canto dos pássaros. Quem sabe...

- Já fiz isso, Ricardo. Saiu um poeminha sem graça.

---

MÔNICA SERRA SILVEIRA ( Pseudônimo:Jesus Matos ) Nasceu em Fortaleza em 1960. Curso Comunicação Social na PUC - RJ. Atualmente é editora do Programa Papo Literário da TV Ceará. É membro da Academia Feminina de Letras e é autora de 13 livros. Conquistou menção honrosa nos concursos Maria Martins da Academia Cearense de Letras e Prêmio Internacional Tito Olívio. Entre os autores preferido estão Machado de Assis e Clarice Lispector.

- E se fizesse ao contrário? Um lugar barulhento, com grande engarrafamento e buzinas no trânsito.

- Também fiz isso. Não deu em nada.

- Eita! Tá difícil, menina! Sabe de uma coisa, desencana. Esquece esse livro. É a pressão que causa o bloqueio. Passa um dia inteiro sem pensar nisso.

O conselho agradou Manu. Poderia ser isso mesmo de que necessitava. Um dia desligada de tudo. Guardou o bloco de rascunho na gaveta. Fechou o computador. Trocou de roupa e saiu a pé sem destino. Como diria Caetano: sem lenço, sem documento. Ouviu o barulho do trânsito. Observou os transeuntes passando por ela sem compromisso. Entrou no Café da Palavra, comeu um folheado de queixo com cappuccino. Ao redor, cada um parecia saber exatamente o que deveria fazer. O guarda de trânsito, o padeiro, a garçonete, executivo, a comerciária. Um grupo de residentes de medicina encheu de branco o ambiente. Os jovens doutores estavam em clima de camaradagem e aparentemente leves, apesar da jornada estafante no hospital público, que certamente costumam ter. Manu ficou a imaginar se poderia ter seguido alguma daquelas profissões. Pediu a conta com serenidade.

De volta ao apartamento, abriu a gaveta, retirou o bloco de rascunhos e procurou uma folha em branco, passou-lhe a mão com suavidade, como a lhe fazer um carinho.

Finalmente, passou a escrever para ela, ditando as palavras em voz alta:

- Querida, folha em branco. Voltei . Senti saudades. Estou aqui humildemente a brotar-lhe letras, para fazer as pazes contigo. Sei agora que não poderia viver sem ti. Mostra-me mais uma vez tua generosidade, minha amiga.

## SETEMBRO É O MÊS DOS VENTOS

**Nathália Pimentel Ximenes**

Entrou com tudo em casa, escancarou a porta, revirou os quadros, espalhou os papéis em branco em cima da mesa e jogou os lápis de cor pelo chão.

— Ana! — esbravejou o pai. — Eu já pedi mil vezes pra você fechar a porta quando passar! Apagou o fogo do feijão. Vem juntar agora essa bagunça na sala!

A menina veio correndo, esbaforida, catou tudo.

— Eu sei, eu sei, foi rapidinho, não deu tempo...

Clarisse achou graça da cena e voltou aos seus afazeres no jardim. A filha era mesmo uma doçura de criança, mas distraída que dava dó. Ficara de fazer os cartazes da sua turma para as comemorações do dia da independência, na escola, esquecera-se de comprar o material a tempo.

— Ana, minha filha, você tem que prestar mais atenção nas coisas. Você vive com a cabeça no mundo da lua, é?

— Tá bom, mãe, tá bom, deixa, deixa, eu me viro com o que tenho em casa, ainda sobraram algumas coisas da última feira de ciências, vai dar certo.

E dava mesmo, Ana sempre conseguia. Apesar de desatenta, era bastante dedicada e cumpria com as obrigações da melhor forma que seu gênio destrambelhado e criativo permitia.

Clarisse admirou o amplo jardim, finalmente limpo. Crescera ali, no meio daquela terra, entre as palmeiras, as roseiras, os jasmineiros e o pé de bulgari perfumado, onde os gatos subiam para atacar os ninhos e pegar as rolinhas recém-nascidas. Ela corria atrás, na tentativa de recuperar as pobrezinhas, que

---

NATHÁLIA PIMENTEL XIMENES (Pseudônimo: Valerie Cherish) nasceu em Fortaleza em 1991. Ilustradora, dedica-se à literatura com menos frequência do que gostaria. Produz artes para o Ateliê Lua Cheia e publica muitos de seus trabalhos online. Atualmente, estuda Arquitetura e Urbanismo. Suas escritoras favoritas são Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles.



suspiravam até a morte entre seus dedos. Enterrava-as então a um palmo só de terra, dentro de caixinhas de gelatina em pó que guardava depois que ficavam vazias. O vento trazia o perfume das flores de bulgari e, de repente, aquele era o cheiro da morte das frágeis aves que buscaram pousada em seu jardim encantado. E sentava no banquinho, reflexiva, enquanto o perfume se espalhava. Em pouco tempo, as formigas subiam por suas pernas e ela voltava a brincar sozinha entre as pedras.

Foi nesse tempo que conheceu Laurinha, a menina que veio morar na outra rua. Foram estudar no mesmo colégio, ficaram logo amigas. Clarisse, mesmo tímida, conhecia todo mundo e tratou logo de apresentá-la. Com o tempo, a novata fez amigos por todos os lados. Tinha muita facilidade, a Laurinha. Mas nunca deixou Clarisse de lado, almas gêmeas, elas diziam. "Seremos amigas para sempre, Clarisse". Viviam na casa uma da outra, dividiam as bonecas, as roupas, mas o lugar que mais gostavam era aquele jardim. Lá, viveram desde casamentos pomposos até aventuras na selva, enfrentando feras selvagens que não passavam de vinte centímetros de altura.

Até que chegou a época em que os meninos eram parte dos seus interesses, principalmente, quando iniciaram a montagem da fanfarra para os desfiles da independência, comparecendo religiosamente aos ensaios para vê-los exibindo-se no bumbo, enquanto elas mesmas se exibiam no tarol. O banquinho debaixo da roseira servia de refúgio para analisarem os meninos e suas possibilidades.

Os desfiles começavam logo no início de setembro. A banda visitava outras escolas em várias apresentações, as duas amigas empolgadíssimas com aquela agitação toda. Ônibus escolar lotado de adolescentes, algazarra, os casaizinhos se formando. Batucava, no fundão, toda a sorte de música chiclete.

Clarisse gostava ainda mais porque ficava mais tempo fora de casa. Era nessa época que a tia Cora chegava de visita e passava uns dias, na capital, para ver o filho militar todo fardado marchando sob o sol. Como sentia orgulho do filho, a tia Cora! Só falava nele. E no falecido. Todo dia se prostrava em frente ao oratório e acendia uma vela em homenagem ao marido morto.

Clarisse achava graça, quando o vento apagava a vela. A tia se tremia até a espinha e se benzia três vezes. Tinha medo que a alma do falecido viesse lhe importunar agora.

Mas o que aborrecia mesmo Clarisse era a tia reclamar de sua amiga. Ah, implicava demais. Não podia ver Laurinha que já começava:

— Essa menina é muito espevitada. Vai desviar a Clarisse dos estudos. Sai todo dia por aí, atrás desses meninos sem futuro. Chegar a uma hora dessas! É muita malandragem, não acho certo isso, não. Só querem viver no jardim de fuxico o dia todo. Estudar que é bom...

Para vingar-se, às vezes, Clarisse abria as janelas sem que a tia percebesse para o vento soprar as velas do oratório. E ele sempre vinha, certo. "Ave Maria, minha Nossa Senhora! Essa janela num tava fechada nesse instante?"

E ficava com vergonha também, a amiga ouvindo tudo o que a tia comentava. "Deixa pra lá, Clá, ela só é velha". Laurinha ria de virar a cabeça pra trás.

No dia de um dos desfiles, acordou decidida a não se abalar com as chateações da tia. Tinha mais com o que se preocupar. Passara a semana tramando tudo com Laurinha. Ia dar um jeito de ficar com o Bernardo depois do desfile. Bernardo... tão lindo, cabelos castanhos. Já tentara beijar Clarisse algumas vezes, mas ela recusava, entre risinhos, desviando o rosto. Tinha vergonha e achava o rapaz um pouco atrevido. Mas naquela tarde ia dar certo.

As batucadas da fanfarra foram marcadas em contratempo com as batucadas do peito de Clarisse. Chegou a errar alguns compassos. No final do desfile, correu pra encontrar a amiga, mas ela já estava dividindo um sorvete com o Jonathan, lá no meio da praça. Continuou andando, deixou a amiga em paz.

Procurou, procurou, o coração aos pulos. Quando chegou no meio da praça, subiu uma ventania que lhe cegou com a poeira. Depois de muito esfregar os olhos, viu Tatiana. Reconheceu as baquetas que ela tinha nas mãos e reconheceu também os cabelos castanhos em que aquelas mãos afundavam.

O coração continuou descompassado, mas agora o ritmo era outro. O rosto empalideceu, baixou os olhos.

— Já voltou, minha filha? Acabei de tirar o estrogonofe do fogo. Vai tomar um banho.

— Tá.

Na manhã do outro dia, estava já cedo olhando um ninho de rolinhas que acabara de ser destruído. Recolheu o restante da palha e sentou no banquinho, segurando aquele bolo áspero e sem vida. A tia desfiava o terço lá na sala.

Quando Laurinha chegou, a amiga nem notou. Olhava os pedaços de folhas secas nas mãos. Despedaçou tudo até que o vento varresse o pó dos seus dedos.

— Ai, amiga, você não teve coragem de beijar o Bernardo, né? Pensei que dessa vez ia...

— Não quero mais saber de nada. Não beijei ele, nem ninguém.

— Ah, deixa disso. Você tem seu tempo. Vai dar certo quando tiver que dar. Não se preocupe.

Clarisse deu de ombros e jogou pra cima um montinho de flores.

A amiga olhou aquelas pétalas jogadas no chão, depois olhou Clarisse.

— Quer tentar?

Clarisse franziu as sobrancelhas, intrigada. Laurinha riu com aquela expressão e sentou ao seu lado, colando seu ombro no dela. Mal a amiga encostou seus lábios nos de Clarisse, a porta bateu num estrondo.

— Ô, Clarisse, eu num já mandei que prendesse essa porta? Vou mandar arrancar pra ver se assim dá jeito!

As duas meninas caíram na gargalhada, entre nervosas e aliviadas.

— Mamãe, olha o que achei aqui embaixo, tá todo destruído...

— Verdade, filha, deve ter sido abandonado há muito tempo. Faz assim...

E soprou da mãozinha da filha os restos de palha seca. As duas ficaram olhando o vento espalhar os pedacinhos amarelados entre as flores. Clarisse pensou por onde andaria Laurinha agora. Deixou a lembrança ir também, em silêncio.

— Conseguiu terminar os cartazes, querida? — perguntou.

— Quase, quase.

## AO APAGAR DA LAMPARINA (CRIME E CASTIGO)

**Oseias Targino de Oliveira**

Ao silêncio da noite, ouvia-se apenas a própria respiração; o momento era oportuno. Raimundo, sorrateiramente, seguia ladeando a parede que dava para a entrada do quarto de Chiquinha, quando o silêncio foi interrompido: uma bacia (a julgar pelo barulho) despencava no chão, o estardalhaço o denunciava. Em pleno breu, feito um gatuno, Raimundo fora, finalmente, esbarrado à alcova onde era bem-vindo tal qual rato por uma ratoeira. O alumínio, caindo sobre o piso de barro batido, acelerou corações. E a luz de um fósforo, riscado no compartimento ao lado, bruxuleava os contornos das varas de jurema que estruturavam a casa ainda a ser rebocada, aterrorizando a noite. O indesejável brilho incandescia Raimundo e revelava-lhe o ambiente num espectro nunca visto. O clarão aceso, instantes atrás, começava a movimentar-se; afugentava a escuridão do interior do casebre. O madeiramento, à espera do revestimento telúrico, movia-se esquelético e fantasmagórico, conforme oscilava a luz que avançava em direção ao quarto de Chiquinha, senhora daquele singelo lar – ela também fora surpreendida.

Ao ouvir o som que tripudiava os amantes, Chiquinha envolvera-se no lençol, sentada na cama rezava, temia o pior. O pulsar em suas veias correspondia ao pânico que sua iminente nudez estava prestes a lhe expor. Aquele que conduzia a incandescente luz, acesa ao canto frio daquele casebre, não mais lhe aquecia desde que passara a consumir álcool em demasia. Ele, então, cambaleava ao encontro da concupiscente esposa: “uma pecadora” cujo crime cometido era a prerrogativa para que ele a enviasse à expiação de seu pecado em cumplicidade com o amante ali flagrado.

Raimundo, o amante, além de solícito era homem devotado, conhecia rezas fortes. Conduzia algumas em sua carteira, apenas, por recomendações de sua santa mãe, pois sabia reci-

---

OSEIAS TARGINO DE OLIVEIRA (Pseudônimo: Cambacica). É natural de Ocara, nascido em 1977. Graduando no curso de Pedagogia. Fotógrafo, contista, cronista. Autor do livro Itapó no caminho das águas (documentário).

tá-las de cor e salteado conforme a urgência. Na aterrorizante ocasião, recitou para si mesmo uma que cegava o inimigo, aliás, sua reza era tão forte que acreditava ficar invisível: estagnara-se junto ao madeiro de angico, coluna da casa.

— Seja quem for o atrevido, ainda hoje vai conversar com São Pedro! – balbuciou para si mesmo Sebastião com uma lamparina à mão, em movimentos sutis.

Um candeeiro a tremeluzir tudo e um facão afiado feito lâmina de barbear, ditarianam o desfecho daquele encontro à penumbra. O ingênuo, ensandecido, sutilmente sondava a presença do inimigo. Sem convicção de quem encontraria pela frente, o movimentar-se da própria sombra a tornava suspeita. Porém, fora outra sombra, com formato de um indecifrável rosto, que se achegou à chama da lamparina. E, em rapidez surpreendente soprou sobre ela, mas Sebastião, num golpe certo, divisou ao meio aquela que violava seu lar – assim acreditou. A ferramenta com que abria veredas na caatinga, não divisando o vulto que apagou a lamparina, foi amortecida de sua violência pela rudia sobre o tamborete ali esquecido, o som abafado ressoou aos ouvidos dos amantes feito navalha a rasgar suas almas.

Em meio à escuridão, esquivando-se feito um felino, Raimundo saiu por onde entrou deixando o esposo de sua amante desconcertado, furioso. O ingênuo, após tatear o chão de casa, levantou-se ainda mais indigesto. Ricocheteava o facão pelas paredes ornamentadas por santos que ruíam por terra juntamente com a quartinha de cabaça e outros ornamentos, pendurados pelas varetas seminuas.

— O que acontece marido, me chamou?!

— Tão preocupada estava que nem pra acender a lamparina né?!

O quintal daquela casa, tão bem conhecido por Raimundo, havia sofrido alteração. Ele mesmo participara dela, mas na precipitada fuga, esse detalhe foi esquecido. Seu corpo se estatelou ao fundo do barreiro que ele próprio havia cavado. Sem tempo de recitar nova reza, saiu dali sem qualquer ajuda, arremetera de seu interior num único salto, algo que não aconteceria em

situação normal. Raimundo poderia ter se utilizado da mesma proeza para saltar a cerca de arame logo adiante. Afinal, noutros momentos já havia pulado cercas bem mais altas por puro exibicionismo. Para infelicidade sua, optou por passar entre os arames farpados, deixou ali parte das vestes e tecidos de sua pele. Nas horas seguintes, isso lhe revelaria algumas dores pelo corpo. Relaxada, sua mente elaboraria engenhosas explicações para o caso da esposa questionar a antecipação de seu retorno; pois a pescaria no açude estava prevista para varar a madrugada. Certamente, ao sucesso de suas desculpas, ainda desconhecia rezas.

No centro da sala em penumbra, Sebastião tinha por companhias o cigarro, a aguardente e suas intermináveis ruminações. Tão logo a noite caía, ele largava-se ao fundo da rede, de onde infestava o ambiente com intragáveis odores. Olhar ao teto, perdido, pensamento desordenado, a vida em parafuso. Mas tomara uma decisão: quando o silêncio fosse interrompido, mudaria o curso de sua miserável vida. A honra perdida carecia de uma atitude incisiva. Portanto, seu agir seria literalmente incisivo. Numa folhinha em branco, envolvendo o fumo predileto, preparava mais um cigarro, quando o coração acelerou: a bacia de alumínio, deixada num lugar estratégico, ao cair anunciava o exato momento de executar o plano que daria cabo aos seus tormentos. O fósforo estava ao alcance de sua mão, ele o riscou. Na desordenada sala, ao lado de seu antigo quarto, onde já não era bem-vindo, acendeu a lamparina.

— Seja quem for o atrevido, ainda hoje vai conversar com São Pedro! – balbuciou para si mesmo Sebastião com uma lamparina à mão, em movimentos sutis.

Largando o cigarro, apoderou-se do facão devidamente afiado para a ocasião em que, definitivamente, lavaria sua honra. Afugentaria, enfim, a escuridão que o envolvera há meses. O luzeiro em sua mão dava forma ao interior do casebre, ainda por concluir, enquanto a ira alimentada ao longo de suas premeditações o queimava por dentro, tornando-o possesso. Tencionando trombar com quem violava seu lar, levantou-se. O efeito da aguardente correndo em seu corpo fazia com que suas veias pulsassem ao ritmo de um coração prestes a explodir. Deduzira que a sombra projetada junto à da haste de madeira que susten-

ta a cumeeira da casa era intrusa. Cambaleou até aquela coluna de angico, de onde, de repente, um vulto se manifestou, apagando a chama da lamparina em sua mão. Mas, pelo estalo produzido pelo golpe de seu facão, divisou o que naquela silhueta se escondia – assegurou-se. Tateava o chão certo de que toparia no corpo do malfazejo, mero engano. Levantou-se soltando fogo pelas narinas, e a esmo, resvalava-o pelos cômodos da casa a ricochetear às paredes do casebre.

— O que acontece marido, me chamou?!

— Tão preocupada estava que nem pra acender a lamparina né?!

Sebastião chegou-se ao interior do próprio quarto. O golpe do facão ali efetuado, dessa vez não resvalou. Vertia sangue, saciava um homem sedento da honra perdida: *cabra macho*, cidadão de bem, trabalhador. Certamente, nos próximos encontros pelos bares da redondeza, não mais haveria chacota envolvendo seu nome. O delegado da cidade facilitou as coisas. As testemunhas que depuseram sobre aquela família relataram o comportamento afrontoso de Chiquinha. Eles justificaram o sertanejo, um pai de família, que, num momento de loucura cometera o "cornicídio" em nome, obviamente, da moral e dos bons costumes, afinal, nada é mais estarrecedor que aquela imoralidade feminina.

Acompanhado de inaudíveis cochichos, o velório de Chiquinha se deu em meio à ritualística lamúria, não por causa de sua morte horrenda, mas pela infelicidade de seu comportamento adúltero. Conforme consta nos autos, ao que concerne o senso comum daquela sociedade e dos que a cercavam, adentrarás ao inferno para a expiação final.

Por algum tempo, após a tragédia, Sebastião já com a vida refeita, dirigia-se vez por outra à delegacia para assinar alguns documentos – questão de ordem e de praxe. Recuperou o ânimo pela vida, voltou a frequentar os cabarés dos vilarejos próximos. Arrumou uma nova companheira, era ela uma esposa recatada, mulher do lar e cheia de dotes culinários, tricotava. Sebastião recorreu a uma nova atividade para ocupar a mente e com isso fugir de seus demônios e do peso de sua própria consciência. Contava para isso com a ajuda de Raimundo, solícito amigo e vizinho de longa data.



# NINGUÉNS

**Ricardo Guilherme Vieira dos Santos**

Uma aldeia que se acabou, sumiu de si, paragem parada em um tempo aquém, distante, onde inutilmente a luz do sol resplandece e a chuva se alonga deixando rastros à toa. São só escombros as casas, órfãs de telhas, que ao relento amanhecem, entardecem e anoitecem tão só como paisagem, passagem do vento no rumo das dunas, as donas desse desvilarejo banhado de sal. Aragem, na areia de branca extensão desasossega, vez em quando esse onde, nesga de terra à beira de muito mar, mar que no infinito se some. Pelas manhãs, tardes ou noites a ventania, vez por outra, afoita-se na praia de um despovoado que mais e mais se enraíza em um pouco mais que nada, lugar longínquo em meio às solidões. Da preamar à vazante, resta um areal no meio do mundo entre falésias, o horizonte que se azula, coqueiros tombados cujos troncos sem palmas ocupam as cercanias, esconderijo de corais e atóis ao longe, ilhas a milhas e milhas que se embaçam, algas, escamas e barbatanas que boiam, remos já não revoltos que navegam ao léu, lemes em avaria, monótonos tombos d'água no quebra-mar de pedras, farol inútil, cais de fantasmas em adeuses longos, redes de pescar esgarçadas, saudades. Sobrevivem restos de um botequim onde dominaram damas e suas madamas, parcelas de calçada onde passaram tantos tatuados com arpões nos braços, peixes nas panturrilhas, canoas nas costas, âncoras nas coxas, bússolas nos dorsos, mundanas pontas de rua em que despontaram filhos sem pais, partes de um porto, docas onde estiveram estivadores, carcaças de navios partidos em que passageiros partiram sem volta, pedaços de proas com inscrições de sereias: Corália, Isla, Larimar, Maressa, Marina, Ondina, Stela Maris.

---

RICARDO GUILHERME VIEIRA DOS SANTOS (Pseudônimo: Roberto Júnior) nasceu, em Fortaleza em 1955. Contista, cronista, poeta, ator, diretor e dramaturgo de renome. Jornalista com reportagens premiadas pela Fundação Nacional de Artes Cênicas. Professor e cofundador do Curso Superior de Artes Cênicas da Universidade Federal do Ceará. Seus autores preferidos são Francisco Carvalho, Jáder de Carvalho e Natércia Campos.

Ninguéns. Nenhuma vivacidade; nem de gaivotas que aqui pudessem voar e revoar a esganiçar seus gritos. É desabitação, o que já houve, o de antes, o que já foi e prescreveu, desterro à espera de acontecimento algum. Mas, mas, mas, mas acontece. E aconteceu: uma vida não obstante morta. Intempestiva uma vaga espria-se e avoluma-se, desliza e se enrosca em meio às espumas e traz dentro dela um menino que falta de fôlego outras ondas submergiram. Flutua uma menina afogada, flutua uma infância irremediável, desvio inexorável de rota. Ancora entre conchas e sem resgate encalha, agora, na brancura arenosa a criança, cadáver em desembarque, viajante de visita inesperada, navegante de camisa vermelha, bermuda azul, meias e sapatos coloridos, de cadarços fixos em laços simétricos. Estendido de braços, com os pés voltados para direção contrária ao oceano, o morto praiano, de cabeça inclinada tem um dos ouvidos sobre o chão e com as mãos espalmadas parece querer imprimir, em meio aos grãos do solo, as suas impressões digitais. Está ali, como se brincasse de dormir sob o acalanto de marulhos, o marujo mirim de idade tão tenra, marinheiro de primeira e última viagem, naufrago de algum barco de imigrantes que tentaram salvar-se da guerra, na travessia em busca de refúgio, corpo expatriado que o naufrágio devolveu e aquele deslugar marinho em quietude enfim refugiou.

## INFINITO

**Rodrigo Ribeiro Cavalcante**

O barco, a remo e vela, estava ancorado. As águas calmas, com redes lançadas. Esperava. Nessa hora, é esperar, sozinho. De um lado, a costa, lá longe. Noutra vista, só o oceano, sem fim, imensidão. No mar cristalino, dava para ver bem, a fundo, o azul. Sem verde. Dizem que quando está esverdeado, é sinal de misturas de águas, vindas dos rios, que correm para lá. Não era o caso. Esperava. A lua chegava, de mansinho, sem balanços. Mas percebi, à certa distância, um movimento. Muito azul. Não era água. Estranho. Surge o medo. Ligeira onda veio, debaixo. Entrecostada, próxima. Não sei. Voltou. Era rápido. Seria a rede? Não. Senti que não porque peguei. Não era. Avistei, vindo, novamente. Aproximou-se, a nado grande. Chegou próximo; fiquei estático. Perdi. Foi-se. Voltou. Chegou a bem vizinho. Ergueu-se e vi: cabelos longos, pretos, levemente ondulados. A pele branca, com tom de sol. Mergulhou. Grande, imponente. Era só pele, todas as feições, e muito mais. Emergiu-se mais ainda. Busto em riste, sem mais. Lindos! Sorriu. Mergulhou. Deslizou-se, com rapidez, em distância, com cauda longa, azulada. As costas brancas, lisas, sem risco, sem nada. Belas! Peguei novamente na rede. Nenhum sinal de pesca. Por segundos, pensei ser em tudo, nada. Seria? Voltou, forte. Ergueu-se. Os braços grandes, acariciativos, firmes. Pôs as mãos na cintura delgada. Olhou-me. Sorriu, em lábios vermelhos, exuberantes! O umbigo, escuturalmente, desenhado. Mais acima, apenas um adorno, no derredor do pescoço. Pérolas meio-grandes, só. Fiquei estático; absolutamente sem fala. Senti algo: um gancho. Na garganta, puxando-me. Sem sangue, sem dor. Somente clamando, levemente. Derreei-me, no

---

RODRIGO RIBEIRO CAVALCANTE (Pseudônimo Jesoco Pai), nascido em Fortaleza, bacharel em Direito (UNIFOR) e Ciências Econômicas (UFC), pós-graduado também em Escrita Literária (FBUNI), turma coordenada por Socorro Acioli. Publicou uma crônica na coletânea Todos os tempos do universo (FBUNI), tendo como autores preferidos: Machado de Assis, Nelson Rodrigues, Murilo Rubião, Manoel de Barros, Clarisse Lispector e Lygia Fagundes Telles.

mar. Experimentei um porto; parecia ser ela. Aproximou-se a bem perto, com o olhar. Era só esplendor e mansidão. Veio para trás, como se quisesse guiar destino, em flutuação. Esperei, era isso. O anzol me puxava, serenamente, sem ferir, sem derrame. O azul me veio do lado, e de frente, e a toda. Senti suas mãos, nas minhas. Fui. Percebi, era ela, novamente, a todo espaço; sorrindo. Tive a sensação de sair de mim para entender e ver. E vi de cima. Íamos juntos, a lado e lado, em caudas longas, azuis, em braços largos, entrelaçados, para o infinito.

## SE UMA AMANTE DE LIVROS NUMA PRAÇA

**Simone Pessoa Pereira Sampaio**

Pelo menos a cada semana, a jovem pálida de cabelos lisos me chegava com um livro. Aproximava-se displicentemente como se estivesse de passagem, quando na verdade tinha um propósito. Em fingida despreensão, parava e sentava em um de meus bancos – sempre o mesmo. De uma sacolinha de papel, retirava um volume, abria-o, fazia uma breve anotação, fechava-o e punha o livro ao seu lado no banco. Instantes depois, ela se levantava e partia, deixando a obra como que por esquecimento.

Nunca li diretamente o que ela escrevia, mas suponho que era algo assim: “Deixei este livro para você. Leia-o e passe-o para outro leitor!” Não tardava, alguém via o livro abandonado no banco. E como resistir a um livro esquecido num banco de praça? O felizardo pegava-o, abria-o e dava um passar d’olhos nas primeiras páginas. Por certo, lia a recomendação da doadora e punha o tomo debaixo do braço: lá se ia um possível leitor.

Capas e títulos de livros me atraem, não perco a chance de apreciá-los. Lembro bem o primeiro volume que ela “esqueceu” no banco. Intitulava-se: “Se um viajante numa noite de inverno”. Depois desse, vieram tantos!... recordo de alguns: “Intermitências da Morte” – provavelmente um romance surreal; “Lolita – já vi algumas Lolitas passarem por aqui; “Metamorfose” – sou uma metamorfose urbana; “Cem anos de solidão” – identifiquei-me de imediato com esse título!; “Lavoura Arcaica” – deve ser sobre algo bem rude; “Confissões de um jovem romancista” –está faltando alguém escrever Confissões de uma praça... Enfim, presenciei um desfile de títulos instigantes ao ponto de eu sentir inveja de quem os apanhava. Quantos senti-

---

SIMONE PESSOA PEREIRA SAMPAIO (Pseudônimo: Elena Greco) nasceu em Sobral em 1963. É especialista em Educação Biocêntrica. Além de contos, se dedica à escrita de poemas, literatura infantil, crônicas e ensaios, tendo publicado livros nesses gêneros. Seus autores cearenses prediletos são: Raquel de Queiroz, Moreira Campos, Caio Porfírio Carneiro e Ana Miranda.

mentos, histórias, revelações e mistérios pulsantes eternizados em papel?!

A leitura de ficção seria um valoroso passatempo para uma praça como eu, mas estou predestinada a ler (e ora relatar) cenas da vida que presencio e sirvo de cenário. Não posso me queixar, pois o destino tem sido pródigo em urdir tramas reais, sob o meu olhar, tão surpreendentes quanto as de ficção que imagino contidas nos livros.

No dia em que a menina pálida deixou “Os amores difíceis” – como eu gostaria de ler esse!..., logo se aproximou um jovem de barba, de olhar triste, que se alegrou ao avistar o livro no banco. Olhou para os lados e não viu ninguém próximo. Somente eu o observava. Pegou o livro sem cerimônias e o abriu. Folheou as primeiras páginas, leu a inscrição da moça, esboçou um sorriso, pôs o volume na mochila e foi embora.

Dias depois, o jovem voltou. Como não encontrou livro algum, sentou-se no mesmo banco onde a moça deixara o livro e pôs-se a ler um tomo de capa laranja, bem chamativa. Consegui identificar que o autor era um tal de Leminski e se tratava de um livro de poesia. Adoro poesia! Não resisti e pus-me a ler furtivamente um poema, aqui, outro acolá, todos curtinhos. Lembro de um verso gracioso que dizia: *“a palmeira estremece/ palmas pra ela/que ela merece”*.

Do outro lado da rua, a menina pálida - que já trazia um novo exemplar - avistou o rapaz lendo. Deve ter ficado curiosa para saber que livro seria e quem era o leitor, pois vi seus olhos alargarem-se e alguma cor em seu semblante. Sentou-se, em um banco afastado, ajeitou o cabelo e pôs-se a mirar o moço que lia.

O jovem de barba permaneceu, algum tempo, lendo e observando os transeuntes e as figuras na circunvizinhança. Quiçá desejasse identificar quem teria deixado o livro que ele havia levado para casa. Depois, levantou-se e saiu, deixando o exemplar de capa laranja no banco.

Tão logo o rapaz se distanciou, a moça se aproximou do banco antes que outra pessoa o fizesse. Dessa feita, ocupou-se

em pegar o livro de poemas e folhear suas páginas, com entusiasmo impensado, para a figura tímida que eu bem conhecia. Consegui ler a dedicatória contida na primeira página escrita com uma caligrafia refinada: "Espero que você goste de poesia, pois este livro é para você!" E assinava: "Um leitor."

Tão comovida ficou a jovem que, naquele dia, esqueceu de deixar o livro da vez que trazia na sacola de papel. Mas, no dia seguinte, no meio da tarde, chegou com a doação literária. Como de costume, fez a dedicatória e deixou o tomo no banco. Achei interessante o título: "Ou isto ou aquilo" – o primeiro de poemas que a vi trazer até então.

Tão logo a menina se foi, o jovem de barba chegou e correu para apanhar o novo exemplar. Sem se fazer de rogado, pegou o livro e ali mesmo se pôs a ler. Quando virou a última página, a tarde já se despedira. Mesmo tendo concluído a leitura dos poemas, guardou o livro na mochila. Mas de dentro dela sacou um tomo de capa vermelha e o camuflou no canto do banco com folhas caídas das árvores. De forma que, dificilmente, um passageiro poderia visualizá-lo. Cedo da manhã seguinte, os olhares astutos da doadora logo identificaram a oferenda camuflada. "O jogo da Amarelinha" era o título deixado pelo rapaz. Captei o momento em que a moça abriu a primeira página, onde deveria estar escrito algo como: "Imagino que você aprecie romances, deixo este de presente para você."

Pronto, a partir de então, não é de se admirar que a moça pálida tivesse ganhado cores e ares novos. Sua visita tornou-se mais amiúde. E sempre encontrava um livro ofertado pelo jovem de barba e, claro, deixava um outro, agora discretamente para que somente ele o encontrasse.

As dedicatórias, creio, deixaram de visar aos leitores anônimos e, suponho, passaram a ser personalizadas para o jovem leitor, por quem ela, visivelmente, se enamorava. Ele, por seu lado, apesar de contido, parecia corresponder ao entusiasmo de sua parceira anônima.

O troca-troca de livros intensificou-se a tal ponto que não pude computar os inúmeros títulos. Por capricho do destino, a

moça pálida e o rapaz de barba não se encontravam. Geralmente, ele chegava depois que ela partia. E embora ela, às vezes, ficasse esperando algum tempo para encontrá-lo, não coincidia com o momento da chegada dele.

Vi-me testemunha atenta desse relacionamento casto e abençoado pela literatura. Imagino que, quando dois entes leem o mesmo livro, uma intimidade imediata se estabelece entre eles. Uma gama de histórias, sentidos, personagens passam a constituir o imaginário de ambos, formando um elo de cumplicidade. Se os livros inoculam sentimentos, desejei ardentemente que o par de leitores se encontrassem frente à frente e consumassem em carne e osso aquele encontro de afinidades que se sucedia poeticamente.

Uma tarde, quando o sol declinava no horizonte, notei que o jovem de barba folheava o livro que a moça - agora não tão pálida - dedicara-lhe naquele dia: "P.S. eu te amo".

Surpresa fiquei quando a vi, contendo o cabelo que esvoaçada, se aproximar do banco onde o jovem se encontrava. Foi um sinal para mim de que o acaso atende a certos desejos lançados ao vento. Fiquei em suspense... finalmente o encontro real entre os dois que tanto se visitaram na ficção!

Não que eu seja bisbilhoteira, mas sem que eles percebessem, me fiz presente com todos os meus sentidos. Vi quando ela corou ao ser percebida pelo rapaz. Senti o suor exalar das mãos dele, ao ponto de umedecer a capa do livro. Quando ela parou diante dele, houve uma certa indecisão sobre o que dizer ou fazer. Ele levantou-se, ela sentou-se. Ambos sorriram pelos gestos desencontrados. Ouvi os corações de ambos retumbarem ritmados pela tensão que o momento suscitava.

Ele sentou-se e ela manteve-se sentada. Cumprimentaram-se primeiramente com as mãos frias, depois com dois beijos ao redor da face. Ele foi o primeiro a falar:

Muito prazer, sei que já nos conhecemos bastante... disse isso sorrindo, como forma de quebrar a inibição entre eles.

Ela no mesmo tom replicou:

Olá, há tempos queria encontrá-lo pessoalmente...



Pois é, eu também, mas não sabia como... respondeu o jovem.

Que bom que estamos aqui agora nos conhecendo além dos livros...

Pois é, nem sei o que dizer...

Não se preocupe, também estou sem palavras. Sonhei com esse dia... queria tanto encontrá-lo!... ela arriscou sem olhar no rosto do rapaz.

Ele, sem igualmente olhar para ela, retrucou:

Eu também, mas...

Mas... ela replicou ansiosa.

Penso que você não vai se interessar por um tipo como eu... disse o jovem um tanto embaraçado, enquanto a moça aturdida esboçou um sorriso nervoso no rosto corado.

Ao contrário, para ser sincera, durante esse tempo em que nos encontramos nos livros, me apaixonei por você, mas receio que você não me corresponda...

Não se trata disso. Encantei-me por você o quanto é possível para mim... tentou remediar, o rapaz.

Você é casado?...

De jeito nenhum! afirmou categórico, o rapaz.

Então o que nos impede de... não terminou a frase, ele tomou a palavra.

Você é bela!... Por dentro e por fora, declarou fitando-a nos olhos. Qualquer homem gostaria de namorar com você!

Qualquer homem, menos você, não é mesmo? Objetou ressentida, a moça.

Qualquer homem, menos um homem avulso como eu...

Homem avulso? Como assim? Retrucou intrigada, a moça.

É uma longa história... Não gostaria de falar sobre isso agora...

A jovem contraiu o cenho e emudeceu.

Diante do silêncio, ele levantou-se, fez um leve aceno de despedida e se retirou.

A moça, mais pálida do que nunca, limitou-se a assistir o jovem se distanciar. Perplexa, entreviu no banco um volume de capa amarela. "O amor dos homens avulsos" era o título da obra. Pegou o tomo e leu a dedicatória: "Este romance diz muito de mim, espero que me compreenda". Assinado: Camilo

## ASA PARTIDA

Ulisses Nunes Rocha

A vida sempre me foi um mistério, recentemente, indaguei-me sobre o assunto, enquanto fitava um ninho no topo de uma árvore, no alto de uma montanha, me pergunto se os filhinhos que bradavam incessantemente tinham noção do quão alto eles estavam do nível do mar, talvez não importasse aquilo pois independente da altura, sua vida estava nas mãos de frágeis galhos, enquanto a mãe piava tentando encorajá-los a dar seu primeiro salto. O maior medo dessas criaturinhas era somente o chão, o mais próximo que conseguiam ver, enquanto eu observava aquilo olhando pro cenário ao fundo, um mundo catóico que, lá daquele alto, parecia tão diminuto e insignificante, que independente de seus conflitos e importância para a humanidade. Do meu ponto de vista eu poderia esmagá-lo, e assim o fiz, fechei um olho, enquanto me senti o todo poderoso, divertindo-me com a facilidade que fazia aquela pequena cidade ao fundo desaparecer, perante meu punho cerrado, pelo menos daquela perspectiva. O próprio pássaro, com seus problemas, que se mostravam bem maiores que cidades inteiras naquele momento. Aos poucos, meus olhos foram esmiuçando aquela cena, minha mente se perdeu em pensamentos, e num surto de transcendência, como se o próprio Deus permitisse, mesmo que por um momento, sentir-me na pele que meus anseios tinham de fato fundamento, vi-me no corpo do próprio pássaro: a minha volta há um mundo, vôos de alturas exorbitantes, vistas maravilhosas e eu me encontro preso no primeiro passo, o primeiro salto, quanto mais eu me concentrava mais o som da mãe auxiliando se tornava mais distante, a minha frente não há um som reconfortante, somente uma serpente armada para dar o bote.

---

ULISSES NUNES ROCHA (Pseudônimo: Cacto do Ártico) nasceu, em Maracanaú em 1998. cursou o Ensino Médio na Escola Profissionalizante Luiz de Gonzaga Fonseca Motae. Atualmente, é aluno do Curso de Engenharia de software da UFC. Além da música, dedica-se aos contos. Grande apreciador de música nordestina e amante dos instrumentos de corda, especialmente violino. Seus autores preferidos são: Edgar Allan Poe e H. P Lovecraft

Diante dos meus olhos vejo, quase como um filme, um homem que mesmo sem asas deu o seu primeiro salto, voou mais alto que qualquer criatura, foi realmente livre, meu querido Ícaro queria poder me liberar do peso que pus em minhas próprias asas e imitá-lo, mas como a cola em suas asas derreteu e o derubou, a minha consciência me prende a esse ninho como raízes centenárias. O filme foi esvaindo-se de minha vista, o homem já não se torna mais visível em meio à queda livre, pelo contrário, o homem não é real, somente a serpente é real, tão real e traiçoeira que só em olhar-me fez pensar o sentido do primeiro passo? É bem capaz que ela cria asas só para me alcançar e me abocanhar de qualquer forma. Não faz sentido, não tem lógica, o pulo para o abismo é o mesmo que ficar parado e esperar que ela me ataque.

Estamos todos em queda livre.

Esta é minha escolha.

Adeus Ícaro.

## INTEMPESTIVA PRIMAVERA

Zélia Maria Sales Ribeiro

Nem a família nem os vizinhos da ruazinha estreita do Lagamar sabem que ela frequenta os motéis baratos de alta rotatividade. Arranja os clientes ali mesmo pelo Centro, onde vende café, chá e cigarro. Na verdade um chamariz, um disfarce. Seu homem faz vista grossa, leva o dele, trabalhar não é pra qualquer um. Mas, vez por outra, quebra o acordo, quebra a casa, quebra a moça. Chegou a cortar de faca o cabelo da pequena.

Semana passada, marcou com um mototaxista que lhe comprou cigarro na Praça da Lagoinha. Disse que se chamava Bartolomeu, ou Baltazar, coisa assim. Deixou o suporte com as garrafas na banca de revistas, o jornaleiro é seu chapa, e dirigiu-se para a rua Pedro I, onde fica o Solove. O cara já estava ali por perto, fingia interesse numas ferragens na banca da esquina. Sem o capacete, de pé, parecia mais baixo, mais atarracado. Ela foi deslizando pelo pé da parede até desaparecer atrás da proteção de napa que disfarça a entrada do motel. Entrou, ele veio logo atrás, ficaram lado a lado, como se não estivessem ali pelo mesmo motivo, calados, naquela semiescuridão. Ele pagou o quarto, subiram.

Ela saiu do banheiro, acendeu um cigarro dos dele e se jogou sobre a cama. Fumavam. Ele andava pelo quarto, olhava um calendário pregado na parede, passeava os olhos pelo teto. Ouviam-se os carros buzinando lá fora, as vozes dos ambulantes. Ela muito à vontade. Com o costume foi deixando de se importar com a flacidez dos seios, com os pneuzinhos, com a cicatriz da cesariana. Ele sentou-se. O pestanejar preguiçoso, os cílios parecendo pesar sobre o olhar verde desmaiado, olhando-a como se quisesse adivinhar alguma coisa: por que tu não

---

ZÉLIA MARIA SALES RIBEIRO (Pseudônimo: Luisa Santiago) é cearense de Itapajé. Graduada em Letras (UECE) e especialista em Investigação Literária (UFC). Professora de Língua Portuguesa e regente de sala de leitura, onde desenvolve projetos de incentivo à leitura e à escrita. Tem dois livros publicados no gênero conto: *A cadeira de barbeiro* (2015) e *O desespero do sangue* (2018), ambos pelo selo Luazul Edições.

deixa o cabelo crescer? Ah, assim é melhor, lavo todo dia... num suspiro demorado soltou uma bafurada de fumaça, bateu a cinza no chão. Com esse calor...

Ainda vestido, ele deitou-se, beijou-lhe o pescoço e os seios amparando-os nas mãos. Desceu, volitou na geografia do umbigo, voou mais baixo, abelha jandaíra desbravando o corpo da moça desabrochando em intempestiva primavera. Sorveu demorado o néctar, gemendo baixinho como se sentisse uma dor fina, minha princesa, cheirosa, minha flor... coisa linda, coisa doce. Os homens sempre dizem que se parece com uma menina, assim duas vezes descoberta, talvez por causa da avó índia. Habilidosas mãos. Brincou com o desenho das pétalas, o viscoso estigma. O toque delicado agora resvalava pelo favo profundo se desmanchando em mel. Podemos?, já tirando um dispositivo que trazia por baixo da jaqueta. Ela tinha visto algo parecido em um anúncio de sex shop. Considerou as proporções. Se ele pagasse um adicional...

Foi um vendaval. Falou palavrão, quis gritar, esperneou, quase acerta o joelho no rosto dele. Calma, menina... Então o tempo virou. Virou. Ele começou a dar-lhe pancadinhas nas costas, material flexível, macio, atóxico, dizia o anúncio. Ela ria, isso nunca, ele lhe mordida os ombros, a nuca, a anca. Então começou tudo de novo. Ela serenou, os bons ventos sopravam a vela de lençóis levando os dois para longe, agora o barulho da rua não chegava ali. Ela fechou os olhos, começou a flutuar, depois da tempestade vem a... como é mesmo que se diz? Ai Jesus ai Jesus... era quase uma reza.

Sugada, consolada, refestelada. Ele beijou-lhe os cabelos e saiu apressado, tinha uma corrida marcada e estava em cima da hora. Ela se vestiu sem pressa e desceu a escada pulando dois degraus de cada vez. O cabelo molhado, pingando, um frescor no pescoço, nas pernas, na alma. Era o *rush* das seis horas, mas ela caminhava livre pelas calçadas, não havia obstáculos, transeuntes, carrinhos de lanches, bancas de roupas. Levitava. Pegou o suporte na banca, se encaminhou para a parada de ônibus na Praça Coração de Jesus, não iria mais trabalhar nesse dia.

Faz uma semana que não acha chão, procura por ele na Praça da Lagoinha, na Praça José de Alencar, no ponto de mototáxis perto do Beco da Poeira. Ontem se aventurou com o suporte de madeira, com o peso das duas garrafas de café mais uma de chá, os cigarros, os copos descartáveis, desceu até a Praça da Estação, seguiu pela Castro e Silva e voltou pela Major Facundo até a Praça do Ferreira. Bateu pernas ali pela Pedro I. Sabe que era uma moto preta, capacete preto também, a jaqueta marrom. Mas o rosto...

Nessa expedição tem vendido além da média. Nem precisou fazer programa, até deu uma desculpa para o velho do Totolec. Esse Baltazar ou Meneleu... Não seria na verdade uma Ana Paula... ou Conceição...? Se fosse possível, dessa vez iria prestar atenção no desenho da boca, no movimento dos lábios perguntando "Por que tu não deixa o cabelo crescer?", ao falar minha princesa, minha flor... O pessoal que faz programa não beija cliente, mas sempre tem uma primeira vez. E se for mulher? Não tirou nem a roupa... Talvez não seja... uma mulher conhece outra... será? Só queria tirar a prova.

Mais tarde vai passar no mercadinho pra comprar café, açúcar, amanhã bota uma colher a mais, pra ficar mais encorpado. Quando o produto é bom, o cliente paga com gosto, volta, procura. Amanhã vai descer pela 24 de Maio até a Clarindo de Queiroz, ali tem várias lojas pra motoqueiros onde vendem peças, acessórios, capas, tem a Clínica dos Capacetes na esquina. Está pensando em deixar o cabelo crescer.

## **BIÊNIO 2018/2020**

### **DIRETORIA-EXECUTIVA**

PRESIDENTE:

**Alcimor Aguiar Rocha Junior**

VICE-PRESIDENTE ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO:

**Luiz Fernando Porto Mota**

VICE-PRESIDENTE DE PLANEJAMENTO E CONTROLE:

**Eliardo Silveira Santos**

VICE-PRESIDENTE COMERCIAL:

**Jaime de Paula Pessoa Neto**

VICE-PRESIDENTE SOCIAL:

**Sergio de Assis Esteves**

VICE-PRESIDENTE DE ESPORTES:

**Antonio Carlos Bezerra Aragão**

DIRETOR-ADMINISTRATIVO:

**Gustavo Porto**

DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE:

**Alexandre Adolfo Alves Neto**

DIRETOR-FINANCEIRO:

**Francisco José Mateus**

DIRETOR DE SECRETARIA:

**Luis Santos Neto**



DIRETOR-SOCIAL:  
**Amarílio Cavalcante Neto**

DIRETORA-SOCIAL:  
**Rosa Maria Aguiar Rebouças**

DIRETORA DE EVENTOS:  
**Samyra Guedis Guimarães**

DIRETOR-COMERCIAL:  
**Ednardo de Assis**

DIRETOR DE ESPORTES  
**Manuel José Brito Jucá**

DIRETOR DE CULTURA E ARTE:  
**Carlos Augusto Viana**

DIRETOR-JURIDICO:  
**Manoel Castelo Branco Camurça**

CONSELHO FISCAL

PRESIDENTE:  
**Fernando Pontes**

TITULARES:  
**José Cid Alves do Nascimento**  
**José Ricardo Montenegro Cavalcante**

SUPLENTES:  
**Carlos Gualter Gonçalves Lucena**  
**Juvenal Duarte Neto**  
**Pedro Paulo Tavares Vale**

## CONSELHO DELIBERATIVO

Amarílio Cavalcante Junior  
Presidente

Victor Cesar da Frota Pinto  
Vice-Presidente

Armando Campos de Oliveira Junior

Carlos Augusto Miranda de Moraes

Cesar Silva Pontes

Cláudio Moreira Philomeno Gomes

Eilson Oliveira Studart Fonseca

Expedito Edilson Mota Borges

Fernando Antonio de Assis Esteves

Francisco José Maia de Aragão

José Geldo Machado de Oliveira

José Glauco Lobo Filho

Josué Viana de Castro

Marconi José Figueiredo de Alencar

Overton Rosa Mota

Paulo Rossas Mota

Roberto de Mendonça Studart

Tales Montano de Sá Cavalcante

Valmir Pontes Filho

Walber Pinto Vieira

## CONSELHO CONSULTIVO

José Tupinambá Gomes Barreira  
Presidente

### MEMBROS

Adrisio Barbosa Câmara Júnior

Antonio Gil Fernandes Bezerra

Carlos Alberto Cavalcante Farias

Cláudio Lima Albuquerque

Edson Carvalho Ventura

Fabiano José de Sindou e Costa

Frederico Pinheiro Magalhães

João Batista Fujita

João Pontes Dias

João Pontes Mota

José Amílcar A. Paula Pessoa

José Carlos Valente Pontes

Lineu Juca Martins

Luiz Irapuan Hermes Nobre

Mirtíl Meyer Ferreira

Paulo Roberto Otoch Baquit

Pedro Henrique Saraiva Leão

Pedro Paulo Carapeba

Roberto Fiuza Maia

Róscio Aguiar Rebouças

Rui Novais Dias

Sergio José Leal Jereissati

Stênio Dantas de Araújo

Walder Ary

## PRÊMIO IDEAL CLUBE DE LITERATURA – 2019

- 290º ano de nascimento de Cláudio Manuel da Costa
- 190º ano do nascimento de José de Alencar
- 180º ano do nascimento de Machado de Assis
- 180º ano do nascimento de Casimiro de Abreu
- 150º ano do nascimento de Clóvis Beviláqua
- 110º ano do nascimento de Patativa do Assaré
- 100º ano da publicação de Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá, de Lima Barreto
- 80º ano da publicação de Riacho Doce, de José Lins do Rego
- 80º ano da publicação de As Três Marias, de Rachel de Queiroz
- 70º ano da publicação de O Tempo e o Vento, de Érico Veríssimo
- 60º ano da publicação de História da Literatura Ocidental, de Otto Maria Carpeaux
- 50º ano da publicação de Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres, de Clarice Lispector
- 40º ano da publicação de O Tupi e o Alaúde: uma interpretação de Macunaíma, de Gilda de Mello Sousa
- 30º ano da publicação de 1968: o ano que não terminou, de Zeunir Ventura
- 20º ano da publicação de O Vampiro que Descobriu o Brasil, de Ivan Jaf
- 10º ano da publicação de Chico Buarque; A História das Canções de Wagner Homem

# HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva  
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heróico o brado retumbante,  
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,  
Brillhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade  
Conseguimos conquistar com braço forte,  
Em teu seio, ó Liberdade,  
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido  
De amor e de esperança à terra desce,  
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,  
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,  
És belo, és forte, impávido colosso,  
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,  
Ao som do mar e à luz do céu profundo,  
Fulguras, ó Brasil, florão da América,  
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;  
“Nossos bosques têm mais vida”,  
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo  
O lábaro que ostentas estrelado,  
E diga o verde-louro desta flâmula  
– Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,  
Verás que um filho teu não foge à luta,  
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

# HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Pompeu Lopes Ferreira

Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!  
Soa o clarim que a tua glória conta!  
Terra, o teu nome, a fama aos céus remonta  
Em clarão que seduz!  
- Nome que brilha, esplêndido luzeiro  
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!  
Chuvas de prata rolem das estrelas...  
E, despertando, deslumbrada ao vê-las,  
Ressoe a voz dos ninhos...  
Há de aflorar, nas rosas e nos cravos  
Rubros, o sangue ardente dos escravos!

Seja o teu verbo a voz do coração,  
- Verbo de paz e amor, do Sul ao Norte!  
Ruja teu peito em luta contra a morte,  
Acordando a amplidão.  
Peito que deu alívio a quem sofria  
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!  
Vento feliz conduza a vela ousada;  
Que importa que teu barco seja um nada,  
Na vastidão do oceano,  
Se, à proa, vão heróis e marinheiros  
E vão, no peito, corações guerreiros?!

Sim, nós te amamos, em ventura e mágoas!  
Porque esse chão que embebe a água dos rios  
Há de florar em messes, nos estios  
Em bosques, pelas águas!  
Selvas e rios, serras e florestas  
Brotem do solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal,  
Sobre as revoltas águas dos teus mares!  
E, desfraldando, diga aos céus e aos ares  
A vitória imortal!  
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,  
E foi, na paz, da cor das hóstias brancas!

**Mesa Diretora  
2019-2020**

**Deputado José Sarto**  
Presidente

**Deputado Fernando Santana**  
1º Vice-Presidente

**Deputado Dannel Oliveira**  
2º Vice-Presidente

**Deputado Evandro Leitão**  
1º Secretário

**Deputada Aderlânia Noronha**  
2ª Secretária

**Deputada Patrícia Aguiar**  
3ª Secretária

**Deputado Leonardo Pinheiro**  
4º Secretário



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

# **INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ**

**Inesp**

**João Milton Cunha de Miranda**

Presidente

**Gráfica do Inesp**

**Ernandes do Carmo**

Coordenador

**Rachel Garcia e Valquiria Moreira**

Assistentes Editoriais

**Luzia Rolim**

Assessora de Comunicação

**Cleomarcio Alves (Marcio), Edson Frota, Francisco de Moura,**

**Hadson França e João Alfredo**

Equipe de Acabamento e Montagem

**Aurenir Lopes e Tiago Casal**

Equipe de Produção em Braille

**Mário Giffoni**

Diagramação

**José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)**

Equipe de Design Gráfico

**Lúcia Maria Jacó Rocha e Vânia Monteiro Soares Rios**

Equipe de Revisão

**Maria Marluce Studart Vieira, Marta Leda Miranda Bezerra e Milena**

**Saraiva Leão Vieira**

Equipe Auxiliar de Revisão

**E-mail:** [presidenciainesp@al.ce.gov.br](mailto:presidenciainesp@al.ce.gov.br)

**Fone:** (85) 3277-3701



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará  
Av. Desembargador Moreira 2807,  
Dionísio Torres, CEP 60170-900, Fortaleza, Ceará,  
Site: [www.al.ce.gov.br](http://www.al.ce.gov.br)  
Fone: (85) 3277-2500



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

**Mesa Diretora  
2019-2020**

**Deputado José Sarto**  
Presidente

**Deputado Fernando Santana**  
1º Vice-Presidente

**Deputado Dannel Oliveira**  
2º Vice-Presidente

**Deputado Evandro Leitão**  
1º Secretário

**Deputada Aderlânia Noronha**  
2ª Secretária

**Deputada Patrícia Aguiar**  
3ª Secretária

**Deputado Leonardo Pinheiro**  
4º Secretário



Escaneie o QR CODE  
e acesse nossas  
publicações